
Geração de imagens artificiais e quantização
aplicadas a problemas de classificação

Gabriela Salvador Thumé

SERVIÇO DE PÓS-GRADUAÇÃO DO ICMC-USP

Data de Depósito:

Assinatura: _____

Gabriela Salvador Thumé

**Geração de imagens artificiais e quantização aplicadas a
problemas de classificação**

Dissertação apresentada ao Instituto de Ciências
Matemáticas e de Computação – ICMC-USP,
como parte dos requisitos para obtenção do título
de Mestra em Ciências – Ciências de Computação
e Matemática Computacional. *EXEMPLAR DE
DEFESA*

Área de Concentração: Ciências de Computação e
Matemática Computacional

Orientador: Prof. Dr. Moacir Antonelli Ponti
Coorientador: Prof. Dr. João do Espírito Santo
Batista Neto

USP – São Carlos
Março de 2016

Ficha catalográfica elaborada pela Biblioteca Prof. Achille Bassi
e Seção Técnica de Informática, ICMC/USP,
com os dados fornecidos pelo(a) autor(a)

T634g Thumé, Gabriela Salvador
Geração de imagens artificiais e quantização
aplicadas a problemas de classificação / Gabriela
Salvador Thumé; orientador Moacir Antonelli Ponti;
coorientador João do Espírito Santo Batista Neto. -
São Carlos - SP, 2016.
88 p.

Dissertação (Mestrado - Programa de Pós-Graduação
em Ciências de Computação e Matemática Computacional)
- Instituto de Ciências Matemáticas e de Computação,
Universidade de São Paulo, 2016.

1. Processamento de imagens. 2. bases de
dados desbalanceados. 3. geração de imagens.
4. quantização. 5. classificação de imagens. I.
Ponti, Moacir Antonelli, orient. II. Neto, João do
Espírito Santo Batista, coorient. III. Título.

Gabriela Salvador Thumé

Artificial images generation and quantization applied to classification problems

Master dissertation submitted to the Instituto de Ciências Matemáticas e de Computação – ICMC-USP, in partial fulfillment of the requirements for the degree of the Master Program in Computer Science and Computational Mathematics. *EXAMINATION BOARD PRESENTATION COPY*

Concentration Area: Computer Science and Computational Mathematics

Advisor: Prof. Dr. Moacir Antonelli Ponti
Co-advisor: Prof. Dr. João do Espírito Santo Batista Neto

USP – São Carlos
March 2016

AGRADECIMENTOS

Em primeiro lugar agradeço ao professor Dr. Moacir Ponti, por todo o apoio e orientação. Muito obrigada pela oportunidade, principalmente por possibilitar todo o conhecimento adquirido durante esses dois anos de mestrado.

À minha família. Tivemos poucos dias próximos fisicamente, mas vocês sempre estiveram muito perto. À vocês tenho que agradecer por todo amor e companheirismo. Pai e mãe, serei sempre grata por tudo! Maninha, sei que compartilharemos muitos outros momentos nessa vida e obrigada por me deixar ser sua inspiração! Sogros Vilson e Salete piscadinha, obrigada pelos bolinhos de arroz e melancias geladinhas!

Ao amor da minha vida, Vilson Vieira, pelo apoio incondicional. Você é a minha fortaleza! Sei que posso contar com você para alcançar todos os meus sonhos.

Deixo também meu agradecimento à todos os meus amigos maravilhosos. Aos que compartilham os dias de pós-graduação comigo e aos que sempre estiveram presentes ainda que distantes.

À todos os mestrandos e doutorandos do VICG. A pesquisa pode ser um tanto solitária, mas vocês estiveram sempre presentes! Especialmente à galera do Moacir: Vô, Tiagão e Wellington. Tanto pelas conversas no bandejão sobre o mestrado e ideias para a pesquisa, quanto as noites de jogatina. Vô, lembre-se que a vida é curta! Se não aproveitar, a gelatina já vai ter acabado (vide Tiago). Venham jogar *pirates and buccaneers!* ;-)

Agradeço à Deus, por todas as experiências vividas e por todas as pessoas maravilhosas que colocaste em minha vida.

Ao CNPq, processo nº 130098/2015-9, pelo auxílio financeiro.

“No one saves us but ourselves. No one can and no one may. We ourselves must walk the path.”

(Paul Carus)

RESUMO

THUMÉ, G. S.. **Geração de imagens artificiais e quantização aplicadas a problemas de classificação.** 2016. 88 f. Dissertação (Mestrado em Ciências – Ciências de Computação e Matemática Computacional) – Instituto de Ciências Matemáticas e de Computação (ICMC/USP), São Carlos – SP.

Cada imagem pode ser representada como uma combinação de diversas características, como por exemplo o histograma de intensidades de cor ou propriedades de textura da imagem. Essas características compõem um vetor multidimensional que representa a imagem. É comum esse vetor ser dado como entrada para um método de classificação de padrões que, após aprender por meio de diversos exemplos, pode gerar um modelo de decisão. Estudos sugerem evidências de que a preparação das imagens – por meio da especificação cuidadosa da aquisição, pré-processamento e segmentação – pode impactar significativamente a classificação. Além da falta de tratamento das imagens antes da extração de características, o desbalanceamento de classes também se apresenta como um obstáculo para que a classificação seja satisfatória. A proposta desta dissertação é melhorar a classificação de imagens utilizando métodos de processamento de imagens antes da extração de características. Especificamente analisar a influência do balanceamento de bases de dados e da quantização na classificação. Esse estudo analisa ainda a visualização do espaço de características após os métodos de geração artificial de imagens e de interpolação das características extraídas das imagens originais (SMOTE), contracenando com o espaço original. A ênfase dessa visualização se dá na facilidade de observação da importância do rebalanceamento das classes quando comparado com valores de métricas estatísticas, como a acurácia da classificação. Os resultados indicam que a quantização simplifica as imagens antes da extração de características e posterior redução de dimensionalidade, produzindo vetores mais compactos; e que o rebalanceamento de imagens com geração de imagens artificiais pode melhorar a classificação da base de imagens, em relação à classificação original e ao uso de métodos no espaço de características já extraídas. A principal contribuição desta pesquisa é a investigação de métodos que melhorem a classificação de imagens ao obter melhores espaços de características.

Palavras-chave: Processamento de imagens, bases de dados desbalanceados, geração de imagens, quantização, classificação de imagens.

ABSTRACT

THUMÉ, G. S.. **Geração de imagens artificiais e quantização aplicadas a problemas de classificação.** 2016. 88 f. Dissertação (Mestrado em Ciências – Ciências de Computação e Matemática Computacional) – Instituto de Ciências Matemáticas e de Computação (ICMC/USP), São Carlos – SP.

An image can be represented as a combination of several features like histograms or texture properties. Those features are composed in a multidimensional vector, which represents the original image. Commonly this vector is given as input to a classification method that can indicate how much separated are the images. The literature suggests that image processing steps like accute acquisition, preprocessing and segmentation can positively impact such classification. Besides that, class unbalancing is also a barrier to achieve good classification accuracy. Some features and methods can be explored to improve objects' description, thus their classification. Possible suggestions include: reducing color's number before feature extraction instead of applying quantization methods to vectors already extracted; and generating synthetic images by means of original ones to balance the number of samples in an uneven dataset. We propose to improve image classification using image processing methods before feature extraction. Specifically we want to analyse the influence of both balancing and quantization methods while applied to datasets in a classification routine. This research also analyses the visualization of feature space after the artificial image generation and feature interpolation (SMOTE), against to original space. Such visualization is used because it allows us to know how important is the rebalacing method when compared with statistical metrics. The main contribution of this research is in methods to improve image classification by obtaining a better feature space.

Key-words: Image processing, unbalanced datasets, image generation, image quantization image classification.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1 – Etapas canônicas do reconhecimento de padrões desde a aquisição da imagem até sua posterior classificação.	3
Figura 2 – Visualização pixelizada de uma imagem da base COREL-1000.	8
Figura 3 – Sobre a imagem RGB de entrada foram realizadas operações de borramento, realce e de equalização de histograma. A imagem à direita é resultante dessas operações.	9
Figura 4 – Exemplo de filtragem Gaussiana como operação de pré-processamento. . . .	11
Figura 5 – A imagem original, já em escala de cinza, foi realçada utilizando o método <i>unsharp masking</i>	12
Figura 6 – Conversão para a escala de cinza com os métodos utilizados nessa pesquisa. O método MSB resulta em uma imagem com 8 bits (64 cores) e os outros em 256 cores.	14
Figura 7 – Método SMOTE: interpolação entre dois exemplos vizinhos no espaço de características.	19
Figura 8 – O pipeline de reconhecimento de imagens pode envolver uma etapa de conversão de imagens coloridas em imagens em escala de cinza, obtendo uma imagem quantizada que pode ser então processada por métodos de extração de características. O vetor com essas características é então dado como entrada a algum método de classificação.	26
Figura 9 – Plano no espaço RGB, computado pelo método de conversão para escala de cinza <i>Intensidade</i> , quando um dos canais de cor (vermelho, verde ou azul) possui valor 255.	27
Figura 10 – Resultado da aplicação de métodos de quantização. A imagem original (a) resultou em versões de um canal de cor com 232 cores únicas para o método (e) MSB e 184 cores para os demais métodos. Ao analisar-se as barras de gradiente, assim como as paletas de cores, observa-se que os métodos <i>Luminância</i> e MSB conseguiram uma melhor discriminação entre cores. . . .	27
Figura 11 – Duas imagens da base de dados <i>Caltech101</i> com variações no parâmetro de cor utilizando o método MSB. Da esquerda para a direita: imagem original 24-bits e suas versões quantizadas com: 256, 64, 32, 16 e 8 cores.	28

Figura 12 – Geração artificial da classe minoritária para rebalancear as classes. Para cada imagem necessária para igualar o número de imagens da base, $1 \leq n \leq 16$ imagens originais são dadas como entrada para uma operação de geração artificial. A nova imagem é utilizada como treinamento da base.	30
Figura 13 – Geração artificial utilizando borramento com filtro bilateral.	31
Figura 14 – Geração artificial utilizando <i>unsharp masking</i>	33
Figura 15 – Geração artificial utilizando adição de ruído de Poisson.	33
Figura 16 – Geração artificial utilizando o método SMOTE no espaço visual.	36
Figura 17 – Geração artificial utilizando uma mistura ponderada de duas imagens. . . .	37
Figura 18 – Geração artificial utilizando uma mistura limiarizada de duas imagens. . . .	37
Figura 19 – Geração artificial utilizando uma mistura de duas imagens a partir da saliência da primeira imagem.	39
Figura 20 – Geração artificial utilizando uma composição de imagens.	40
Figura 21 – Essa figura demonstra o fluxo das operações e os métodos utilizados nos experimentos. Após a aquisição da imagem, ela é convertida para escala de cinza e seus níveis de cor são reduzidos de acordo com um parâmetro da quantização (i.e. número de cores). Dependendo do método, a correção <i>gamma</i> é realizada. A imagem quantizada serve então como entrada para um método de extração de características e posteriormente é classificada com <i>SVM</i> . Uma das etapas de experimentos prevê também a concatenação de todos os vetores extraídos e a seleção das características com <i>LPP</i> antes da classificação.	44
Figura 22 – Bases de imagens utilizadas para os experimentos de quantização.	45
Figura 23 – Resultados para Corel (a), Produce (b) e Caltech (c), utilizando todos os métodos de quantização. Para cada método de extração de características a acurácia é resultante da sua aplicação utilizando 256, 128, 64, 32, 16 e 8 cores, da esquerda para a direita.	47
Figura 24 – Resultados de acurácia média da classificação utilizando o método de quantização MSB considerando 256, 128, 64 e 32 cores com o método de extração de características BIC. Os boxplots em cinza correspondem às significâncias estatísticas com $p < 0.01$ quando comparado à acurácia de 256 cores.	48
Figura 25 – Acurácia média da classificação após a utilização do método de quantização ‘ <i>Luminância</i> ’ considerando 256, 128, 64 e 32 cores com o descritor Haralick. Os boxplots em cinza correspondem às significâncias estatísticas com $p < 0.01$ quando comparado à acurácia de 256 cores.	48

Figura 26 – Resultados de acurácia para os método MSB (quantização), LPP (redução de dimensionalidade) e BIC (extração de características). A comparação do LPP versus MSB foi realizada com a mesma dimensionalidade. Os boxplots em cinza correspondem às significâncias estatísticas com $p < 0.01$ quando comparado a acurácia de 256 cores.	49
Figura 27 – Comparação da acurácia alcançada com diferentes métodos de quantização: <i>Gleam</i> , <i>Intensidade</i> ', <i>Luminância</i> ' e MSB. Inicialmente as imagens foram convertidas para escala de cinza com esses quatro métodos e foram dadas como entrada para todos os métodos de extração. O vetor de características resultante com $D = 2310$ sofreu então redução da dimensionalidade com o método LPP para $d = 1160, 582, 294$ e 150	50
Figura 28 – Comparação da acurácia com o uso da projeção LPP e o método MSB para quantização das imagens com o objetivo de redução de dimensionalidade.	50
Figura 29 – Resultados para a projeção do LPP sobre o espaço de características produzido pelo método de quantização MSB utilizando 256 ($d = 2310$) e 64 cores ($d = 582$)	51
Figura 30 – Fluxo de operações para obtenção dos resultados do rebalanceamento de classes	54
Figura 32 – Classes <i>Cavalo</i> e <i>Elefante</i> utilizadas neste experimento. São duas classes bem discriminadas com 100 imagens cada, originalmente da base de imagens Corel.	57
Figura 33 – Exemplo da geração artificial de imagens com o método de mistura para as classes <i>Elefante</i> e <i>Cavalo</i> da Corel-1000.	57
Figura 34 – À esquerda a projeção dos dois componentes principais obtidos com a aplicação de PCA nas classes <i>Elefante</i> – em azul – e <i>Cavalo</i> – em verde. À direita, as mesmas classes após a remoção de 50% das imagens de treino da classe <i>Cavalo</i> . A diferença dos marcadores consiste na definição de imagens para treino e teste não existente nas classes originais.	59
Figura 35 – Resultados de <i>f1-score</i> para as classes <i>Cavalo</i> e <i>Elefante</i> da base Corel. Foi utilizado <i>BIC</i> como método de extração de características e <i>Intensidade</i> ' como método de conversão em escala de cinza. Para essa combinação, a geração de imagens utilizando mistura se mostrou favorável.	60
Figura 36 – Comparação dos exemplos de treinamento da geração com SMOTE e no campo visual. Em laranja estão representados os novos exemplos, projetados no plano da base original balanceada.	61
Figura 37 – Resultado do teste da classificação com 1-NN após o treinamento realizado com as bases rebalanceadas. A cor no interior dos marcadores quadrados representa a classe real dos exemplos e a borda representa a classe predita pelo classificador.	62

Figura 38 – Região de decisão com K-NN (K = 1). Pode ser observado que em ambas técnicas a região da classe minoritária apresenta-se melhor representada. Além disso, é possível verificar que o SMOTE ocasionou uma certa “invasão” do espaço de características da classe majoritária.	63
Figura 39 – Melhores subespaços encontrados após a geração de novos exemplos para o SMOTE e para a geração artificial de imagens, e após a remoção de imagens para a projeção dos dados desbalanceados. Pode-se notar que a geração de imagens artificiais proporciona a criação de um subespaço que melhor discretiza as classes, quando comparado com SMOTE ou com a base desbalanceada.	64
Figura 40 – Visualização do impacto do método de extração de características na separação entre classes. Possível verificar que o BIC utiliza as intensidades como principal representação de uma imagem.	65
Figura 43 – Conversão em escala de cinza com MSB e HOG como método de extração de características.	67
Figura 45 – Imagens representativas das classes <i>Praia</i> e <i>Montanha</i> da base de imagens Corel.	69
Figura 46 – Geração artificial utilizando o método de <i>saliência</i> em duas imagens da classe <i>Praia</i> da base de imagens Corel.	69
Figura 47 – Base de imagens Corel-1000. <i>Fonte:</i> (PONTI; NAZARÉ; THUMÉ, 2016).	71
Figura 48 –	71
Figura 49 – Base de imagens Caltech101. <i>Fonte:</i> (PONTI; NAZARÉ; THUMÉ, 2016).	72
Figura 50 – Base de imagens <i>Produce</i> . <i>Fonte:</i> (PONTI; NAZARÉ; THUMÉ, 2016).	74
Figura 51 –	75
Figura 52 –	76
Figura 53 –	77
Figura 54 –	78
Figura 55 – Artigo publicado na <i>Neurocomputing</i> , referente a quantização de imagens. <i>Fonte</i> < http://www.sciencedirect.com/science/article/pii/S0925231215012771 >.	82

LISTA DE ALGORITMOS

Algoritmo 1 – SMOTE: método para rebalancear classes	18
Algoritmo 2 – K-NN: método de classificação supervisionada	20
Algoritmo 3 – Geração artificial: borramento com filtro bilateral	31
Algoritmo 4 – Geração artificial: aguçamento	32
Algoritmo 5 – Geração artificial: ruído de Poisson	34
Algoritmo 6 – Geração artificial: SMOTE visual	35
Algoritmo 7 – Geração artificial: mistura ponderada	36
Algoritmo 8 – Geração artificial: mistura limiarizada	38
Algoritmo 9 – Geração artificial: mistura saliente	39
Algoritmo 10 – Geração artificial: composição	41

LISTA DE TABELAS

Tabela 1 – Resultados de <i>f1-score</i> para as classes <i>Cavalo</i> e <i>Elefante</i> , utilizando <i>Gleam</i> como método para conversão em escala de cinza e <i>ACC</i> para extração de características.	67
Tabela 2 – Resultados de <i>f1-score</i> para as classes <i>Cavalo</i> e <i>Elefante</i> , utilizando <i>MSB</i> como método para conversão em escala de cinza e <i>HOG</i> para extração de características.	68
Tabela 3 – Resultados de <i>f1-score</i> para as classes <i>Praia</i> e <i>Montanha</i> , utilizando <i>Luma</i> como método para conversão em escala de cinza e <i>CCV</i> para extração de características.	70
Tabela 4 – Resultados de <i>f1-score</i> para as 10 classes da Corel, utilizando <i>Gleam</i> como método para conversão em escala de cinza e <i>LBP</i> para extração de características	72
Tabela 5 –	73
Tabela 6 –	74
Tabela 7 –	76
Tabela 8 –	77
Tabela 9 – Resultados de <i>f1-score</i> para as classes <i>Tubarão</i> e <i>Peixe</i> , utilizando <i>Gleam</i> como método para conversão em escala de cinza e <i>HOG</i> para extração de características	78
Tabela 10 –	79

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

- ACC *Auto Color Correlogram*
BIC *Border-interior classification*
CCV *Color Coherence Vector*
EM-ML .. *Expectation-Maximization Maximum Likelihood*
GCH *Global Color Histogram*
HOG *Histogram of oriented gradients*
HSD *Honest Significant Difference*
K-NN *K-Nearest Neighbors*
LBP *Local Binary Patterns*
LPP *Locality preserving projections*
MSB *Most Significant Bits*
PCA *Principal Component Analysis*
SMOTE .. *Synthetic Minority Over-sampling Technique*
SVM *Support Vector Machines*

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO	1
1.1	Hipóteses	4
1.2	Contribuições	4
1.3	Estrutura do documento	5
2	FUNDAMENTOS	7
2.1	Considerações iniciais	7
2.2	Pré-processamento de imagens	7
2.2.1	<i>Filtragem espacial e convolução</i>	10
2.2.2	<i>Realce de imagens</i>	11
2.2.3	<i>Quantização</i>	13
2.3	Extração de características	14
2.4	Desbalanceamento de classes	17
2.4.1	<i>Sobreamostragem</i>	18
2.4.2	<i>Subamostragem</i>	19
2.5	Classificador de padrões	20
2.5.1	<i>K-Nearest Neighbors</i>	20
2.6	Redução de dimensionalidade	20
2.6.1	<i>Análise de componentes principais</i>	21
2.6.2	<i>Locality preserving projections</i>	22
2.7	Considerações finais	22
3	QUANTIZAÇÃO DE IMAGENS	25
3.1	Considerações iniciais	25
3.2	Quantização de imagens	25
3.3	Considerações finais	28
4	GERAÇÃO ARTIFICIAL DE IMAGENS	29
4.1	Considerações iniciais	29
4.2	Borramento	30
4.3	Aguçamento	32
4.4	Adição de ruído	33
4.5	SMOTE visual	34
4.6	Mistura ponderada	36

4.7	Mistura limiarizada	37
4.8	Mistura saliente	38
4.9	Composição	40
4.10	Considerações finais	41
5	RESULTADOS: QUANTIZAÇÃO DE IMAGENS	43
5.1	Considerações Iniciais	43
5.2	Experimentos	43
5.2.1	<i>Base de Imagens</i>	44
5.2.2	<i>Protocolo</i>	46
5.2.3	<i>Resultados e Discussão</i>	46
5.3	Considerações Finais	51
6	RESULTADOS: GERAÇÃO ARTIFICIAL DE IMAGENS	53
6.1	Considerações Iniciais	53
6.2	Experimentos	53
6.2.1	<i>Experimento 1: duas classes bem discriminadas</i>	56
6.2.2	<i>Experimento 2: duas classes bem sobrepostas</i>	68
6.2.3	<i>Experimento 3: multiclasses</i>	70
6.2.3.1	<i>Base de imagens Corel</i>	70
6.2.3.2	<i>Base de imagens Caltech</i>	71
6.2.3.3	<i>Base de imagens Tropical</i>	73
6.2.4	<i>Experimento 4: classes naturalmente desbalanceadas</i>	75
6.2.5	<i>Classes Eiffel e ??</i>	75
6.2.6	<i>Classes TrafalgarSquare + MadeleineChurch + Pantheon</i>	76
6.2.7	<i>Experimento 5: classes com muitas imagens</i>	77
6.2.7.1	<i>Classes bem distintas</i>	77
6.2.7.2	<i>Classes similares: Tubarão e Peixe</i>	78
6.3	Considerações Finais	79
7	CONCLUSÕES	81
7.1	Publicações	82
7.2	Trabalhos Futuros	82
Referências		85



INTRODUÇÃO

A tarefa de classificação de imagens consiste em predizer corretamente uma imagem como pertencente a uma classe previamente determinada. Um exemplo prático é a classificação da imagem de um *oceano* como parte de uma classe denominada *praia*. Uma forma de definir que certa imagem pertence à uma classe é especificar todas as regras que a caracterizam. Porém, para a maioria dos casos isso é impossível. Considere imagens coloridas, com três canais de cores e de tamanho 256×256 pixels onde cada um desses 65536 pixels pode ser representado por 256^3 combinações discretas de cores. Essa complexidade pode ser reduzida ao utilizar métodos de extração de características. Tais métodos visam representar uma imagem com um número significativamente menor de valores vetoriais. Utilizando-se tal representação, pode-se desenvolver métodos computacionais que consigam definir e identificar a qual classe pertence a imagem – sem a necessidade de se codificar todas as regras possíveis – por meio de algoritmos de Aprendizado de Máquina. Esses algoritmos possuem capacidade de generalização, crucial para classificar novos exemplos não contidos na base de imagens originalmente utilizada para o seu treinamento. Assim, “aprendem” a determinar a classe correta para as imagens de entrada. Em uma etapa posterior pode-se validar esse aprendizado, aplicando o algoritmo a novos exemplos não contidos no treinamento.

O reconhecimento de padrões em imagens possui aspectos particulares para cada aplicação. Apesar da grande variedade de extratores de características disponíveis, nem sempre é possível representar as imagens de maneira satisfatória. Isso porque existem conjuntos de características que dificultam a diferenciação entre as classes. Um dos objetivos da engenharia de atributos é encontrar quais são essas características que melhor discriminam as classes e, dessa forma, obter melhores resultados na etapa de reconhecimento. Para lidar com a deficiência da extração dessas características, é comum concentrar o maior esforço dessa tarefa no espaço de características já extraídas, utilizando transformações do espaço ou sistemas de classificação complexos. No entanto, imagens obtidas de diferentes fontes, como imagens naturais, de microscopia, telescopia e tomografia, possuem características que podem ser exploradas além

dos métodos clássicos. Por isso é importante investigar métodos de processamento e preparação de imagens antes da etapa extração, ao invés de lidar com a má representação das imagens. O uso desses métodos pode revelar características latentes, não visíveis nas imagens originais. Tais características podem melhor descrever certas classes, pois melhoraram o conjunto de representações de imagens fornecidas à etapa de classificação. Em dois estudos relacionados, é possível identificar a diferença da performance para problemas de classificação de imagens após o uso do pré-processamento. Em , os autores atingem acurácia acima de 98% na classificação de frutas após investigar alterações nos parâmetros de aquisição, realizar o pré-processamento e obter a segmentação. Já em , os autores indicam que o método utilizado para obter a imagem em escala de cinza, pode impactar significativamente a classificação final de diversas bases de imagens.

Considerando que é comum realizar a extração de características a partir da imagem original, sem preocupação com a preparação da imagem, o enfoque desta pesquisa é na etapa de pré-processamento, destacada na Figura 1. Nela, ilustra-se as etapas canônicas do reconhecimento de padrões, desde a aquisição da imagem até sua posterior classificação. As etapas de pré-processamento e segmentação – apresentadas em destaque no *pipeline* – são normalmente pouco exploradas, quando comparadas com as etapas posteriores.

Ao invés de focar em métodos complexos de transformação do espaço de características, propõe-se a redução da complexidade do problema no início do processo do reconhecimento, ao quantizar as imagens antes da extração de características. Embora a quantização normalmente faça parte do *pipeline*, faltam estudos na literatura que descrevam o método de quantização e seus parâmetros. Ao negligenciar essa etapa, perde-se a oportunidade de redução da dimensionalidade do vetor de características e/ou do tempo de execução das etapas posteriores. Dessa forma, esta pesquisa propõe o uso da quantização de imagens com o objetivo de reduzir a dimensionalidade das características extraídas.

O desbalanceamento de classes também se apresenta como um obstáculo para que a classificação de imagens seja satisfatória. Esse problema é caracterizado pela diferença entre o número de exemplos disponíveis para cada classe da base de imagens. Em bases médicas, por exemplo, a quantidade de imagens relacionadas com uma doença rara é menor do que as imagens de pacientes sem a doença. Nessas situações, em que as imagens representam eventos importantes porém menos frequentes, o sistema de classificação pode ter problemas para lidar com a classe minoritária. Normalmente esses sistemas dão preferência à predição da classe majoritária, prejudicando a classificação da minoritária. Muitos métodos de transformação do espaço de características e de classificação assumem que as classes da base estão平衡adas, o que nem sempre é verdade.

Com o objetivo de promover o rebalanceamento de classes, algumas pesquisas sobre os efeitos da sobreamostragem em dados de aprendizado de máquina já foram realizadas ([KUN-CHEVA, 2004; CHAWLA; HALL; BOWYER, 2002](#)). O método mais divulgado na literatura é

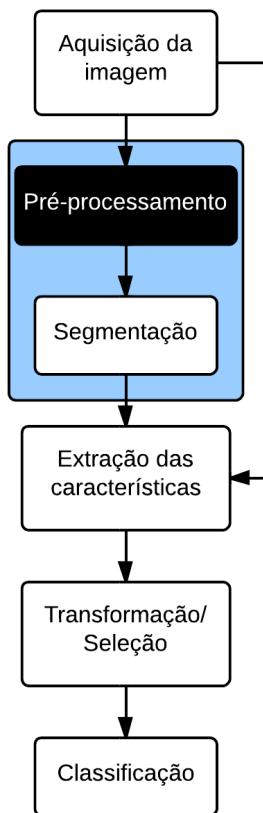


Figura 1 – Etapas canônicas do reconhecimento de padrões desde a aquisição da imagem até sua posterior classificação. As etapas de pré-processamento e segmentação – apresentadas em destaque – são normalmente pouco exploradas, quando comparadas com as etapas posteriores. O enfoque desse estudo é dar maior atenção à etapa de pré-processamento. *Fonte: Elaborado pela autora.*

conhecido como *Synthetic Minority Over-sampling Technique* (SMOTE). Este método propõe a geração de exemplos artificiais a partir dos vetores de características originais das classes minoritárias. Por outro lado, não há registro conhecido de um estudo dessas técnicas em dados de informação *visual* para o rebalanceamento de classes. A geração de imagens artificiais (ou sintéticas) é uma tarefa comum, mas não para o rebalanceamento de classes. Em ??), os autores utilizam um modelo gerativo de uma CNN (*Convolutional Neural Network*) para sintetizar imagens realistas. Essas imagens foram geradas, mas não utilizadas como entrada para um algoritmo de classificação ou no treinamento da própria rede. Propõe-se, portanto, a geração de imagens artificiais a partir do processamento das imagens originais, com o objetivo de rebalancear a base de imagens e consequentemente o modelo criado para a classificação. A fim de validar o método proposto, este é comparado com o SMOTE.

De maneira sumária, **esta pesquisa busca melhorar a classificação de imagens, com foco no rebalanceamento de classes e na quantização de imagens, ambos aplicados antes da extração de características.** Os resultados obtidos, posteriormente apresentados nos Capítulos 5 e 6, demonstram o potencial do processamento de imagens antes da extração de características.

Além disso, é fornecido uma visualização do espaço de características após o rebalanceamento das classes, crucial para analisar se as novas características extraídas são relevantes, ou seja, se adicionam informações que estavam latentes ao aprendizado. Os resultados também demonstram que a quantização das imagens permite obter vetores de características mais compactos e, ao mesmo tempo, com maior capacidade de discriminação entre classes.

1.1 Hipóteses

Conforme anteriormente mencionado, muitos aspectos influenciam a performance da classificação de coleções de imagens. É comum encontrar bases cuja extração de características é considerada difícil. Ou seja, nas quais algoritmos canônicos de extração não conseguem extrair características que diferenciem bem as classes, prejudicando sua posterior classificação. Nessa situação, normalmente tenta-se lidar com as particularidades das características extraídas através de transformações no espaço de atributos ou mesmo projetando classificadores mais elaborados. Acredita-se que, ao invés disso, é importante investigar métodos de processamento e preparação de imagens antes da extração das características.

O objetivo desta pesquisa é explorar as etapas do processamento de imagens com o intuito de melhorar a discriminação entre classes de uma coleção de imagens. **Utilizar um número reduzido de cores – juntamente com um método de quantização apropriado, antes da extração de características – pode permitir obter vetores de características mais compactos e com maior capacidade de discriminação entre classes.** Melhorando, assim, a classificação e diminuindo a complexidade do sistema. Além disso, analisa-se como diferentes métodos de quantização afetam ambas extração de características e posterior redução de dimensionalidade.

O desbalanceamento de classes é um obstáculo para uma classificação satisfatória, por isso também é estudado. A hipótese, nesse caso, é que **a geração de imagens artificiais como preparação para a extração de características pode melhorar a acurácia da classificação, quando comparada à geração de exemplos artificiais no espaço de atributos.** Ou seja, gerar novas imagens artificiais — que serão posteriormente reduzidas a atributos — pode apresentar melhores resultados para a classificação do que o *bootstrap* de atributos artificiais. Esse método é comparado com o SMOTE, técnica de sobreamostragem dos vetores de características ao interpolar os exemplos mais próximos.

1.2 Contribuições

Contribuição geral

Investigar os métodos de pré-processamento de imagens de forma a preparar uma coleção de imagens para a extração de características. Com isso, espera-se observar o efeito da

quantização de imagens e do balanceamento do número de instâncias de diferentes classes na classificação.

Contribuições específicas

- Demonstrar que é possível obter vetores de características compactos e efetivos ao extrair características de imagens com níveis reduzidos de intensidade a um custo computacional baixo. Reduzindo assim, o tamanho do vetor de características de métodos de descrição de cor após a quantização, e possibilitando a redução do tempo de processamento para os métodos de descrição de textura;
- Demonstrar que a geração de imagens artificiais utilizando métodos de processamento — como borramento, mistura e combinação de imagens — pode contribuir com o balanceamento entre classes (em se tratando de problemas de classes desbalanceadas). Melhorando, dessa forma, o *f1-score* resultante de algoritmos de classificação, quando comparada à geração de exemplos artificiais no espaço de atributos (SMOTE) e à classificação da base original.

Contribuições em código

O código desenvolvido durante esta pesquisa, no que tange a geração artificial, está disponibilizado em <<https://github.com/GabiThume/msc-src>>. Já a implementação da quantização está disponível em <<http://dx.doi.org/10.5281/zenodo.15932>>. Esses repositórios correspondem à última versão do código para possível reprodução da pesquisa.

1.3 Estrutura do documento

Esta dissertação inicia apresentando os fundamentos necessários para a definição dos métodos utilizados nos experimentos. Esses métodos são então discutidos e, após, os resultados da quantização e da geração artificial são mostrados. O conteúdo está estruturado como segue.

Capítulo 2: são conceituados os principais fundamentos necessários para o desenvolvimento desta pesquisa: pré-processamento de imagens, extração de características, desbalanceamento de classes, redução de dimensionalidade e a classificação de imagens.

Capítulo 3: a redução do número de intensidades de cor utilizando métodos de quantização antes da etapa de extração de características é descrita.

Capítulo 4: descreve-se os métodos de processamento utilizados para a geração artificial de imagens – sobre as imagens originais – com o objetivo de rebalancear classes.

Capítulo 5: os resultados obtidos com a quantização de imagens são apresentados e discutidos.

Capítulo 6: os experimentos com a geração de imagens artificiais para o rebalanceamento de classes são apresentados e seus resultados discutidos.

Capítulo 7: conclui as contribuições deste trabalho e apresenta os trabalhos futuros.



FUNDAMENTOS

2.1 Considerações iniciais

Neste capítulo são destacados os tópicos mais relevantes para a compreensão da metodologia e análise dos resultados desse trabalho, com foco na preparação das imagens para a extração de características. O problema do desbalanceamento de classes e seu efeito na classificação também são abordados, assim como a extração de características para compreender as propriedades extraídas das imagens. Alguns trabalhos relacionados são utilizados como exemplo, com o objetivo de elucidar tais tópicos.

Inicialmente, a Seção 2.2 apresenta alguns dos principais métodos utilizados para o pré-processamento de imagens (i.e. remoção de ruído, realce de imagens e convolução), relevantes para o desenvolvimento desta pesquisa. Após, a extração de características é definida na Seção 2.3. Tendo como proposta melhor compreender o problema do desbalanceamento de classes, a Seção 2.4 exemplifica as operações utilizadas para o rebalanceamento. Nessa seção, além de caracterizar o problema, são apresentadas duas vertentes para solucioná-lo: sobreamostragem e subamostragem. A seção seguinte (2.5) apresenta o classificador de padrões utilizado e a Seção 2.6 aborda dois métodos de redução de dimensionalidade utilizados nos experimentos.

2.2 Pré-processamento de imagens

Uma imagem digital I pode ser definida como uma função $f(x,y)$, onde x e y são as coordenadas cartesianas de um determinado ponto e f a intensidade (brilho) da imagem naquele ponto. Essa imagem é composta por finitos elementos chamados de pixels que podem ser diretamente acessados através de sua posição x e y . Digitalmente, uma imagem é representada por uma matriz de valores com M linhas e N colunas onde cada elemento representa a sua intensidade. Uma imagem colorida I do sistema RGB possui três canais de cores representantes das cores vermelha, verde e azul. Cada elemento $I(x,y)$ corresponde a uma tripla (r,g,b) de

números, com $0 \leq r \leq 255$, $0 \leq g \leq 255$ e $0 \leq b \leq 255$, onde 0 é a intensidade de cor mais escura e 255 a mais clara. A combinação dessas intensidades resulta na cor do pixel (GONZALEZ; WOODS, 2007). A Figura 2 mostra uma visualização ampliada dos pixels de uma imagem digital.



Figura 2 – Visualização pixelizada de uma imagem da base COREL-1000¹.

Fonte: Elaborado pela autora.

O processo de aquisição por um sistema de imageamento pode causar diversas imperfeições nas imagens, como pixels ruidosos, brilho inadequado e outras degradações. O pré-processamento de imagens é caracterizado por receber uma imagem de entrada e fornecer uma imagem de saída. Nessa etapa, efeitos indesejáveis podem ser eliminados e certas características realçadas (Figura 3). Considera-se que um determinado critério utilizado para uma imagem pode não ser o mais eficiente para outra, dependendo assim da área de aplicação.

Assim, técnicas de pré-processamento tornam os dados mais adequados para posterior análise, ao eliminar ou reduzir problemas como ruídos e imperfeições. Em Ponti (2010), o autor relata que a utilização de métodos de restauração na etapa de pré-processamento da imagem, antes da segmentação, resultou em uma qualidade superior para todos os testes, com valores de erro e desvio padrão menores. No referido estudo, métodos de realce causaram perda de informação e por isso não são indicados para uso em imagens obtidas por microscópio. O método indicado para evitar a amplificação de ruído nessas imagens é o algoritmo iterativo Richardson-Lucy (PONTI *et al.*, 2011). Esse método de restauração utiliza um processo iterativo

¹ Disponível em <<http://wang.ist.psu.edu/docs/related/>>



Figura 3 – O pré-processamento de imagens é caracterizado por receber uma imagem como entrada e fornecer uma imagem de saída. Sobre a imagem RGB de entrada (à esquerda) foram realizadas operações de borramento, realce e de equalização de histograma. A imagem à direita é resultante dessas operações.

Fonte: Elaborado pela autora.

para recuperar uma imagem degradada que foi borrada por algum processo conhecido. Utiliza uma metodologia probabilística, baseada em *Expectation-Maximization Maximum Likelihood* (EM-ML), para encontrar uma imagem que maximize a probabilidade de se visualizar a imagem original sem degradação, considerando um modelo de ruído de Poisson. Algoritmos iterativos como o Richardson-Lucy tem a vantagem de permitir soluções parciais, evitando amplificação de ruído.

Em contrapartida, [Ahonen, Hadid e Pietikäinen \(2006\)](#) propuseram uma representação para imagens faciais baseada em características de textura, sem utilizar pré-processamento. Este aparece somente como sugestão de trabalho futuro, como possível correção de problemas do sistema de captura (i.e. suavização causada pela captura fora de foco). O que implica que, apesar dos bons resultados, a melhoria com a utilização de pré-processamento não foi investigada. Pode-se imaginar, portanto, que o uso de pré-processamento pode melhorar os resultados já obtidos, através do realce de textura e eliminação de imperfeições nas imagens.

Como exemplo do uso de métodos de pré-processamento, considere imagens de algas verdes obtidas por um microscópio de alta resolução. Essas algas são mergulhadas em um líquido que normalmente causa problemas de ruído e pouco contraste. Para a preparação dessas imagens, antes da extração de características, [Borges et al. \(2013\)](#) cita algumas etapas comuns em processamento de imagens digitais:

1. As imagens – originalmente em RGB – são convertidas para uma escala de cinza;
2. A dimensão da imagem é reduzida para diminuir o tempo de execução dos passos subsequentes de processamento;
3. O contraste é “ajustado”, para aumentar a diferença das intensidades dos pixels da imagem e corrigir o brilho;

4. A imagem é filtrada, removendo ruídos causados pelo processo de captura;
5. O contorno é realçado, pois a forma é uma das características mais importantes para discriminar algas (e outros objetos);
6. Por fim, o histograma é equalizado.

Xu et al. (2016) propuseram um método de pré-processamento de imagens de faces com o objetivo de gerar imagens sintéticas para posterior reconhecimento de padrões. Inicialmente, o método separa uma imagem em metade-esquerda e metade-direita e espelham a metade-direita. Após, um algoritmo de gradiente descendente iterativo é utilizado para atualizar os vetores que representam cada metade, otimizando-os. Por fim, esses vetores são concatenados para compor uma nova face do mesmo tamanho da imagem original. Os resultados são apresentados como estado da arte para o pré-processamento de imagens de face para a tarefa de reconhecimento.

Esses estudos evidenciam a importância da etapa de pré-processamento de imagens, indicando que o tratamento das imagens antes da extração de características pode melhorar os resultados obtidos.

2.2.1 *Filtragem espacial e convolução*

Um filtro espacial, também conhecido como *kernel*, máscara ou janela, consiste em uma matriz de vizinhanças e uma operação a ser realizada nos pixels de uma imagem. A filtragem cria um novo pixel com as mesmas coordenadas do centro da vizinhança, contendo o valor resultante da filtragem. Dessa forma, a imagem filtrada contém os pixels resultantes da passagem do centro do filtro espacial por todos os pixels da imagem original. O processo de percorrer a imagem com um filtro espacial é chamado de correlação. A convolução, que pode ser definida como o operador $*$ em

$$\text{mapa de características} = \text{imagem de entrada} * \text{filtro},$$

trata-se do mesmo processo, mas com o filtro previamente rotacionado em 180° ([GONZALEZ; WOODS, 2007](#)).

Os métodos de filtragem possuem como objetivo aperfeiçoar certos aspectos da imagem de entrada. Essa filtragem pode ser realizada no domínio da frequência ou no domínio espacial. Um filtro de suavização típico no domínio espacial é o de Gaussiana, que resulta no borramento e redução de ruído, a fim de remover detalhes da imagem (Figura 4). Esse filtro utiliza uma função Gaussiana para calcular a transformação a ser realizada em cada pixel. A equação que representa a função Gaussiana em duas dimensões é definida por

$$G_\sigma(x, y) = \frac{1}{2\pi\sigma^2} e^{-\frac{x^2+y^2}{2\sigma^2}},$$

onde x, y são coordenadas de um determinado pixel da imagem e σ o desvio padrão que determina o raio da distribuição Gaussiana aplicada. Valores altos de variância (σ^2) fazem com que o resultado da função se aproxime da média.



Figura 4 – Exemplo de filtragem gaussiana como operação de pré-processamento. *Fonte: Elaborado pela autora.*

2.2.2 Realce de imagens

O realce de imagens é o processo de modificar uma imagem para que se torne mais adequada para uma aplicação específica do que na sua forma original. Diferentemente da restauração — que leva em consideração o processo de formação da imagem — é subjetivo, porque depende do sujeito que está analisando a imagem dissennir a qualidade desse realce (GONZALEZ; WOODS, 2007).

Na Figura 5 está demonstrado o efeito do algoritmo de *unsharp masking*, utilizando como borramento um filtro de média. Com o objetivo de realçar imagens, os passos deste método são:

1. Borramento da imagem original;
2. Cálculo da diferença entre a imagem suavizada e a original;
3. Soma dessa diferença à imagem original.

Um exemplo clássico de utilização de realce, é para compensar a variação de iluminação em diversas imagens. Em Gross e Brajovic (2003), os autores propuseram um algoritmo para o reconhecimento de faces invariante à iluminação. Eles ressaltam que, desconsiderando a variação

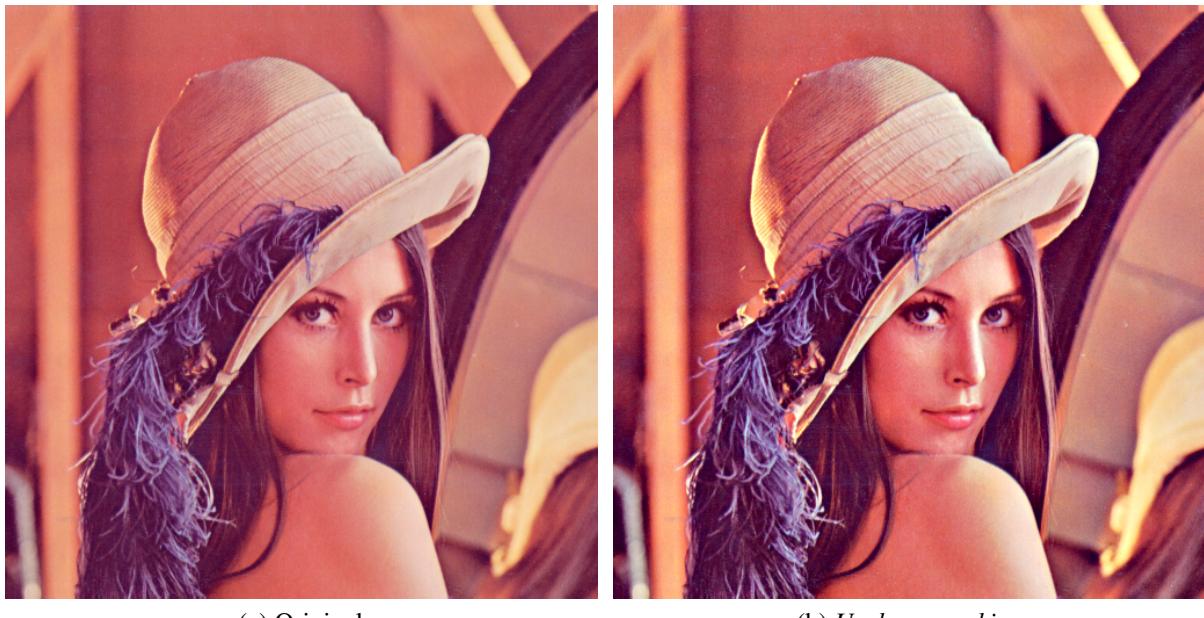


Figura 5 – A imagem original, já em escala de cinza, foi realçada utilizando o método *unsharp masking*. *Fonte: Elaborado pela autora.*

da posição, a iluminação é o fator de maior impacto na aparência das faces. A luz varia durante o dia, entre um dia e outro, e entre diferentes ambientes. Isso afeta o conjunto de imagens a ser analisado, que passa a conter imagens com diferentes contrastes, o que pode acentuar ou diminuir certas características faciais.

O contraste é a diferença de intensidade entre os níveis de maior e menor intensidade na imagem. Imagens com baixa resolução podem ser geradas a partir de uma iluminação pobre ou outros problemas com a captura. Dessa forma, o processo de “esticar” o contraste expande os níveis de intensidade da imagem (GONZALEZ; WOODS, 2007).

É possível aumentar o contraste de uma imagem ao manipular o seu histograma h , que pode ser definido como

$$h(i_k) = n_k,$$

onde k é o índice do pixel e n_k é o número de pixels de intensidade i_k . Ou seja, o histograma é uma representação da frequência de cada intensidade na imagem. Ao observar os histogramas de diferentes imagens, é possível notar que imagens com alto contraste possuem um histograma com níveis próximos a uma distribuição uniforme. Isso permite que certas operações, como a equalização de histograma, obtenham o melhor contraste de uma imagem. Essa operação é caracterizada pela máxima variância do histograma e pode ser definida como

$$s_k = T(i_k) = \frac{L-1}{MN} \sum_{j=0}^k n_j, \quad (2.1)$$

onde L é o número de intensidades e MN as dimensões da imagem. A imagem de saída é obtida

ao mapear cada pixel de intensidade i_k em um nível s_k , com i entre $[0, L - 1]$, sendo $i = 0$ um pixel preto e $i = L - 1$, branco (GONZALEZ; WOODS, 2007).

2.2.3 Quantização

Muitos métodos de extração de características são preparados para receber imagens de entrada em escala de cinza ou em apenas um canal de cor. Se existir a necessidade de utilizar a imagem RGB, as características são extraídas para cada canal de cor separadamente e posteriormente são concatenadas. Isso ocorre porque a complexidade de lidar com um pixel representado em três dimensões é muito maior do que em apenas uma dimensão. Assim, os métodos de quantização visam, de alguma forma, reduzir os canais de cores ($2^3 \times 3 = 24$ bits) em apenas um ($2^3 \times 1 = 8$ bits). Kanan e Cottrell (2012) demonstraram que os métodos para a conversão de uma imagem colorida para escala de cinza influenciam a performance no reconhecimento de imagens. Eles também salientam que o método utilizado deveria estar claramente descrito nas publicações da área. Os métodos de conversão para escala de cinza utilizados nessa dissertação foram escolhidos com base em Kanan e Cottrell (2012): *Gleam* e as versões corrigidas por *gamma* de *Intensidade* e *Luminância*: *Intensidade'* e *Luminância'*. A operação *gamma* utilizada $z' = z^{1/2.2}$ é a padrão. Os métodos de conversão para escala de cinza, utilizados nesta pesquisa, são descritos a seguir.

Intensidade: consiste em computar a média entre os canais RGB da imagem a partir de

$$Q_{\text{Intensidade}} = \frac{1}{3}(R + G + B),$$

e então realizar a correção por *gamma*, obtendo assim o método *Intensidade'*.

Gleam: ao corrigir por *gamma* cada canal antes de realizar a combinação linear, tem-se o método:

$$Q_{\text{Gleam}} = \frac{1}{3}(R' + G' + B'),$$

onde R' , G' e B' são os canais R, G e B corrigidos por *gamma*.

Luminância: computa uma soma ponderada dos canais de cor. Esse método foi desenvolvido para levar em conta a percepção visual humana. O olho humano percebe verde melhor que vermelho, e vermelho melhor que azul:

$$Q_{\text{Luminância}} = 0.299R + 0.587G + 0.114B,$$

e então realizar a correção por *gamma*, obtendo assim o método *Luminância'*.

Luma: similar ao anterior, utilizado nas televisões de alta definição:

$$Q_{\text{Luma}} = 0.2126R' + 0.7152G' + 0.0722B',$$

onde R' , G' e B' são os canais R, G e B corrigidos por *gamma*.

Most Significant Bits (MSB): ao invés de realizar uma combinação linear dos canais de cores, ordena os bits dos canais coloridos em um único canal. Computa quantos bits de cada canal de cor contribuem para a imagem final e extrai os bits do código binário dos canais originais (PONTI; ESCOBAR, 2013).

A Figura 6 apresenta a conversão na escala de cinza obtida com o uso desses métodos. A análise específica da aplicação de cada método é discutida no Capítulo 3.

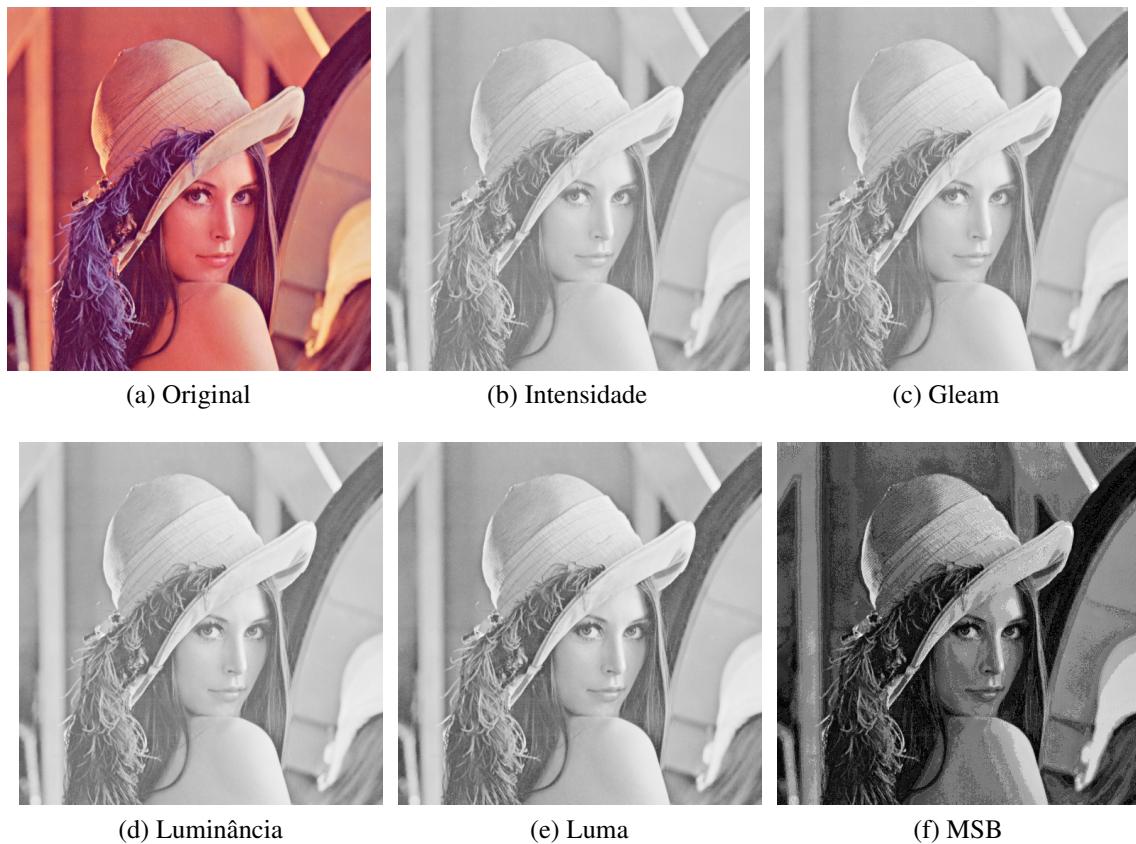


Figura 6 – Conversão para a escala de cinza com os métodos utilizados nessa pesquisa. O método MSB resulta em uma imagem com 8 bits (64 cores) e os outros em 256 cores. *Fonte: Elaborado pela autora.*

Porque o MSB resultou em 64 cores e não 256?

2.3 Extração de características

O objetivo da extração de características é descrever as informações visuais relevantes em um vetor de características. Esse vetor pode ser utilizado como entrada para um algoritmo de classificação de padrões. Por exemplo, em aplicações que envolvem a classificação de algas, uma informação muito importante para a discriminação entre classes é a forma (BORGES *et al.*, 2013). Características, como essa, devem salientar as diferenças entre imagens de classes

distintas e suavizar possíveis diferenças de imagens da mesma classe. Algumas características, segundo [Gonzalez e Woods \(2007\)](#), são:

Textura: na sua descrição estatística, possui propriedades como: suavidade, aspereza e uniformidade. Um exemplo de medida para descrever a textura é a entropia.

Forma: representa os objetos em termos de suas características externas, como por exemplo, a medida da curvatura.

Cor: considera a distribuição espacial de cores na imagem. O histograma de uma imagem pode descrever essa configuração de forma global.

Exemplos de métodos conhecidos capazes de descrever outras características são: histogramas de orientação de gradiente ([WANG; HAN; YAN, 2009a](#)), descritores de Fourier, métodos baseados na detecção de SUSAN ([SMITH; BRADY, 1997](#)), Harris-Affine ([HARRIS; STEPHENS, 1998](#)) e diferença de Gaussianas ([LOWE, 2004](#)). Os descritores utilizados no desenvolvimento desta pesquisa para a obtenção dos resultados dos Capítulos [5](#) e [6](#) estão abaixo descritos.

Global Color Histogram (GCH): calcula o histograma global dos níveis de intensidade da imagem. É a alternativa mais simples para representar as informações de uma imagem ([GONZALEZ; WOODS, 2007](#)). Produz um vetor de N dimensões, sendo N o número de intensidades.

Color Coherence Vector (CCV): captura informações sobre como as cores são organizadas em regiões conectadas, de acordo com um *threshold*. Classifica os pixels da imagem em coerentes e incoerentes, computa os respectivos histogramas e os concatena ([HUANG et al., 1997](#)). Dessa forma, o vetor de características produzido possui $2N$ dimensões.

O vetor de coerência de cor armazena o número de pixels coerentes e de incoerentes para cada cor. Pixels coerentes fazem parte de uma região contígua enquanto incoerentes não. Seu funcionamento pode ser resumido nos seguintes passos:

1. Borra levemente a imagem ao substituir os pixels pela média do pixel e seus oito vizinhos;
2. Discretiza o espaço de cor de forma que a imagem contenha apenas n cores distintas;
3. Classifica os pixels entre coerentes e incoerentes: se o tamanho do seu componente conectado for maior ou igual um *threshold* é coerente; caso contrário, incoerente;
4. Computa dois histogramas:
 - Histograma de pixels coerentes;
 - Histograma de pixels incoerentes.

5. Concatena os histogramas.

Border-interior classification (BIC): computa dois histogramas, um para pixels definidos como borda e outro como interior. Se um pixel possuir a mesma cor que seus vizinhos, é pixel de interior; caso contrário, será pixel de borda. Os histogramas são concatenados, gerando um vetor de $2N$ dimensões ([STEHLING; NASCIMENTO; FALCÃO, 2002](#)). Para computar tal vetor, as operações realizadas são:

1. Os pixels são classificados entre borda e interior:
 - *Borda*: se está na borda da imagem ou se ao menos um dos seus quatro vizinhos tem uma cor diferente do que o próprio pixel;
 - *Interior*: se seus quatro vizinhos possuem a mesma cor.
2. Computa dois histogramas:
 - Histograma dos pixels classificados como borda;
 - Histograma dos pixels classificados como interior.
3. Concatena os histogramas.

Auto Color Correlogram (ACC): captura a correlação espacial entre cores idênticas. Para tal, computa a probabilidade de encontrar dois pixels com a mesma cor, a uma distância d um do outro ([PASS; ZABIH; MILLER, 1996](#)). O vector resultante consiste na concatenação dos auto-correlogramas, um para cada distância. Neste estudo, são consideradas quatro distâncias: 1, 3, 5 e 7; resultando em um vetor com $4N$ características.

Haralick-6: descreve a textura das imagens, ou seja, diferenças locais em níveis de intensidade ([HARALICK; SHANMUGAM; DINSTEIN, 1973](#)). O vetor resultante possui seis dimensões que representam as seguintes características:

1. *Probabilidade máxima*: maior resposta na matriz de co-ocorrência. Intervalo: $[0, 1]$;
2. *Correlação*: descreve as correlações entre as linhas e colunas da matrix.
Intervalo: $[-1, 1]$;
3. *Contraste*: mede as variações locais dos níveis de cinza da matriz.
Intervalo: $[0, (\text{colors} - 1)^2]$;
4. *Uniformidade*: soma dos elementos quadrados. Também conhecido como energia ou segundo momento angular. Intervalo: $[0, 1]$;
5. *Homogeneidade*: mede a proximidade da distribuição dos elementos em relação à diagonal. Intervalo: $[0, 1]$;
6. *Entropia*: descreve a aleatoriedade. Intervalo: $[0, 2 * \log_2 \text{colors}]$.

Histogram of oriented gradients (HOG): calcula a frequência da ocorrência da orientação dos gradientes em janelas na imagem ([DALAL; TRIGGS, 2005](#)):

1. Divide a janela da imagem em células;
2. Computa os gradientes;
3. Cada pixel calcula uma ponderação para um canal do histograma de orientação de bordas baseado na orientação do gradiente do elemento em que está centrado. Esses valores são acumulados em *bins* sobre as regiões espaciais de células e formam o histograma;
4. As ocorrências são interpoladas bilinearmente entre os centros de vizinhança do *bin* em orientação e posição;
5. Normaliza o contraste dos blocos da janela que se sobrepõem. Dessa forma cada célula é normalizada em relação a diferentes blocos;
6. Concatena os histogramas de todas as células.

Local Binary Patterns (LBP) utilizando padrões uniformes: baseia-se em reconhecer que padrões de textura uniformes são propriedades fundamentais da textura local da imagem. O histograma da sua ocorrência provou-se ser um bom extrator de características. Computa um histograma de ocorrência dos padrões locais binários em uma vizinhança da imagem, detectando micro-estruturas cuja distribuição é estimada pelo histograma ([OJALA; PIETIKAINEN; MAENPAA, 2002](#)):

1. Divide a janela da imagem em células;
2. Compara cada pixel em uma célula com seus vizinhos. Esse passo resulta em um código binário de oito dígitos;
3. Computa o histograma da célula;
4. Normaliza o histograma;
5. Concatena os histogramas de todas as células.

2.4 Desbalanceamento de classes

Nesta seção é definido o problema do desbalanceamento de classes e apresentados os trabalhos relacionados que possuem duas diferentes abordagens: sobreamostragem (*over-sampling*) e subamostragem (*under-sampling*).

Em conjuntos de dados desbalanceados, determinadas classes possuem um número muito maior de instâncias do que outras. As classes com mais elementos são chamadas de classes majoritárias, e as com menos elementos, de minoritárias. O desempenho de algoritmos de Aprendizado de Máquina é prejudicado quando tratam de bases de dados desbalanceadas. Esses algoritmos tendem a favorecer a classificação de um novo objeto à classe majoritária, pois esta fica muito melhor representada após o treinamento do que a minoritária. Considera-se,

então, que esse problema é um obstáculo para a classificação satisfatória. Porém, como apontado por (BATISTA; PRATI; MONARD, 2004), o desbalanceamento não é o único responsável por reduzir o desempenho de algoritmos de aprendizagem. Eles sugerem que é possível haver uma ótima classificação mesmo contendo alto desbalanceamento na base de dados. Assim, a motivação do estudo de vários algoritmos para rebalanceamento não é apenas balancear os dados de treinamento, mas obter uma melhor diferenciação entre as classes. Isso porque o desbalanceamento por si só pode não ser um problema, mas em conjunto com a sobreposição de classes pode diminuir significativamente a acurácia da classificação da classe minoritária.

(CASTRO; BRAGA, 2011) destacam que duas abordagens têm sido utilizadas para solucionar esse problema: pré-processar os dados de forma a rebalancear as distribuições das classes, ao reamostrar os dados; ou então modificar métodos de aprendizado – como através da adição de melhores funções de custo na classificação. Em geral, são reportados melhores resultados obtidos por algoritmos de *over-sampling*, os quais consistem em reamostrar os dados aumentando o número de elementos da classe minoritária (BATISTA; PRATI; MONARD, 2004). Esta pesquisa tem como enfoque o **pré-processamento dos dados**, com um viés no rebalanceamento de classes através da **geração de imagens artificiais** (antes da extração de características).

2.4.1 Sobreamostragem

Realizar uma sobreamostragem (*over-sampling*) em um determinado conjunto de dados significa aumentar – utilizando alguma estratégia – o número de elementos desse conjunto. Em Chawla, Hall e Bowyer (2002), a simples replicação de exemplos pertencentes à classe minoritária não melhorou a classificação. Isso se deve ao reconhecimento de regiões muito específicas, causando *overfitting*.

O *Synthetic Minority Over-sampling Technique* (SMOTE) é um método desenvolvido por Chawla, Hall e Bowyer (2002) para rebalancear classes ao gerar artificialmente novos elementos, ao invés de apenas replicá-los. O Algoritmo 1 é aplicado sobre os vetores de características previamente extraídos, com operações de perturbação dos dados de treino no espaço de características, e não no espaço dos dados. A diferença entre o vetor de características de um elemento e do seu vizinho mais próximo é multiplicada por um número $0 \leq x \leq 1$. Esse valor é adicionado ao vetor original, criando um novo elemento.

Como pode ser visualizado na Figura 7, essa abordagem provoca a geração de um elemento resultante da interpolação dos dois vetores originais. Os exemplos sintéticos forçam uma região de decisão maior e mais geral para serem aprendidas como exemplos da classe minoritária. Dessa forma, o SMOTE provê mais elementos para o classificador aprender, ao contrário da replicação de dados. Como trabalhos futuros, os autores apontam que diferentes estratégias para criar esses exemplos sintéticos podem melhorar a performance da classificação. Inclusive salientando exemplos que foram erroneamente classificados.

Algoritmo 1: SMOTE: método para rebalancear classes

Entrada: Imagem colorida I em formato RGB

Saída: Exemplos sintéticos S

```

1  $N \leftarrow$  vizinhos(minoritária);
2 para cada exemplo da classe minoritária faça
3    $nn \leftarrow$  vizinho aleatório de  $N$ ;
4   novo_elemento  $\leftarrow \emptyset$ ;
5   para cada característica  $(x,y)$  do exemplo faça
6     diferença  $\leftarrow nn(x,y) - exemplo(x,y)$ ;
7     gap  $\leftarrow$  número aleatório entre 0 e 1;
8     novo_elemento( $x,y$ )  $\leftarrow exemplo(x,y) + gap * diferença$ ;
9   fim
10   $S \leftarrow S \cup$  novo_elemento;
11 fim

```

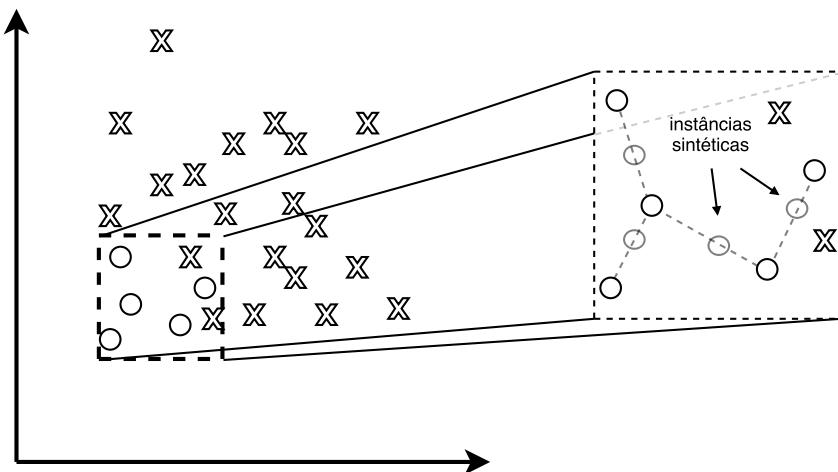


Figura 7 – Método SMOTE: interpolação entre dois exemplos vizinhos no espaço de características. *Fonte: Elaborado pela autora.*

Uma variação desse algoritmo, denominada Borderline-SMOTE1 ([HAN; WANG; MAO, 2005](#)), considera que elementos fora da linha de borda de cada classe pouco contribuem para a classificação. Por isso, propõe a geração de elementos sintéticos utilizando apenas elementos de borda. Considera que se os vizinhos mais próximos são da classe majoritária, o exemplo é ruído, e se há mais vizinhos da classe majoritária do que da minoritária, considera esse elemento como sendo de borda. Como trabalho futuro, destacam a necessidade de considerar diferentes estratégias para definir em quais elementos realizar o over-sampling.

2.4.2 Subamostragem

Ao contrário da sobreamostragem, a subamostragem visa diminuir o número de elementos de um determinado conjunto. A ideia é eliminar elementos da classe majoritária que estão distantes da fronteira de decisão, isso porque eles são considerados menos relevantes para a

aprendizagem.

Métodos para remoção de exemplos da classe majoritária normalmente apresentam resultados piores do que métodos de sobreamostragem, conforme relatado por [Batista, Prati e Monard \(2004\)](#) e [Japkowicz e Stephen \(2002\)](#). Um dos motivos pela preferência natural à sobreamostragem é o fato de que ao realizar subamostragem pode-se remover informações essenciais dos dados originais. Mas não há uma estratégia única que funcione melhor para todos os cenários.

2.5 Classificador de padrões

A tarefa de classificação de imagens consiste em tentar predizer a classe de uma determinada imagem. Na etapa de treinamento o método recebe como entrada um conjunto de imagens rotulado com suas respectivas classes; com o modelo treinado é possível realizar a classificação de exemplos de rótulo desconhecido; num experimento são preditas as classes de um conjunto de imagens de teste.

2.5.1 K-Nearest Neighbors

O classificador *K-Nearest Neighbors* (K-NN) considera a proximidade entre os dados para realizar previsões. Baseia-se na premissa de que os objetos do mesmo conceito são semelhantes. O seu funcionamento está descrito no Algoritmo 2. Na fase de treinamento, apenas armazena os exemplos rotulados do conjunto de dados de treinamento. Quando um novo exemplo deve ser classificado, calcula a distância entre os vetores de características do novo exemplo e aqueles já rotulados. O novo exemplo é então classificado como sendo da classe do exemplo de treinamento com menor distância ([BOIMAN; SHECHTMAN; IRANI, 2008](#)).

Algoritmo 2: K-NN: método de classificação supervisionada

Entrada: Conjunto de exemplos S_{treino} e S_{teste}
Saída: Classes C dos exemplos de teste preditas

- 1 $C \leftarrow \emptyset;$
- 2 **para cada** $teste \in S_{teste}$ **faça**
- 3 $N \leftarrow k$ vizinhos mais próximos($teste, S_{treino}$);
- 4 $D \leftarrow \emptyset;$
- 5 **para cada** $vizinho n \in N$ **faça**
- 6 $D \leftarrow D \cup$ distância($n, teste$);
- 7 **fim**
- 8 $C \leftarrow C \cup menor(D);$
- 9 **fim**

Com $K = 1$, a predição da classe corresponde ao exemplo mais próximo. Ao contrário de classificadores “caixa preta” (e.g. redes neurais), esse classificador permite o acompanhamento e

análise do espaço de características representativo das imagens. Ao mesmo tempo, trata-se de um classificador que salienta a diferença entre as classes.

Adicionar uma seção apresentando o classificador SVM? Já que ele é usado nos experimentos de quantização.

2.6 Redução de dimensionalidade

A visualização do espaço de características obtido após a geração artificial de imagens pode ajudar a verificar se as novas imagens melhoram a definição da classe minoritária em relação ao espaço original (inclusive antes de imagens serem removidas para provocar o desbalanceamento). Ou seja, se o método utilizado revelou características latentes. Dessa forma, ao projetar os novos vetores no espaço das imagens originais, é possível analisar qual método – SMOTE ou geração de imagens no campo visual – mais se assemelha à distribuição original dos dados.

Considerando que um vetor de características extraído com extractores comuns pode possuir entre 6 (e.g. Haralick) e 512 (e.g. BIC) características, a visualização de um exemplo requer que seja realizado o mapeamento desses valores em apenas duas dimensões. Para isso, uma redução de dimensionalidade mapeia os vetores de N dimensões para um espaço 1D, 2D ou 3D. A partir desses novos vetores, pode então ser criada alguma representação visual que tente manter a relação de distância entre os novos e os originais ([PAULOVICH; OLIVEIRA; MINGHIM, 2007](#)).

2.6.1 Análise de componentes principais

O *Principal Component Analysis* (PCA) é uma técnica não supervisionada que pode ser utilizada para reduzir a dimensionalidade dos dados com a máxima variância possível. Cada imagem, originalmente representada por um vetor com N características, pode então ser representada por apenas um ou mais valores. Essa redução permite a projeção dessas imagens no espaço de características. O objetivo é extrair as informações mais importantes dos dados e representá-las como um conjunto de variáveis ortogonais chamadas de componentes principais. Para isso encontra-se uma outra base: uma combinação linear da base original, que melhor representa os dados ao assumir que as direções das maiores variâncias são as mais importantes. Ou seja, a variância associada com cada direção quantifica o quanto principal é aquela direção ([ABDI; WILLIAMS, 2010](#)). Pode-se, portanto, enumerar os passos necessários para o PCA sendo:

1. Centraliza todos os atributos na origem ao subtrair a média de cada dimensão;

2. Calcula a matriz de covariância C_x dada por

$$C_x = XX^T, \quad (2.2)$$

onde X é a matriz de dados original e X^T sua transposta;

3. Encontra os autovalores e autovetores de C_x . Um autovetor \vec{u} de uma matriz A pode ser definido por $A\vec{u} = \lambda\vec{u}$, onde λ é um autovalor escalar associado ao autovetor. Um vetor \vec{u} é um autovetor da matriz A se o tamanho do vetor – e não sua direção – é modificado quando multiplicado por A . Os autovalores podem ser representados na diagonal de uma matriz λ (com outros valores como zero) e o conjunto dos autovetores de A em uma matriz U . Assim,

$$A = U\lambda U^T; \quad (2.3)$$

4. Então, os autovetores são ordenados de forma decrescente de acordo com seus autovalores correspondentes e escolhe-se os k principais autovetores (i.e. maiores autovalores) para formar uma matriz P de dimensão $n \times k$, onde cada coluna representa um autovetor. O valor k será a quantidade de dimensões do novo espaço de atributos;
5. O novo subespaço pode ser encontrado multiplicando essa matriz P pela matriz original, de acordo com a equação $Y = PX$, onde X representa o conjunto de dados original, Y é uma nova representação desses dados e P a matriz ortonormal que transforma X em Y . As linhas de P são os componentes principais de X .

2.6.2 Locality preserving projections

Locality preserving projections (LPP) é um algoritmo linear de redução de dimensionalidade com propriedades de preservação da estrutura local dos dados. Não apresenta a dificuldade dos algoritmos tradicionais (como PCA) de manter o *manifold* não linear dos dados originais (ZHUO; CHENG; ZHANG, 2014). Embora o método mais utilizado para redução da dimensionalidade de forma não-supervisionada seja o PCA, métodos como esse produzem melhores projeções em termos de separação das classes. Em Zhuo, Cheng e Zhang (2014) o LPP alcançou a melhor relação entre complexidade computacional e a redução da dimensionalidade, enquanto manteve a acurácia. Seu algoritmo segue três passos principais (HE; NIYOGI, 2004):

1. Constrói um grafo de adjacências. Os nós i e j possuem uma aresta entre si se fazem parte do conjunto de k -vizinhos mais próximos de cada nó (sendo k um parâmetro do algoritmo);
2. Encontra os pesos $W_{ij} = 1$ se os vértices i e j estão próximos, ou seja, conectados por uma aresta, e $W_{ij} = 0$ caso contrário;

3. Computa os autovalores e autovetores

$$XLX^T \vec{a} = \lambda XDX^T \vec{a}, \quad (2.4)$$

onde D é a matriz diagonal na qual seus elementos são as somas das colunas de W e L é a matriz Laplaciana $L = D - W$. X é a matriz original dos dados e \vec{a} é o vetor solução (matriz de projeção), ordenado pelos autovalores λ .

2.7 Considerações finais

Deu-se destaque à discussão das etapas de pré-processamento para a quantização de imagens, além das abordagens existentes para o rebalanceamento de classes. Esse capítulo apresentou métodos para exemplificação, além de trabalhos relacionados. A extração de características foi abordada, apresentando os principais descritores utilizados nesta pesquisa. A lacuna destacada é que existem características não passíveis de extração por descritores convencionais. Esses fundamentos permitem compreender o contexto no qual esta dissertação está inserida. Os próximos capítulos abrangem a metodologia proposta.



QUANTIZAÇÃO DE IMAGENS

3.1 Considerações iniciais

Sistemas de reconhecimento de imagens comumente utilizam uma imagem em níveis de cinza ($2^3 = 8$ bits, $2^8 = 256$ intensidades) para as etapas subsequentes à extração de características. Dá-se o nome de quantização à etapa responsável por esta redução no nível de cores em uma imagem. Ao aplicar a quantização na etapa de pré-processamento, é esperada a redução da complexidade do vetor de características logo no início do processo, beneficiando todos os passos subsequentes.

Com o objetivo de analisar o impacto do uso da quantização, foram utilizados diferentes parâmetros de quantização, combinados com quatro métodos de extração de cor e um de textura. Esses métodos foram escolhidos de acordo com os resultados apresentados por [Penatti, Valle e Torres \(2012\)](#), com exceção dos métodos HOG e LBP, também descritores frequentemente utilizados na literatura ([WANG; HAN; YAN, 2009b](#)).

Este capítulo aborda a quantização de imagens antes da extração de características, assim como os métodos utilizados, já apresentados na Seção [2.2.3](#).

3.2 Quantização de imagens

O pipeline de reconhecimento de imagens comumente envolve um passo de conversão de imagens coloridas em imagens com apenas um canal de cor. Obtém-se, assim, uma imagem quantizada, que pode ser então processada por métodos de extração de características. Dessa forma, cada imagem – originalmente no espaço de cor RGB – é convertida a um único canal com C níveis de intensidade. Após, são utilizados os métodos apresentados na Seção [2.3](#) para extrair as características. A Figura [8](#) ilustra esses passos, desde a aquisição até a classificação das imagens.

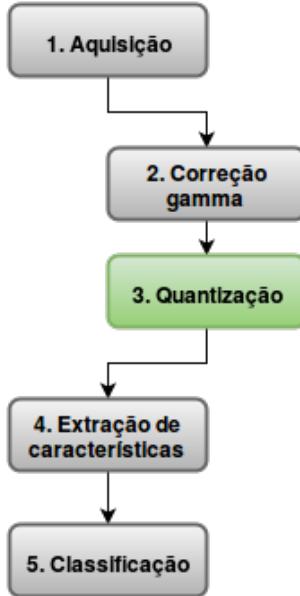


Figura 8 – O pipeline de reconhecimento de imagens pode envolver uma etapa de conversão imagens coloridas em imagens em escala de cinza, obtendo uma imagem quantizada que pode ser então processada por métodos de extração de características. O vetor com essas características é então dado como entrada a um método posterior de classificação. *Fonte: Elaborado pela autora.*

Cada método de quantização se comporta diferentemente para uma dada imagem RGB. Por exemplo, o método *Intensidade* mapeia todas as permutações dos mesmos valores em RGB para a mesma cor. Dessa forma, produz um plano no espaço RGB conforme mostrado na Figura 9. O efeito do método *Gleam* é similar, mas dada a natureza da função *gamma* (i.e. transformação não linear que define a relação entre o valor do pixel e sua real luminância), cobre uma superfície curva. Tal resultado também é alcançado utilizando o método *Intensidade'*. Independente do método utilizado, o resultado é o mapeamento de características cromáticas bem diferentes em valores de intensidades similares. Ou seja, cores distintas podem ser convertidas em cores próximas, podendo aumentar a confusão entre objetos. Pode-se imaginar esse efeito em uma imagem natural que retrata céu e grama. Considere a confusão das intensidades resultantes da região de céu e grama (e.g RGB(0, 0, 255) e RGB(0, 255, 0), respectivamente): apesar de terem intensidades bem distintas em RGB, os valores em apenas um canal de cor podem estar relativamente próximos. Os métodos *Luminância* e *Luma* procuram aprimorar essa quantização ao ponderar a combinação linear dos canais. Esses métodos são normalmente considerados melhores por se aproximarem ao modelo visual humano, que pondera as cores através do número de cones sensíveis às cores vermelho, verde e azul. O método MSB também tenta enfatizar as diferenças cromáticas, ao ordenar os bits de cores em um único canal. Para mais detalhes sobre tais métodos, consulte Seção 2.2.3.

Exemplos de imagens obtidas após os métodos de quantização apresentados anteriormente podem ser vistos na Figura 10. A barra de gradientes abaixo da imagem dos pincéis demonstra como os métodos de quantização se comportam dada a variação da cor. É possível

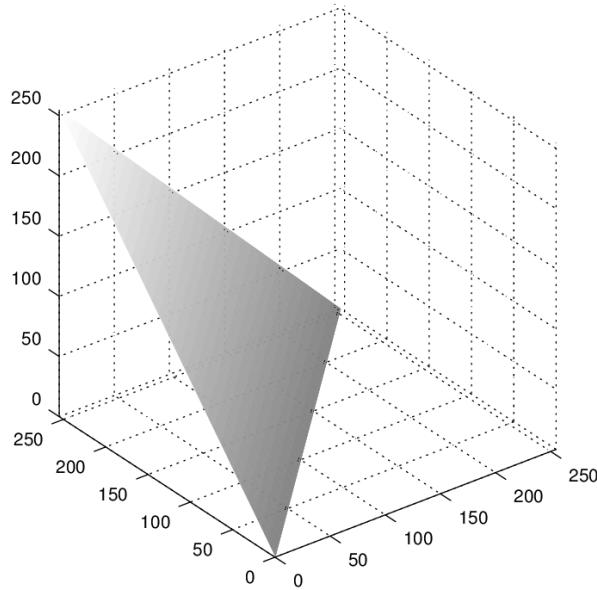


Figura 9 – Plano no espaço RGB, computado pelo método de conversão para escala de cinza *Intensidade*, quando um dos canais de cor (vermelho, verde ou azul) possui valor 255. *Fonte:* (PONTI; NAZARÉ; THUMÉ, 2016).

notar que os métodos *Luminância* e MSB conseguiram melhor discriminar as cores. Além disso, o mapa de cores MSB obteve um maior número de cores únicas, quando comparado aos demais métodos.

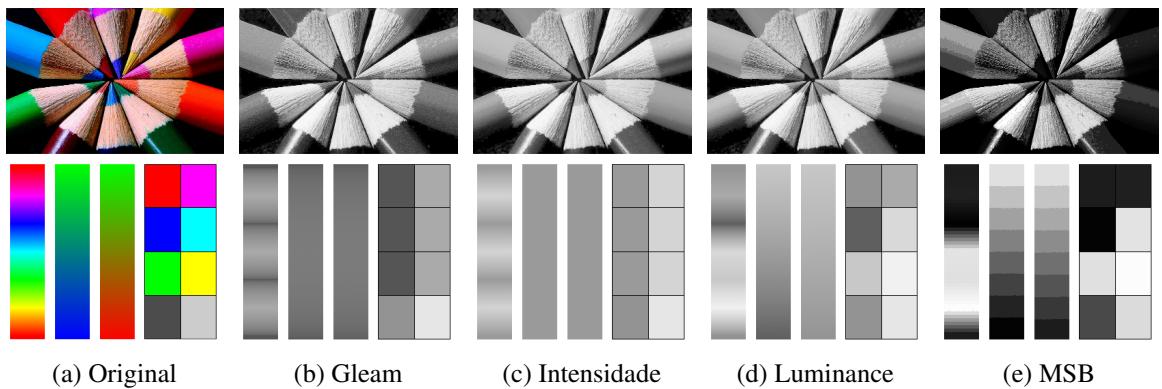


Figura 10 – Resultado da aplicação de métodos de quantização. A imagem original (a) resultou em versões de um canal de cor com 232 cores únicas para o método (e) MSB e 184 cores para os demais métodos. Ao analisar-se as barras de gradiente, assim como as paletas de cores, observa-se que os métodos *Luminância* e MSB conseguiram uma melhor discriminação entre cores. *Fonte:* (PONTI; NAZARÉ; THUMÉ, 2016).

Complementando, a Figura 11 apresenta mais um exemplo de redução de cores utilizando o método MSB para um par de imagens da base de dados *Caltech101*¹. É possível notar que há uma certa preservação das cores, especialmente quando utilizados entre 64 e 256 níveis. Com

¹ Disponível em <<http://www.vision.caltech.edu/ImageDatasets/Caltech101/>>

apenas 32 cores, as imagens ainda lembram a sua versão original, mas há perda considerável de informação, principalmente em regiões da imagem com pouco contraste.

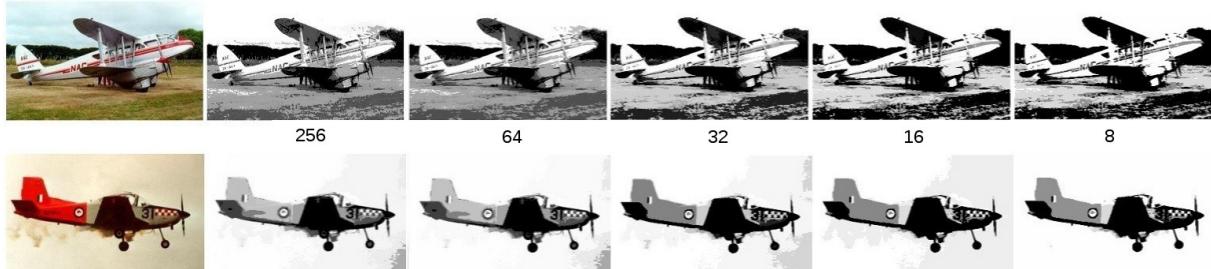


Figura 11 – Duas imagens da base de dados *Caltech101* com variações no parâmetro de cor utilizando o método MSB. Da esquerda para a direita: imagem original 24-bits e suas versões quantizadas com: 256, 64, 32, 16 e 8 cores. *Fonte: (PONTI; NAZARÉ; THUMÉ, 2016).*

3.3 Considerações finais

Ao aplicar a quantização na etapa de pré-processamento, é esperada a redução da dimensionalidade do vetor de características no início do *pipeline*, beneficiando todas as etapas posteriores. A hipótese é que utilizar um número reduzido de cores pode reduzir significativamente a dimensionalidade, enquanto melhora ou mantém a classificação do sistema. Espera-se, também, que o método MSB para a quantização tenha uma performance melhor, dada a preservação das cores observada na Figura 11. Os resultados da utilização dos métodos de quantização descritos neste capítulo, relacionados com a redução de dimensionalidade proporcionada por eles, estão no Capítulo 5.



GERAÇÃO ARTIFICIAL DE IMAGENS

4.1 Considerações iniciais

O processo de manipular imagens para que elas se tornem mais satisfatórias para um determinado objetivo depende do domínio de aplicação. Ou seja, não existe uma teoria geral para melhorar qualquer tipo de imagem (GONZALEZ; WOODS, 2007): um método que processa melhor uma imagem bem definida por suas cores difere do processamento de imagens texturizadas, às quais um processamento sobre a intensidade dos pixels da imagem – como uma operação de borramento – pode ocasionar perda da textura. Assim, justifica-se a exploração de um vasto número de métodos de processamento de imagens e bases.

Nesta pesquisa, oito métodos de processamento de imagens são aplicados nas imagens minoritárias originais, gerando imagens artificiais a partir dessas. Isso é realizado a fim de permitir a extração de informações latentes com o objetivo de melhorar a classificação com alguma técnica de Aprendizado de Máquina, o que reflete a melhora da diferenciação entre as classes. Dada a quantidade de imagens necessárias para rebalancear a base original, são geradas imagens utilizando cada um dos métodos, além de uma versão combinando todos eles (ou seja, compondo um conjunto com algumas imagens processadas por cada método) e outra apenas replicando as imagens como *baseline*. Como demonstrado na Figura 12, dado o conjunto de treinamento da classe (ou classes) com menor número total de imagens, é realizado o rebalanceamento ao aplicar os métodos descritos neste capítulo e posteriormente essas imagens resultantes são utilizadas como treinamento.

Os métodos de geração artificial para o rebalanceamento de classes de imagens são descritos neste capítulo. Os experimentos posteriormente destacados no Capítulo 6 foram realizados utilizando as operações de: borramento; mistura ponderada; *unsharp masking*; composição; combinação de *thresholds*; combinação com saliência; SMOTE visual; e adição de ruído.

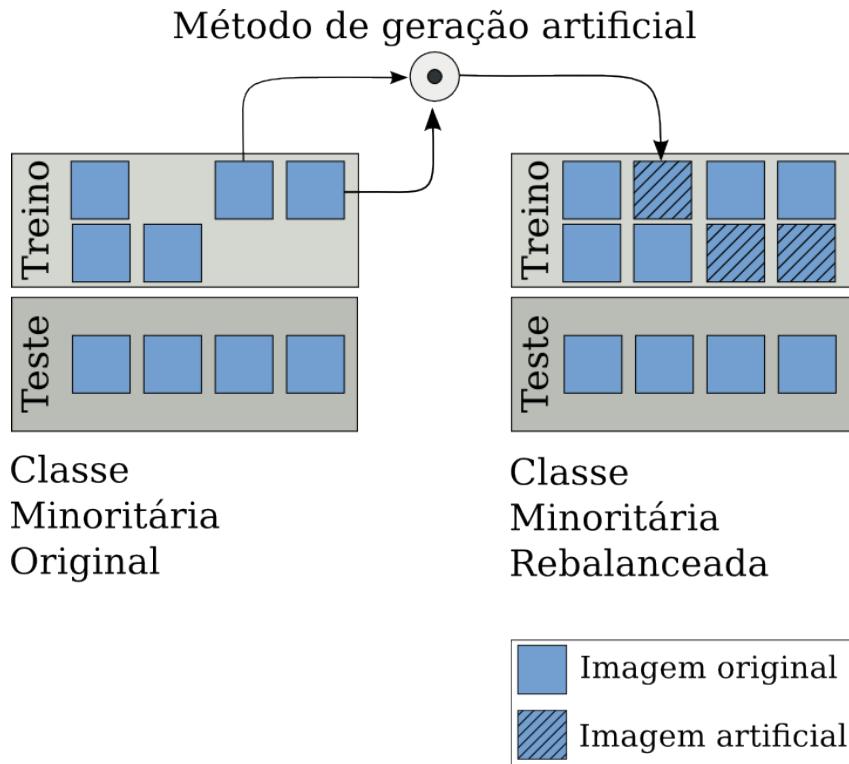


Figura 12 – Geração artificial da classe minoritária para rebalancear as classes. Para cada imagem necessária para igualar o número de imagens da base, $1 \leq n \leq 16$ imagens originais são dadas como entrada para uma operação de geração artificial. A nova imagem é utilizada como treinamento da base. *Fonte: Elaborado pela autora.*

4.2 Borramento

Também conhecido como filtro de suavização, o borramento é uma operação de processamento comumente utilizada com o objetivo de filtrar uma imagem, removendo ruídos e detalhes não relevantes. Normalmente esse tipo de filtro provoca também um certo borramento das bordas, como pode ser observado na Figura 4. Esse comportamento não é esperado quando queremos gerar novas imagens, pois informações relevantes podem ser removidas. Com o intuito de preservar as bordas, a operação de borramento **filtro bilateral** pode ser utilizada. Ela substitui o valor do pixel $I(x, y)$ pela média dos pixels vizinhos de intensidade similar (TOMASI; MANDUCHI, 1998). Ou seja, é uma média ponderada das intensidades que considera a diferença dos valores entre vizinhos para preservar bordas. Assim, para um pixel influenciar outro, deve estar próximo no espaço de coordenadas e possuir intensidade similar. O Algoritmo 3 descreve os passos desse filtro na sua versão mais simples, de força bruta. Considere W o termo de normalização, e G o filtro de Gaussianas. A Figura 13 exemplifica o seu funcionamento: à esquerda está demonstrada a imagem original e à direita a imagem borrada.



Figura 13 – Geração artificial utilizando borramento com filtro bilateral. *Fonte: Elaborado pela autora.*

Algoritmo 3: Geração artificial: borramento com filtro bilateral

Entrada:

Imagen colorida $I_{original}$ em formato RGB

Sigma do espaço de cor σ_{range}

Sigma do espaço de coordenadas $\sigma_{spatial}$

Saída:

Imagen borrada $I_{borrada}$

1 para cada pixel (x,y) faça

2 $I_{borrada}(x,y) \leftarrow 0;$

3 $W(x,y) \leftarrow 0;$

4 para cada pixel (i,j) faça

5 $w \leftarrow G_{\sigma_{spatial}}(\|(x,y) - (i,j)\|)G_{\sigma_{range}}(|I_{original}(x,y) - I_{original}(i,j)|);$

6 $I_{borrada}(x,y) \leftarrow I_{borrada}(x,y) + wI_{original}(i,j);$

7 $W(x,y) \leftarrow W(x,y) + w;$

8 fim

9 $I_{borrada}(x,y) \leftarrow I_{borrada}(x,y)/W(x,y);$

10 fim

Parâmetros e suas variações Conforme descrito no Algoritmo 3, os parâmetros para essa geração são: o σ_{range} do espaço de cor e o $\sigma_{spatial}$ do espaço de coordenadas. Esses parâmetros dependem das propriedades das imagens e dos resultados pretendidos. Quanto maior o σ_{range} , mais próximo da convolução Gaussiana e assim ocorre o borramento de intensidades mais distintas. Já o $\sigma_{spatial}$ controla o tamanho da vizinhança. Dessa forma, esses valores são escolhidos arbitrariamente para cada aplicação específica (TOMASI; MANDUCHI, 1998). Como o nosso objetivo com a geração das imagens não foi especializar no comportamento de uma classe de imagens, um valor foi escolhido aleatoriamente, e a partir dele os parâmetros de entrada foram definidos.

Limitações Esse filtro tende a remover texturas e criar novos contornos. Dependendo dos valores, pode gerar uma imagem “cartoonizada”.

Métodos relacionados São diversos os métodos de borramento descritos na literatura, como a filtragem Gaussiana e as filtragens de medianas e médias.

4.3 Aguçamento

Diferente da suavização, o processamento de aguçamento procura enfatizar as transições de intensidade. Um método bem conhecido para atingir tal objetivo é o *unsharp mask*. Ele borra a imagem, subtrai a imagem borrada da original e adiciona essa diferença na imagem original, dado um peso k (ver Algoritmo 4). A imagem resultante, ilustrada na Figura 14, é uma versão realçada da imagem original. Isso porque adiciona à imagem justamente o que é removido com um filtro de suavização.

Algoritmo 4: Geração artificial: aguçamento

Entrada:

Imagen colorida $I_{original}$ em formato RGB

Saída:

Imagen aguçada $I_{aguçada}$

```

1  $I_{borrada} \leftarrow filtro\_de\_suavização(I_{original})$ 
2 para cada pixel  $(x,y)$  em  $I_{original}$  faça
3    $I_{diferença} \leftarrow I_{original}(x,y) - I_{borrada}(x,y);$ 
4    $I_{aguçada}(x,y) \leftarrow I_{original}(x,y) + k * I_{diferença};$ 
5 fim

```

Parâmetros e suas variações Pode-se variar o parâmetro k de forma a ponderar a soma dessa diferença. Para a geração das imagens da classe minoritária, foi utilizado $k = 1$.



Figura 14 – Geração artificial utilizando *unsharp masking*. Fonte: Elaborado pela autora.

Limitações É possível que existam pixels com valor negativo no resultado final. Isso pode causar o aparecimento de uma áurea em volta das bordas, efeito não desejado (GONZALEZ; WOODS, 2007).

Métodos relacionados Outros algoritmos de aguçamento conhecidos são: utilizar primeira derivada (grandiente), ou a segunda derivada da imagem (Laplaciano).

4.4 Adição de ruído

O ruído de Poisson ocorre na contagem de fótons de dispositivos ópticos. Ele segue a distribuição de Poisson, que representa o número de ocorrências de um evento em um dado instante de tempo (??) (knuth vem aqui :-)). O efeito da adição de ruído pode ser visto na Figura 15.



Figura 15 – Geração artificial utilizando adição de ruído de Poisson. Fonte: Elaborado pela autora.

Uma possível implementação para encontrar os valores de Poisson foi desenvolvida por Knuth e pode ser vista no Algoritmo 5. A diferença do cálculo da distribuição de Poisson para sua adição em uma imagem, é que para calcular o valor de ruído em um pixel, esse pixel é considerado a média dessa distribuição. Ou seja, $\mu \equiv I_{original}(x, y)$. Para intensidades próximas

a zero, o limite será $L \approx 1$ e, portanto, a probabilidade p estará muito próxima do limite e o contador k terá um valor baixo. Dessa forma, para intensidades escuras haverá pouco ruído. Por outro lado, em intensidades próximas a 255, $p \approx 0$. Assim, são necessárias muitas interações até $p > L$ e maior será a intensidade resultante $k - 1$.

Algoritmo 5: Geração artificial: ruído de Poisson

Entrada:

Imagen colorida $I_{original}$ em formato RGB

Saída:

Imagen ruidosa $I_{ruidosa}$

```

1 para cada canal de cor faça
2   para cada pixel  $(x, y)$  faça
3      $L \leftarrow \exp(-I_{original}(x, y));$ 
4      $p \leftarrow 1;$ 
5      $k \leftarrow 0;$ 
6     faça
7        $k \leftarrow k + 1;$ 
8        $p \leftarrow p * \text{número aleatório uniforme entre } 0 \text{ e } 1;$ 
9     enquanto  $p > L;$ 
10     $I_{ruidosa}(x, y) \leftarrow k - 1;$ 
11  fim
12 fim

```

Parâmetros e suas variações Para a adição desse ruído em uma imagem, não é fornecido nenhum parâmetro. O ruído é calculado para cada pixel.

Limitações A adição de ruído é normalmente indesejável. Porém, a utilizamos para englobar um processamento de imagens que, de certa forma, se contrapõe ao borrimento.

Métodos relacionados Esse método está relacionado com diversos outros ruídos, como o sal e pimenta, por exemplo.

4.5 SMOTE visual

Conforme visto na Seção 2.4.1, o SMOTE é um método de rebalanceamento aplicado após a extração de características. É proposta uma alternativa, chamada de SMOTE visual, onde imita-se o funcionamento do SMOTE, porém no nível de pixels. A diferença é que não é feito entre as imagens mais próximas, mas sim entre duas imagens escolhidas de forma aleatória do conjunto de treinamento da classe minoritária.

Para cada pixel é calculado a diferença entre as duas imagens. Essa diferença é então multiplicada por um número aleatório no intervalo $[0 - 1]$ e adicionado na imagem original (ver Algoritmo 6). O efeito que esse processamento causa na imagem pode ser visualizado na Figura 16.

Algoritmo 6: Geração artificial: SMOTE visual

Entrada:

Imagen colorida $I_{original}$ em formato RGB

Imagen colorida $I_{segunda_original}$ em formato RGB

Saída:

Imagen gerada I_{gerada}

```

1 para cada pixel  $(x,y)$  faça
2   |   diferença  $\leftarrow I_{original}(x,y) - I_{segunda\_original}(x,y);$ 
3   |   gap  $\leftarrow$  número aleatório entre 0 e 1;
4   |    $I_{gerada}(x,y) \leftarrow I_{original}(x,y) + gap * diferença;$ 
5 fim
6  $mínimo \leftarrow$  menor valor( $I_{gerada}$ );
7  $máximo \leftarrow$  maior valor( $I_{gerada}$ );
8 para cada pixel  $(x,y)$  faça
9   |    $I_{gerada}(x,y) \leftarrow I_{gerada}(x,y) - mínimo;$ 
10 fim
11 para cada pixel  $(x,y)$  faça
12   |    $I_{gerada}(x,y) \leftarrow I_{gerada}(x,y) * (255/(máximo - mínimo));$ 
13 fim

```

Limitações Esse método adiciona texturas e bordas que não estavam originalmente nas imagens.

Métodos relacionados Esse método é visualmente parecido com o de mistura ponderada, apresentado na próxima seção.



Figura 16 – Geração artificial utilizando o método SMOTE no espaço visual. *Fonte: Elaborado pela autora.*

4.6 Mistura ponderada

Essa geração calcula a soma ponderada de duas imagens, de acordo com o Algoritmo 7. O efeito dessa mistura pode ser visto na Figura 17, onde dadas duas imagens como entrada, a imagem da direita corresponde à soma delas.

Algoritmo 7: Geração artificial: mistura ponderada

Entrada:

Primeira imagem colorida I em formato RGB

Segunda imagem colorida I_2 em formato RGB

Saída: Imagem gerada G

- 1 $\alpha \leftarrow$ número aleatório entre 10 e 80;
 - 2 $\beta \leftarrow 100 - \alpha;$
 - 3 **para cada** pixel (x, y) **faça**
 - 4 | $G(x, y) \leftarrow \beta.I(x, y) + \alpha.I_2(x, y);$
 - 5 **fim**
-



Figura 17 – Geração artificial utilizando uma mistura ponderada de duas imagens. *Fonte: Elaborado pela autora.*

Parâmetros e suas variações Os parâmetros α e β são escolhidos de forma aleatória. Um valor entre 10% e 80% é escolhido para α ; e β equivale ao valor restante para completar 100%.

Limitações Assim como todas as gerações artificiais que envolvem a mistura de imagens, efeitos são adicionados às imagens originais. Dependendo da combinação dos métodos de descrição, quantização e classificação, isso pode piorar a acurácia da classificação.

Métodos relacionados É um método de combinação de imagens primitivo. Algoritmos similares são muito mais complexos, como os de *threshold* e saliência descritos a seguir.

4.7 Mistura limiarizada

A combinação de *thresholds* é uma composição do fundo (*background*) de uma imagem e do objeto da cena (*foreground*) de outra imagem. A Figura 18 mostra a mistura dos *thresholds* de duas imagens originais para compor uma nova imagem. O Algoritmo 8 descreve as operações necessárias para realizar tal processamento.



Figura 18 – Geração artificial utilizando uma mistura limiarizada de duas imagens. *Fonte: Elaborado pela autora.*

Parâmetros e suas variações No âmbito desta pesquisa, os parâmetros estão fixos, mas é possível modificar o tamanho dos elementos estruturantes que fazem as operações de abertura e dilatação para remover pequenas regiões.

Algoritmo 8: Geração artificial: mistura limiarizada

Entrada:Imagen colorida I em formato RGBImagen colorida I_2 em formato RGB**Saída:** Imagem gerada G

- 1 $I_{cinza} \leftarrow$ escala de cinza(I);
 - 2 $I_{threshold} \leftarrow OTSU(I_{cinza})$;
 - 3 $I_{morfologica} \leftarrow$ abertura e dilatação($I_{threshold}$);
 - 4 $I_{foreground} \leftarrow$ aplica máscara($I_{morfologica}, I$);
 - 5 $I_{morfologica} \leftarrow$ oposto($I_{morfologica}$);
 - 6 $I_{background} \leftarrow$ aplica máscara($I_{morfologica}, I_2$);
 - 7 $G \leftarrow I_{background} + I_{foreground}$;
-

Limitações Dependendo da quantidade de informações da imagem, o *threshold de OTSU* pode não conseguir extrair nenhuma informação relevante ou mesmo a imagem toda.

Métodos relacionados Essa geração está fortemente correlacionada com a mistura a partir da saliência da imagem, apresentada a seguir.

4.8 Mistura saliente

A combinação de regiões salientes é muito similar com o método anterior de combinação de *thresholds*, porém, utiliza um algoritmo mais rebuscado que detecta o mapa de saliência da imagem baseado no método *Graph-Based Manifold Ranking* (??). A Figura 19 mostra a combinação da região saliente da imagem original à esquerda com a imagem central, resultando na imagem combinada à direita.

As operações aplicadas na imagem para extrair a região mais saliente são: segmentação pelo método SLIC; rotulação por conectividade; *threshold de OTSU*; e operações morfológicas. O Algoritmo 9 apresenta os passos para o cálculo do *background* e *foreground*.

Parâmetros e suas variações Assim como no método anterior, os parâmetros são relacionados ao tamanho do elemento estruturante para a abertura e dilatação e estão fixos.

Limitações Não é garantido que o algoritmo de saliência consiga extrair a melhor região, ou mesmo que sempre haja uma região saliente.

Métodos relacionados Assemelha-se à mistura por *thresholds*.

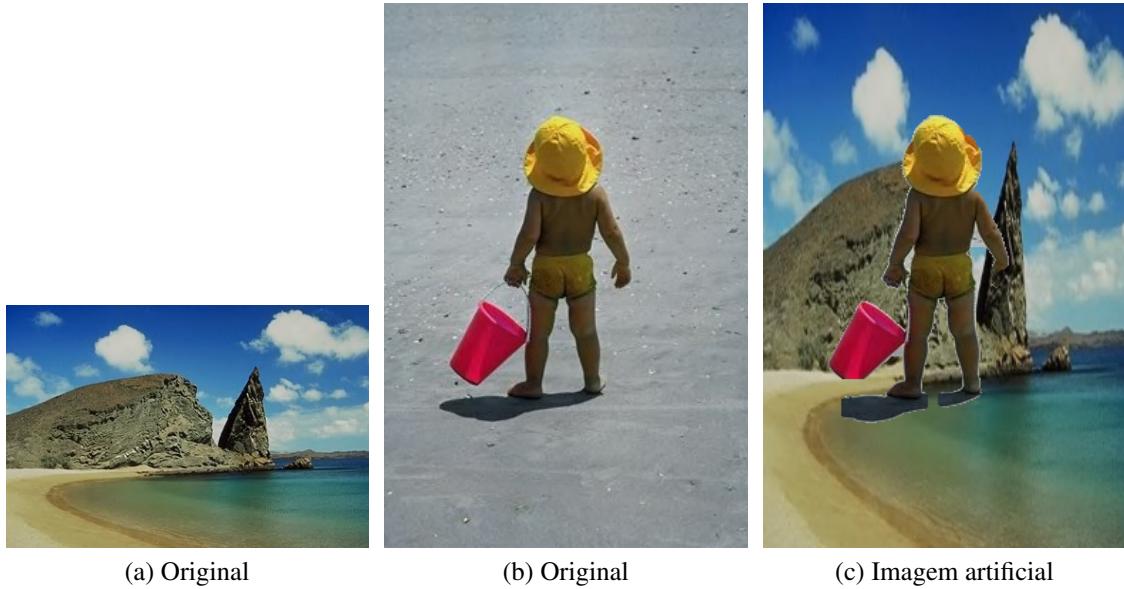


Figura 19 – Geração artificial utilizando uma mistura de duas imagens a partir da saliência da primeira imagem.
Fonte: Elaborado pela autora.

Algoritmo 9: Geração artificial: mistura saliente

Entrada:

Imagen colorida I em formato RGB

Imagen colorida I_2 em formato RGB

Saída: Imagem gerada G

- 1 $I_{rotulada \ por \ segmento} \leftarrow SLIC(I);$
 - 2 $I_{mapa \ de \ sali\^encia} \leftarrow rotula\c{c}\~ao \ por \ conectividade(I_{rotulada \ por \ segmento});$
 - 3 $I_{threshold} \leftarrow OTSU(I_{mapa \ de \ sali\^encia});$
 - 4 $I_{morfologica} \leftarrow abertura \ e \ dilata\c{c}\~ao(I_{threshold});$
 - 5 $I_{foreground} \leftarrow aplica \ m\'ascara(I_{morfologica}, I);$
 - 6 $I_{morfologica} \leftarrow oposto(I_{morfologica});$
 - 7 $I_{background} \leftarrow aplica \ m\'ascara(I_{morfologica}, I_2);$
 - 8 $G \leftarrow I_{background} + I_{foreground};$
-

4.9 Composição

Essa geração pretende compor informações de diversas imagens em uma única. Assim é feito um mosaico com várias imagens, conforme pode ser visto na Figura 20. Para cada quadrado a ser preenchido, sorteia uma imagem do conjunto de treinamento; realiza uma operação de borramento, aguçamento, mistura ponderada ou SMOTE visual; e adiciona essa imagem no quadrado respectivo. Os passos para tal composição estão descritos no Algoritmo 10.



Figura 20 – Geração artificial utilizando uma composição de imagens. *Fonte: Elaborado pela autora.*

Parâmetros e suas variações O parâmetro q controla quantos quadrados serão criados na nova imagem. Nesta pesquisa foram realizados testes com 4 e 16 quadrados.

Limitações O término brusco de uma imagem para início da outra, ao formar a grade de imagens, tem efeitos colaterais de inserção de textura que não excedam a vantagem de compor uma mesma imagem com várias cores, texturas e formas das imagens originais.

Métodos relacionados Fazer uma composição de imagens em quadrantes pode estar relacionado com a composição ao utilizar saliência.

Algoritmo 10: Geração artificial: composição

Saída: Imagem gerada G

- 1 **enquanto** $total < \text{número de quadrados } q$ **faça**
- 2 $I \leftarrow$ imagem aleatória do conjunto de treinamento;
- 3 operação $\leftarrow 1 + (\text{rand}() \% 3)$;
- 4 **selecione** operação **faça**
- 5 **caso** 1
- 6 $I \leftarrow \text{borramento}(I)$;
- 7 **caso** 2
- 8 $I \leftarrow \text{mistura ponderada}(I)$;
- 9 **caso** 3
- 10 $I \leftarrow \text{aguçamento}(I)$;
- 11 **caso** 4
- 12 $I \leftarrow \text{visual SMOTE}(I)$;
- 13 **fim**
- 14 $x \leftarrow$ posição aleatória em x de I ;
- 15 $y \leftarrow$ posição aleatória em y de I ;
- 16 $qx \leftarrow$ posição atual para o quadrado em x de G ;
- 17 $qy \leftarrow$ posição atual para o quadrado em y de G ;
- 18 $G(qx, qy) \leftarrow I(x, y)$;
- 19 $total ++$;
- 20 **fim**

4.10 Considerações finais

Esse capítulo descreveu como o rebalanceamento é realizado, através da geração de imagens artificiais para a classe (ou classes) minoritárias, utilizando-as assim para o treinamento. Os métodos para gerar tais imagens foram apresentados e exemplificados. Foram também descritos os algoritmos, parâmetros utilizados, limitações e métodos relacionados a cada um destes algoritmos. Os resultados da utilização dos métodos descritos neste capítulo estão no Capítulo 6.



RESULTADOS: QUANTIZAÇÃO DE IMAGENS

5.1 Considerações Iniciais

Este capítulo apresenta os resultados encontrados ao aplicar os métodos de quantização de imagens no *pipeline* implementado. Para cada experimento realizado são descritos: a base de imagens; o protocolo utilizado; os resultados encontrados e a sua relevância. Os resultados devem refletir melhorias nas etapas subsequentes, como uma melhor acurácia na etapa de classificação ou a redução do tempo de processamento.

5.2 Experimentos

O objetivo desta seção é mostrar os efeitos da etapa de quantização e como ela pode ser utilizada para reduzir a dimensionalidade do espaço de características. A Figura 21 demonstra o fluxo das operações, juntamente com os métodos utilizados nos experimentos.

Inicialmente, as imagens foram quantizadas em 256, 128, 64, 32 e 16 cores. Dependendo do método de conversão para a escala de cinza, a correção *gamma* é realizada (ver Seção 2.2.3). Após, suas características são extraídas e duas etapas distintas de experimentos são realizadas:

1. Experimentos utilizando um método de extração de características seguido pela classificação (sem posterior seleção de características);
2. Experimentos utilizando o vetor resultante da concatenação de todos os métodos de extração, seguido pela classificação com e sem a seleção de características.

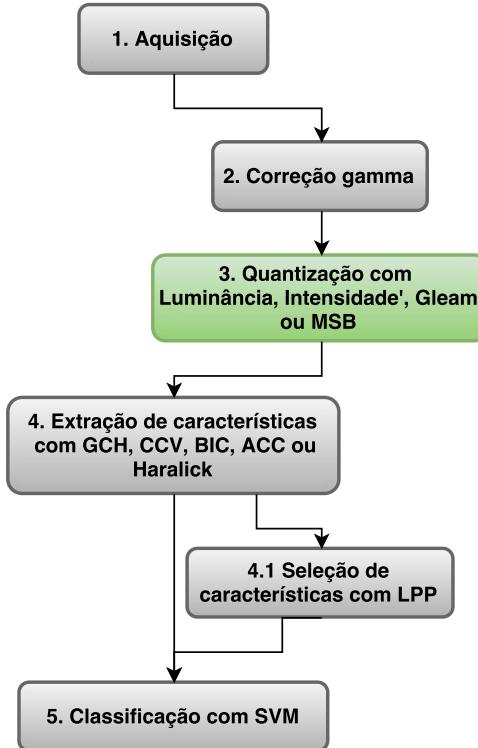


Figura 21 – Essa figura demonstra o fluxo das operações e os métodos utilizados nos experimentos. Após a aquisição da imagem, ela é convertida para escala de cinza e seus níveis de cor são reduzidos de acordo com um parâmetro da quantização (i.e. número de cores). Dependendo do método, a correção *gamma* é realizada. A imagem quantizada serve então como entrada para um método de extração de características e posteriormente é classificada com *SVM*. Uma das etapas de experimentos prevê também a concatenação de todos os vetores extraídos e a seleção das características com *LPP* antes da classificação. *Fonte: Elaborado pela autora.*

5.2.1 Base de Imagens

Três bases de imagens, exemplificadas na Figura 22, foram utilizadas nestes experimentos de quantização:

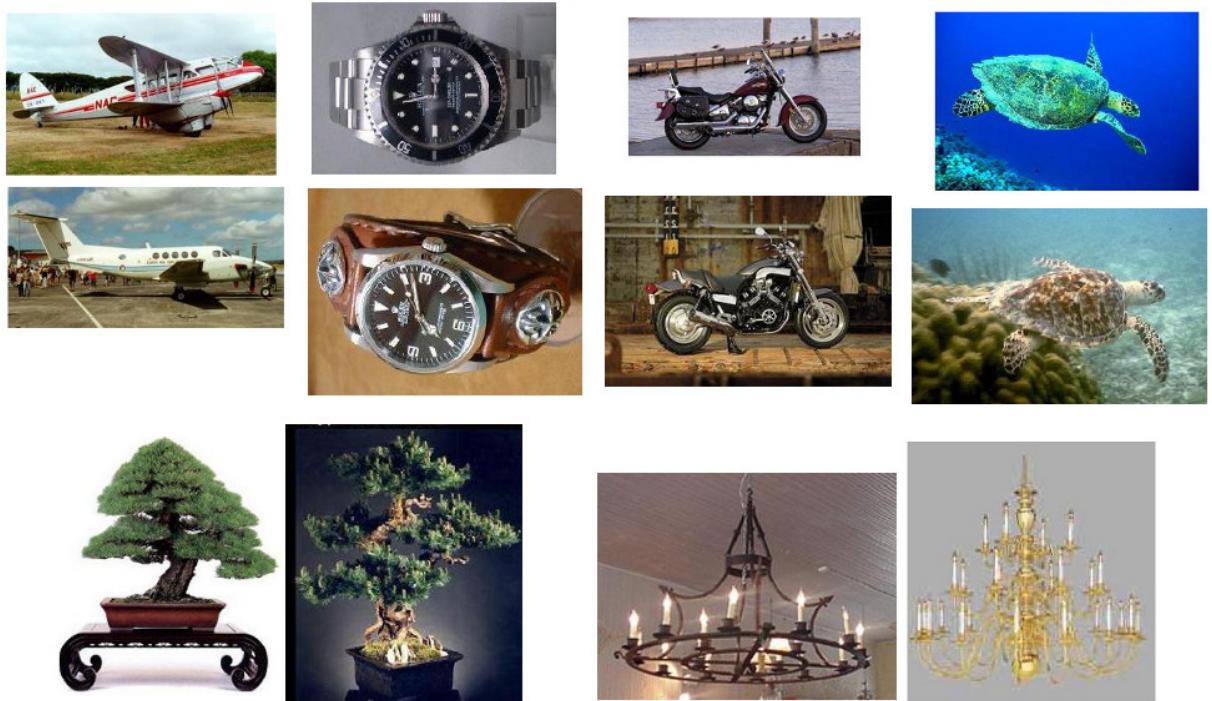
Corel-1000¹: consiste em dez classes balanceadas de imagens naturais, com algumas classes bem definidas e algumas não;

Caltech101-600²: contém fotos e desenhos. Dessa base, foi utilizado um conjunto de seis classes balanceadas: aviões, bonsais, candelabros, tartarugas, motocicletas e relógios;

Produce (ROCHA *et al.*, 2010): também conhecido como base de vegetais e frutas tropicais. Composta por imagens com um fundo similar mas mudanças representativas na iluminação, no número de objetos e na escala. Apesar da oclusão parcial de objetos ser observada, essa classe possui dados bem comportados.

¹ Disponível em <<http://wang.ist.psu.edu/docs/related/>>

² Disponível em <http://www.vision.caltech.edu/Image_Datasets/Caltech101/Caltech101.html>



(a) Base de imagens Caltech101



(b) Base de imagens Corel-1000



(c) Base de imagens Produce

Figura 22 – Bases de imagens utilizadas para os experimentos de quantização. *Fonte: (PONTI; NAZARÉ; THUMÉ, 2016).*

Considerando que estes experimentos possuem foco na redução na dimensionalidade, para evitar o problema do desbalanceamento, as bases *Produce* e *Caltech* foram modificadas. Dessa forma, as classes disponíveis foram balanceadas ao remover imagens das classes majoritárias.

5.2.2 Protocolo

Os experimentos foram realizados com uma validação cruzada de *10-fold*. Considerando que as bases estão平衡adas e que a seleção de exemplos para a validação cruzada é estratificada, a medida estatística de *acurácia* foi utilizada para avaliar a performance da classificação. O seguinte protocolo foi seguido para a obtenção dos resultados:

1. **Quantização:** com os métodos *Intensidade'*, *Gleam*, *Luminância'* e MSB.
2. **Extração de características:** utilizando os métodos – e parâmetros escolhidos com base nas recomendações dos artigos que proporam tais métodos – a seguir:
 - *Auto Color Correlogram* (ACC): a métrica de distância utilizada entre os pixels $p(x,y)$ e $q(s,t)$ é a tabuleiro de xadrez $D_8(p,q) = \text{Max}(|x-s|+d, |y-t|+d)$ para quatro distâncias $d = 1, 3, 5$ e 7 ;
 - *Border-Interior Classification* (BIC): com uma vizinhança de quatro pixels;
 - *Color Coherence Vector* (CCV): adotando um valor de $\text{threshold} = 25$ para a classificação dos pixels entre coerentes e incoerentes;
 - Haralick: o pixel vizinho para o qual iniciar a computar a matriz de correlação foi o pixel à direita.
3. **Redução da dimensionalidade:** a projeção utilizando *Locality Preserving Projections* (LPP) foi realizada com o parâmetro $k = 128, 64, 32$ e 16 dimensões e 10 vizinhos. Esse parâmetro foi determinado empiricamente e não influencia consideravelmente a acurácia.
4. **Classificação:** realizada através do método *Support Vector Machines* (SVM). Os parâmetros para essa etapa foram encontrados utilizando uma *grid search* no conjunto de treino.

5.2.3 Resultados e Discussão

A Figura 23 ilustra a acurácia média para o primeiro conjunto de experimentos: para cada combinação de base de dados e método de extração, são demonstrados seis resultados de acurácia correspondentes à quantização para $256, 128, 64, 32, 16$ e 8 cores. Com base nessa figura é possível identificar que o método para obter a imagem quantizada tem um impacto significativo na acurácia da classificação. Além disso, a redução de 256 para um menor número

de cores normalmente manteve as acuráncias e em alguns casos resultou em uma ligeira melhora, especialmente para os níveis de 128 e 64.

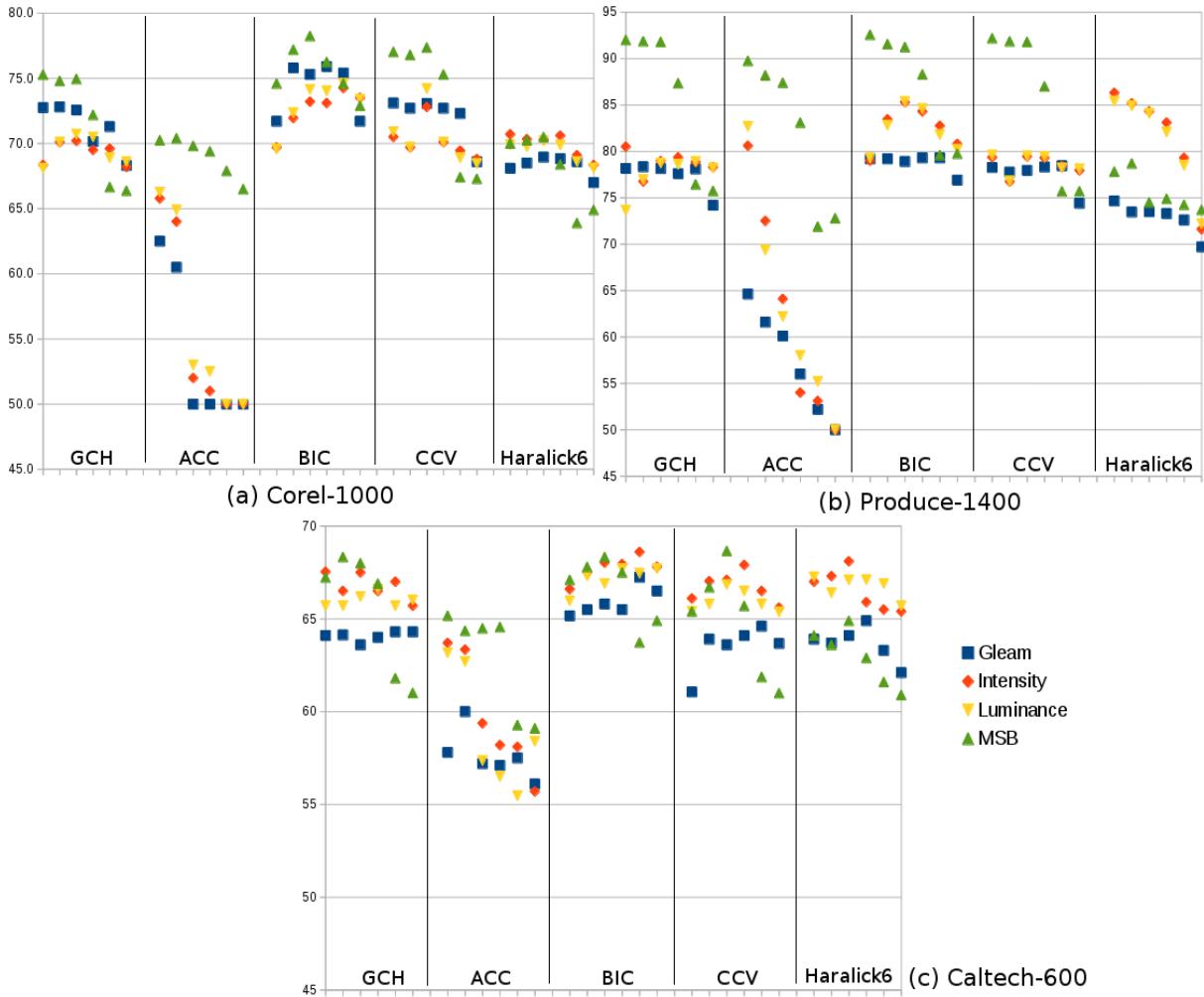


Figura 23 – Resultados para Corel(a), Produce(b) e Caltech(c), com todos os métodos de quantização. Para cada método de extração de características a acurácia é resultante da sua aplicação utilizando 256, 128, 64, 32, 16 e 8 cores, da esquerda para a direita. *Fonte:* ([PONTI; NAZARÉ; THUMÉ, 2016](#)).

Considerando que a utilização de apenas 16 e 8 cores resultou em uma acurácia muito inferior, o restante dos resultados utilizam 256, 128, 64 e 32 cores. A partir dessa análise geral, uma análise mais específica foi realizada com a combinação dos métodos BIC e MSB; e Haralick e *Luminância*. O teste estatístico ANOVA foi realizado para comparar as acuráncias dos experimentos das Figuras 24 e 25. Para identificar se algum método obteve uma diferença significativa no valor de acurácia, foi utilizado o teste *Honest Significant Difference* (HSD) de Tukey. Um nível de significância de $\alpha = 0.01$ foi utilizado. Por conta disso, os boxplots em cinza correspondem aos dados com diferença estatística relevante quando comparados com a acurácia de 256 cores, obtendo um $p < 0.01$.

De acordo com o teste estatístico representado na Figura 24, utilizar características de cor (extraídas com o método BIC) e níveis de quantização providos pelo método MSB demonstrou

resultados melhores do que o *baseline* de 256 cores para as bases Corel (128, 64 e 32 cores) e Caltech (64 cores). O único resultado que piorou significativamente foi para 32 cores da base de imagens *Produce*. Portanto, converter as imagens para a escala de cinza e reduzir os 256 possíveis valores para apenas 64 provou uma boa escolha de processamento anterior a extração de características. Menores valores podem degradar os resultados em características de textura, como mostrado na Figura 25.

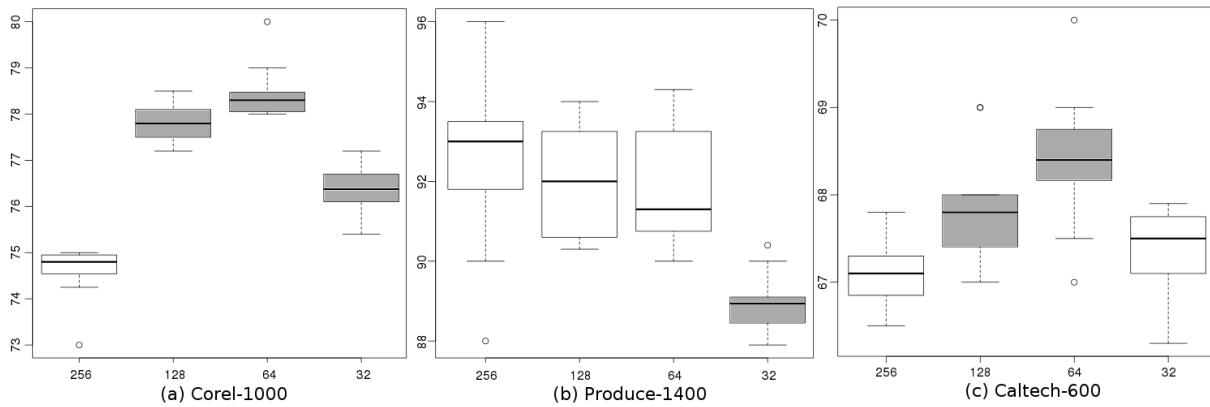


Figura 24 – Acurácia média da classificação utilizando o método de quantização MSB considerando 256, 128, 64 e 32 cores com o método de extração de características BIC. Os boxplots em cinza correspondem às significâncias estatísticas com $p < 0.01$ quando comparado à acurácia de 256 cores. *Fonte:* (PONTI; NAZARÉ; THUMÉ, 2016).

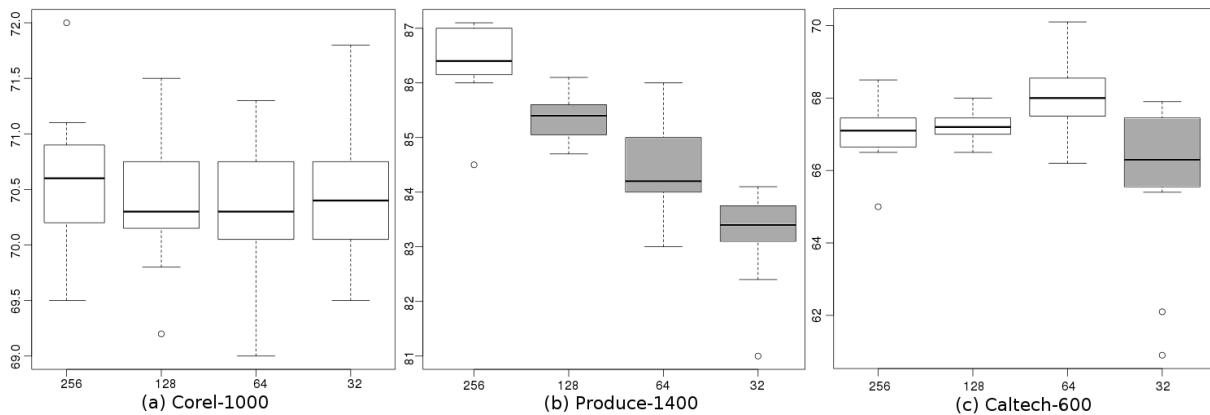


Figura 25 – Acurácia média da classificação após a utilização do método de quantização ‘Luminância’ considerando 256, 128, 64 e 32 cores com o descritor Haralick. Os boxplots em cinza correspondem às significâncias estatísticas com $p < 0.01$ quando comparado à acurácia de 256 cores. *Fonte:* (PONTI; NAZARÉ; THUMÉ, 2016).

Uma outra comparação importante é entre a redução de dimensionalidade obtida com métodos de quantização versus o método LPP. A redução de dimensionalidade obtida com os métodos MSB, BIC e LPP está ilustrada na Figura 26. A imagem de entrada foi convertida para escala de cinza com o método MSB em 256 cores. Essa imagem foi dada como entrada para o método de extração de características BIC, que resultou em um vetor dado como entrada para o LPP. Esse último passo teve o objetivo de produzir versões reduzidas desse vetor para 256, 128 e

64 dimensões. As acuráncias obtidas foram então comparadas com a classificação dos vetores reduzidos apenas pela quantização. Como a comparação foi feita em pares, foram realizados testes t de Student sobre a suposição de dois exemplos independentes com variâncias desiguais e um nível de significância de 0.01. O método de quantização obteve valores de acurácia menores à utilização do LPP em três experimentos: 256 cores com a base *Corel* e com 256 e 64 na base *Produce*. Para a base *Caltech* a quantização foi melhor com 256 e 128 dimensões. O restante dos experimentos não apresentaram diferença estatística relevante. Apesar da perda de acurácia em alguns casos, é importante notar que – se utilizado um número de cores correto – é possível manter ou até mesmo melhorar as acuráncias após a redução da dimensionalidade. Isso pode ser observado na Figura 26 referente à base de dados *Caltech*.

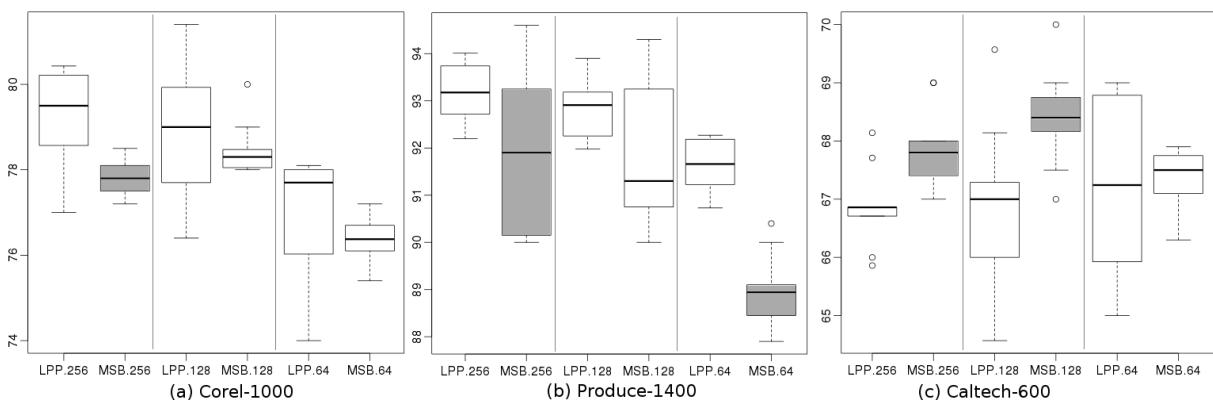


Figura 26 – Resultados de acurácia para os métodos MSB (quantização), LPP (redução de dimensionalidade) e BIC (extração de características). A comparação do LPP versus MSB foi realizada com a mesma dimensionalidade. Os boxplots em cinza correspondem às significâncias estatísticas com $p < 0.01$ quando comparado a acurácia de 256 cores. Fonte: ([PONTI; NAZARÉ; THUMÉ, 2016](#)).

O número de dimensões de um vetor resultante de apenas um método de extração de características pode ser considerado baixo. É comum a extração de diversos descritores para uma determinada situação, considerando que normalmente não é claro qual método deveria ser utilizado em cada caso. Por conta disso, os próximos experimentos foram realizados a partir da concatenação de tais características. O objetivo destes experimentos é verificar se a concatenação de todos os descritores pode melhorar os resultados de acurácia. Além disso, comparar os resultados com os experimentos anteriores, afim de verificar se a quantização pode ser uma alternativa à redução da dimensionalidade com métodos convencionais (LPP, neste caso). A melhor configuração encontrada com os experimentos anteriores, entre tamanho do vetor e acurácia, foi utilizando 128 e 64 cores.

A redução do número de cores influencia a dimensionalidade original D . O número de características em relação ao número de cores, concatenando todos os vetores resultantes dos métodos de extração de características, é: 256 cores – 2310 características; 128 cores – 1160 características; 64 cores – 582 características; 32 cores — 294 características; e 16 cores – 150 características.

Primeiramente, as imagens foram convertidas para escala de cinza e mantidas com 256 cores. Essas imagens foram descritas por todos os métodos de extração e suas características concatenadas em um vetor com dimensão original $D = 2310$. A redução de dimensionalidade com LPP foi realizada para $d = 1160, 582, 294$ e 150 . Ou seja, produzindo vetores com o mesmo tamanho dos obtidos apenas com a quantização como método de redução da dimensionalidade. A Figura 27 mostra os resultados utilizando LPP para as três bases de imagens. Note que o método de quantização MSB resultou em acurárias melhores que os outros métodos.

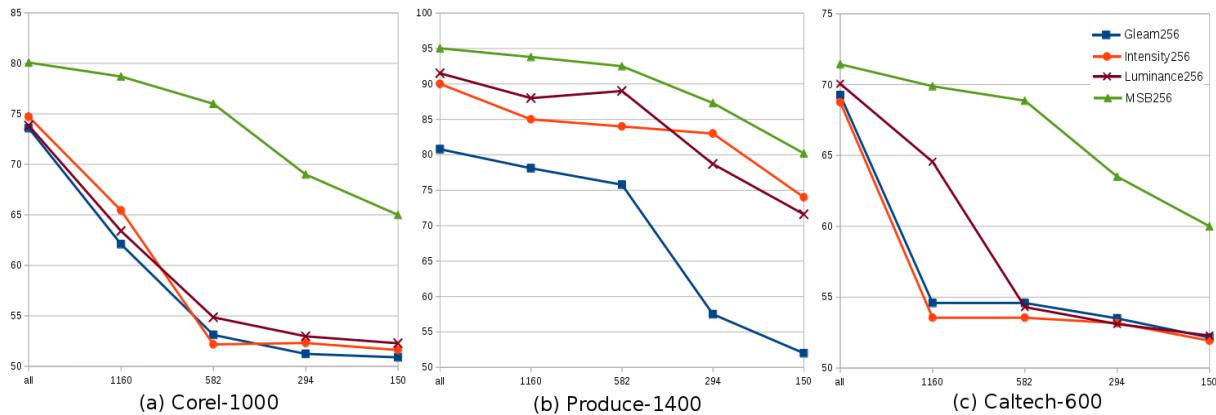


Figura 27 – Comparação da acurácia alcançada com diferentes métodos de quantização: *Gleam*, *Intensidade*', *Luminância*' e MSB. Inicialmente as imagens foram convertidas para escala de cinza com esses quatro métodos e foram dadas como entrada para todos os métodos de extração. O vetor de características resultante com $D = 2310$ sofreu então redução da dimensionalidade com o método LPP para $d = 1160$, 582 , 294 e 150 . Fonte: ([PONTI; NAZARÉ; THUMÉ, 2016](#)).

A utilização de todos os vetores concatenados melhorou a acurácia em relação ao melhor descriptor individual. A Figura 28 apresenta a comparação do espaço original com LPP e MSB para redução da dimensionalidade. Os testes estatísticos ANOVA e o de Tukey foram realizados utilizando $\alpha = 0.01$ como nível de significância. Os resultados que não mudaram significativamente as acurárias foram: MSB com 582 características para a base de dados *Corel*; e MSB com 1160 para as três bases. O resultado de piora significativa foi para 32 cores com a base de imagens *Produce*. Dados tais resultados, utilizar 64 cores é apontado como uma boa escolha do parâmetro de quantização.

Os resultados indicam que a quantização pode ser utilizada como redução da dimensão de dados visuais, especialmente utilizando 128 e 64 cores. Como outro experimento, a Figura 29 mostra as acurárias resultantes da aplicação do LPP sob o vetor obtido após a quantização com MSB utilizando 256 e 64 cores ($d = 2310$ e $d = 582$, respectivamente). É interessante notar que as projeções LPP em geral foram melhores com as imagens quantizadas em 64 cores com MSB ao invés da original em 256. A razão para isso deve estar no fato da quantização remover informações confusas: ela simplifica as imagens de forma que as cores restantes possam melhor descrever uma certa classe.

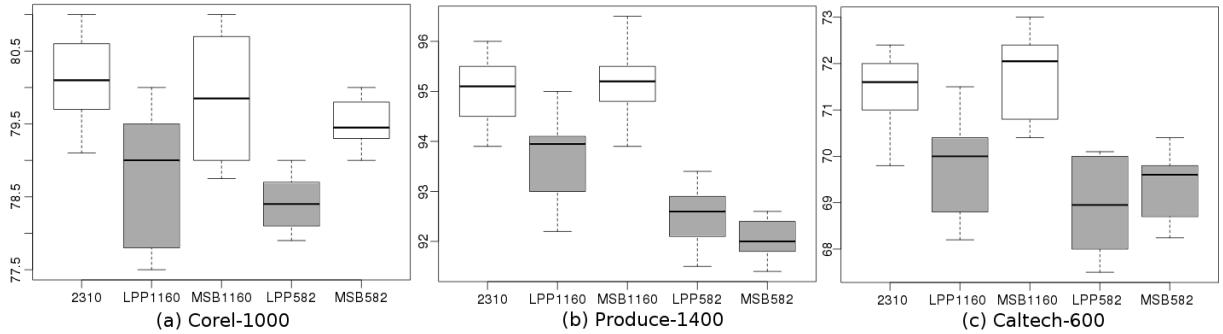


Figura 28 – Comparação da acurácia com o uso da projeção LPP e o método MSB para quantização das imagens com o objetivo de redução de dimensionalidade. *Fonte: (PONTI; NAZARÉ; THUMÉ, 2016).*

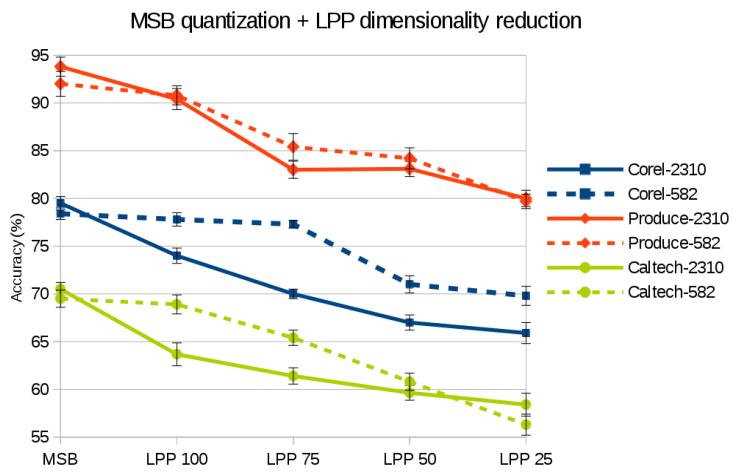


Figura 29 – Resultados para a projeção do LPP sobre o espaço de características produzido pelo método de quantização MSB utilizando 256 ($d = 2310$) e 64 cores ($d = 582$). *Fonte: (PONTI; NAZARÉ; THUMÉ, 2016).*

5.3 Considerações Finais

O vetor concatenado com todos os descritores possui $9C + 6$ dimensões, onde C é o número de cores da imagem de entrada. O tempo de execução para a extração de todas as características é $f(N) = 42N + 6C^2$, onde N é o número de pixels. Para cada imagem são necessárias $D^2 + kD + d^2$ operações para computar o vetor reduzido com LPP, onde D é o tamanho do vetor original, d o tamanho do vetor de saída e k é o número de vizinhos utilizados no algoritmo.

Ao comparar o uso da quantização com a utilização de métodos mais complexos para a redução da dimensionalidade, esse processamento permite uma redução significante, enquanto normalmente preserva ou melhora a acurácia do sistema. Independente da utilização de um método de seleção de características, ao escolher um método de quantização apropriado e seus parâmetros é possível reduzir a dimensionalidade e acelerar computacionalmente as etapas que precedem o reconhecimento de imagens. Considere o seguinte exemplo: 100 imagens com 256 cores demandam 231.6 milhões de instruções para extrair as características e reduzir o vetor

utilizando o método LPP (com $k = 10$ e $d = 50$). Se ao invés disso, fossem utilizadas 64 cores, esse número cairia para 58.7 milhões, o que corresponde a uma redução de 74,6%.



RESULTADOS: GERAÇÃO ARTIFICIAL DE IMAGENS

6.1 Considerações Iniciais

Os resultados encontrados ao rebalancear classes a partir da geração de imagens artificiais estão descritos neste capítulo. Para cada experimento realizado, são descritos: o protocolo utilizado (incluindo a base de imagens e os métodos de conversão para escala de cinza e extração de características), os resultados encontrados e a discussão da relevância de tais resultados.

Foram realizados diversos experimentos direcionados a explorar o rebalanceamento com métodos de processamento, para melhorar a acurácia da classificação de bases de imagens. Como entrada são utilizadas imagens originais provenientes de diversas coleções disponíveis na literatura. Como resultado, são calculadas medidas estatísticas da classificação dessas coleções após a alteração dessas imagens com os métodos de realce de características relevantes.

Os experimentos a serem relatados são relacionados à geração de imagens para rebalancear classes. Tal processamento é realizado antes da extração de características, e portanto no campo visual. Por conta disso, os resultados devem refletir melhorias nas etapa subsequente de classificação.

6.2 Experimentos

Esta seção descreve os resultados encontrados ao rebalancear as classes de imagens aplicando os processamentos — descritos no Capítulo 4 — nas imagens originais. A Figura 30 destaca o fluxo de operações realizadas para a análise do impacto da geração de imagens no rebalanceamento de classes. O mesmo protocolo de conversão para escala de cinza, extração de características e classificação foi seguido para três sub-experimentos: base desbalanceada;

base rebalanceada com interpolação dos vetores de características (método SMOTE); e base rebalanceada com a geração artificial de imagens.

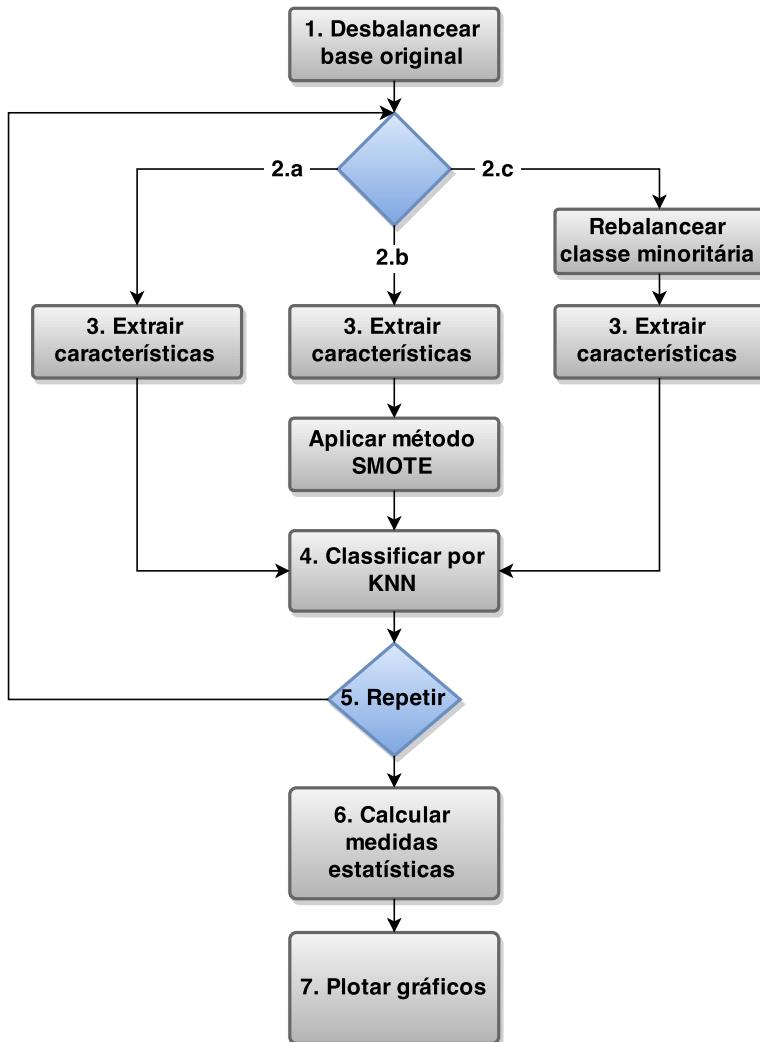


Figura 30 – Fluxo de operações para obtenção dos resultados do rebalanceamento de classes. *Fonte: Elaborado pela autora.*

Procurando estabilidade dos resultados obtidos com a geração das imagens artificiais, foi identificada a necessidade de controlar a remoção de imagens da base no momento da criação da base desbalanceada. Assim, os resultados foram obtidos a partir de uma forma de validação K-fold com o objetivo de prover mais robustez ao sistema. A Figura 31 ilustra como tal validação foi realizada, utilizando como exemplo uma base com duas classes de imagens. Primeiramente as imagens foram separadas de forma aleatória em $k = 5$ folds em cada classe. Depois, as duas classes compõem 40 configurações, consistindo em: um fold para teste e os outros para treino na classe que permanecerá balanceada; e um de teste e um de treino para a classe que os métodos de processamento irão rebalancear. Tal validação é repetido para todas as classes, ou seja, cada classe contribui para o desbalanceamento. Porém, se originalmente a base é naturalmente desbalanceada, um fold é utilizado para teste e os restantes para treino para todas as classes.

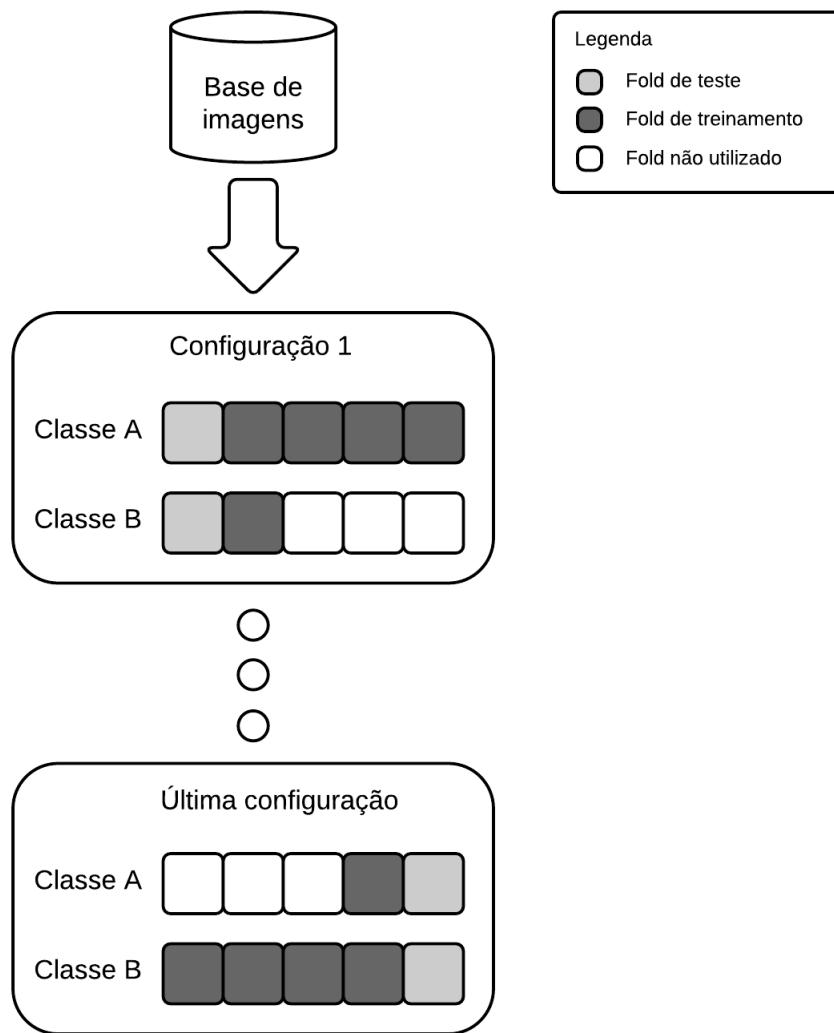


Figura 31 – Fonte: Elaborado pela autora.

A medida estatística mais comum para avaliação é a razão do número de acertos pela quantidade de imagens testadas. Essa medida, conhecida por acurácia, pode não refletir propriamente os resultados, em um cenário de bases desbalanceadas. Isso se deve ao fato de que se a classe minoritária não obtiver nenhum resultado correto e a classe majoritária tiver 100% de acertos, a acurácia normal poderá ser muito alta, mesmo considerando que nenhuma imagem da classe minoritária foi corretamente classificada. Dessa forma, considera que os erros são igualmente importantes. Mas em se tratando de bases desbalanceadas, deve-se diferenciar o erro em, por exemplo, diagnosticar um paciente doente – classe minoritária – como sendo saudável e um paciente saudável – classe majoritária – como estando doente ([BATISTA; PRATI; MONARD, 2004](#)). No primeiro caso, o paciente corre risco de diagnóstico tardil, enquanto o paciente saudável realiza outros testes para refutação.

Pode-se estender essa medida obtendo-se a acurácia k-fold: medida de acerto baseada na

divisão do conjunto de objetos em teste e treinamento, realizando a repetição dos experimentos n vezes e obtendo a média e o desvio padrão. A acurácia de cada experimento é obtida pela Equação 6.1, que considera problemas de desbalanceamento de classes,

$$Acc = 1 - \frac{\sum_{i=1}^c E(i)}{2c}, \quad (6.1)$$

onde c é o número de classes e $E(i) = e_{i,1} + e_{i,2}$ é o erro relativo a i , calculado por

$$e_{i,1} = \frac{FP(i)}{N - N(i)} \quad \text{e} \quad e_{i,2} = \frac{FN(i)}{N(i)}, \quad i = 1, \dots, c,$$

onde $FN(i)$ (falsos negativos) são os exemplos pertencentes a i e incorretamente classificados, e $FP(i)$ (falsos positivos) são os exemplos erroneamente rotulados como i .

Uma outra medida para bases desbalanceadas é a medida-F1 (conhecida como *F1-Measure* ou *F1-Score* e apresentada na Equação 6.4), que combina precisão e revocação como medida de efetividade da classificação (GARCIA, 2009). A precisão (Equação 6.2) é a medida da exatidão: dos exemplos classificados como positivos, quantos realmente são. E a revocação (Equação 6.3) é a medida de completude: quantos exemplos positivos foram corretamente classificados como tal,

$$P = \frac{VP}{VP + FP}, \quad (6.2)$$

onde VP são os exemplos positivos corretamente classificados.

$$R = \frac{VP}{VP + FN} \quad (6.3)$$

$$F1 = 2 \frac{PR}{P + R} \quad (6.4)$$

A partir dessas medidas estatísticas, o teste HSD de Tukey pode ser utilizado para determinar se há diferença significante em uma amostra de resultados gerados.

explicar melhor

A seguir, para cada experimento realizado são descritos: a base de imagens utilizada; o protocolo e parâmetros adotados; e por fim os resultados obtidos a partir de seu uso são mostrados e discutidos.

6.2.1 Experimento 1: duas classes bem discriminadas

Neste experimento foram utilizadas duas classes com cores bem distintas entre elas, ou seja, de fácil diferenciação. Por tal razão, um sub-experimento de visualização foi realizado para

análise do espaço de características. Como o foco é na visualização do espaço de características, é relevante ter o modelo do espaço ideal das classes balanceadas, por isso esse experimento em específico não trata de uma base naturalmente desbalanceada.

Protocolo

1. **Imagens originais:** Duas classes da base Corel: *Cavalo* e *Elefante*. As classes estão exemplificadas na Figura 32. A principal característica dessas imagens é a diferença das cores das imagens. Apesar de haverem casos de confusão, são classes que podem ser consideradas bem discriminadas.



Figura 32 – Classes *Cavalo* e *Elefante* utilizadas neste experimento. São duas classes bem discriminadas com 100 imagens cada, originalmente da base de imagens Corel. *Fonte: Elaborado pela autora.*

2. **Desbalanceamento:** para o sub-experimento de visualização, cada classe foi dividida em 50% para treino e 50% para teste, de maneira aleatória. Após, a classe *Cavalo* sofreu remoção de 50% do seu conjunto de treino, tornando-a desbalanceada. Já para a análise estatística do experimento, todas as 40 configurações de folds com $k = 5$ foram realizadas (padronização anteriormente descrita na Figura 31);
3. **Método para geração artificial:** para a visualização do espaço de características foi utilizado o método de mistura de duas imagens originais, exemplificado na Figura 33. Para a análise do boxplot de *f1-scores*, todas as gerações foram testadas;



Figura 33 – Exemplo da geração artificial de imagens com o método de mistura para as classes *Elefante* e *Cavalo* da Corel-1000. *Fonte: Elaborado pela autora.*

4. **Conversão em escala de cinza:** método *Intensidade'* para a visualização. Todas as combinações de extração e conversão em escala de cinza foram testadas, portanto todos os métodos de conversão foram utilizados;
5. **Extração de características:** classificação de pixels de borda e interior (BIC) para a visualização. Todos os métodos de extração para a análise estatística;
6. **Classificação:** Inicialmente o classificador *Naive Bayes* foi explorado, apresentando melhora na acurácia ao apenas replicar as imagens. Esse comportamento não é desejado em um classificador para a avaliação de rebalanceamento de classes. Por essa razão e por permitir uma análise da melhora no comportamento da classificação, o classificador supervisionado KNN com $K = 1$ (para mais detalhes ver Seção 2.5.1) foi utilizado;
7. **Projeção multidimensional:** dois componentes principais encontrados ao aplicar PCA (Seção 2.6.1) nos vetores de características para redução de dimensionalidade foram projetados.

Visualização

As classes *Elefante* e *Cavalo* possuem 100 imagens cada. O primeiro passo foi remover imagens de uma das classes, tornando a base desbalanceada. Na Figura 34 está ilustrada a remoção de 50% das imagens de treino da classe *Cavalo*, originalmente balanceada. Essa e as próximas projeções desta seção foram obtidas com a técnica para redução de dimensionalidade PCA, descrita na Seção 2.6.1, e são referentes aos dois componentes principais com maiores autovalores.

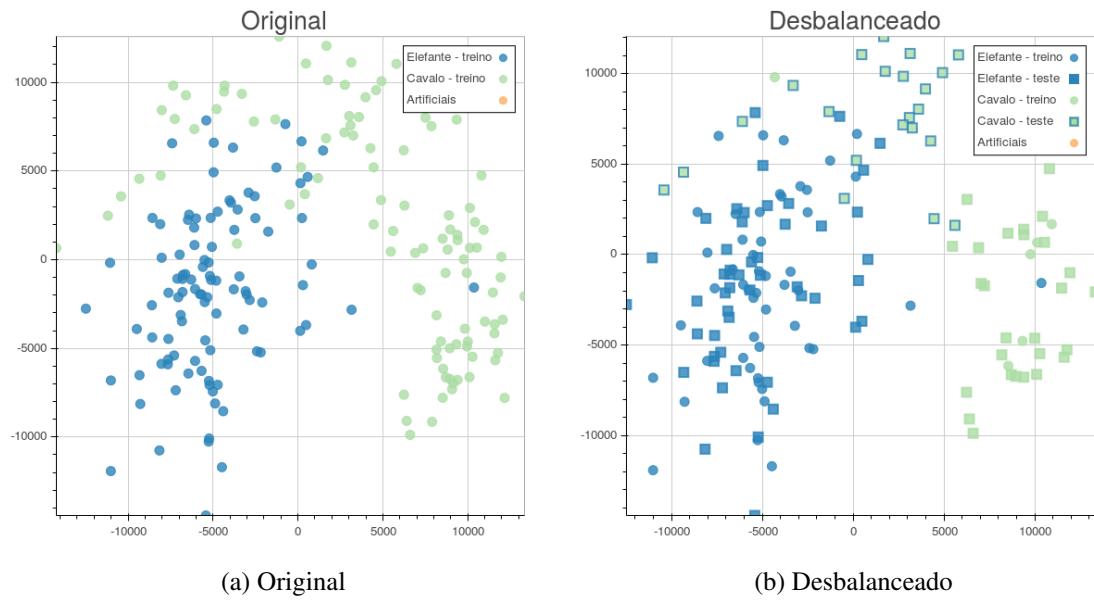


Figura 34 – À esquerda a projeção dos dois componentes principais obtidos com a aplicação de PCA nas classes *Elefante* – em azul – e *Cavalo* – em verde. À direita, as mesmas classes após a remoção de 50% das imagens de treino da classe *Cavalo*. A diferença dos marcadores consiste na definição de imagens para treino e teste não existente nas classes originais. *Fonte: Elaborado pela autora.*

Os resultados da classificação dos três experimentos (desbalanceado, SMOTE e geração artificial) utilizando KNN com $K = 1$ reportou que o *f1-score* da geração de imagens utilizando o método de mistura teve um ganho satisfatório em relação ao rebalanceamento no espaço de características com o SMOTE (apresentado na Figura 35 e Tabela ??). Foi utilizado *BIC* como método de extração de características e *Intensidade'* como método de conversão em escala de cinza. Para essa combinação, a geração de imagens utilizando mistura se mostrou favorável e portanto a visualização do espaço de características apresenta esse método como geração.

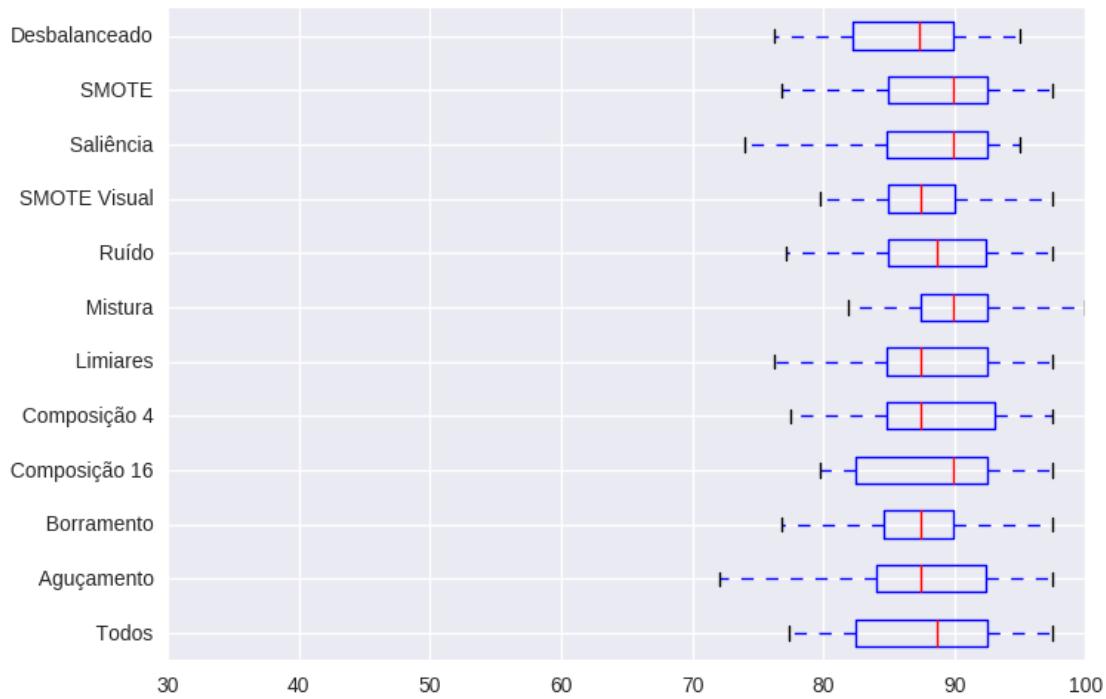


Figura 35 – Resultados de *f1-score* para as classes *Cavalo* e *Elefante* da base Corel. Foi utilizado *BIC* como método de extração de características e *Intensidade'* como método de conversão em escala de cinza. Para essa combinação, a geração de imagens utilizando *mistura* se mostrou favorável.

Fonte: Elaborado pela autora.

Para verificar se a geração de imagens inseriu mais informação na classe minoritária do que apenas povoar os espaços entre os exemplos (i.e. SMOTE), a classe rebalanceada utilizando ambos métodos está demonstrada na Figura 36. Em laranja estão representados os novos exemplos de treinamento, projetados no plano da base original balanceada.

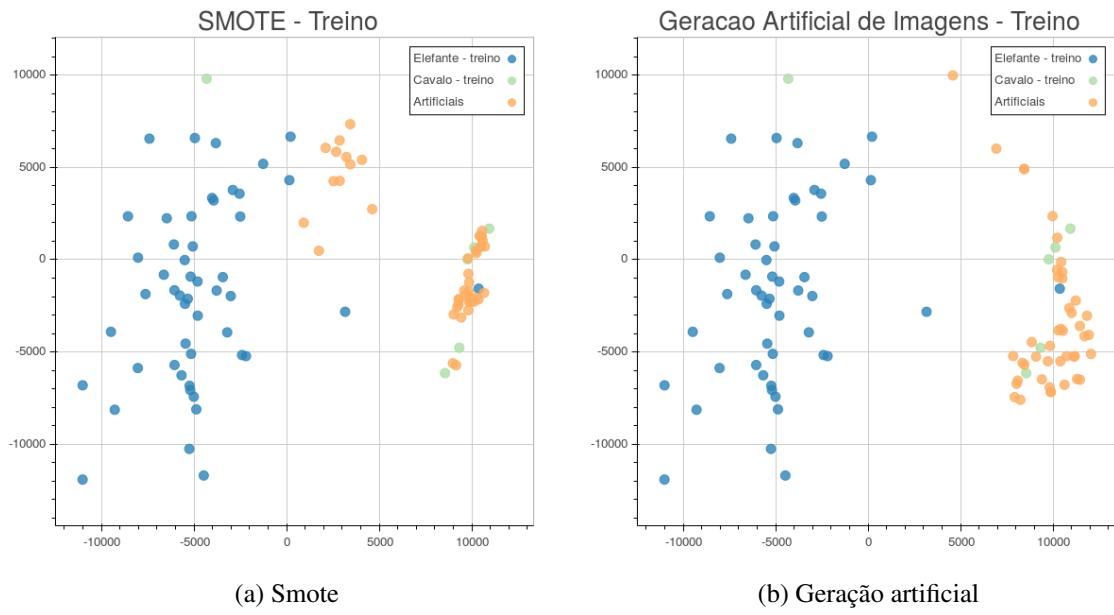


Figura 36 – Comparação dos exemplos de treinamento da geração com SMOTE e no campo visual. Em laranja estão representados os novos exemplos, projetados no plano da base original balanceada.

Fonte: Elaborado pela autora.

Após o treinamento realizado com as novas imagens geradas e as originais, o conjunto de teste foi fornecido ao classificador 1-NN e o resultado das predições está ilustrado na Figura 37. A cor no interior dos marcadores quadrados representa a classe real dos exemplos e a borda representa a classe predita pelo classificador. Nota-se que a melhoria na classificação com a geração de imagens fica visível e corresponde ao aumento do *f1-score*.

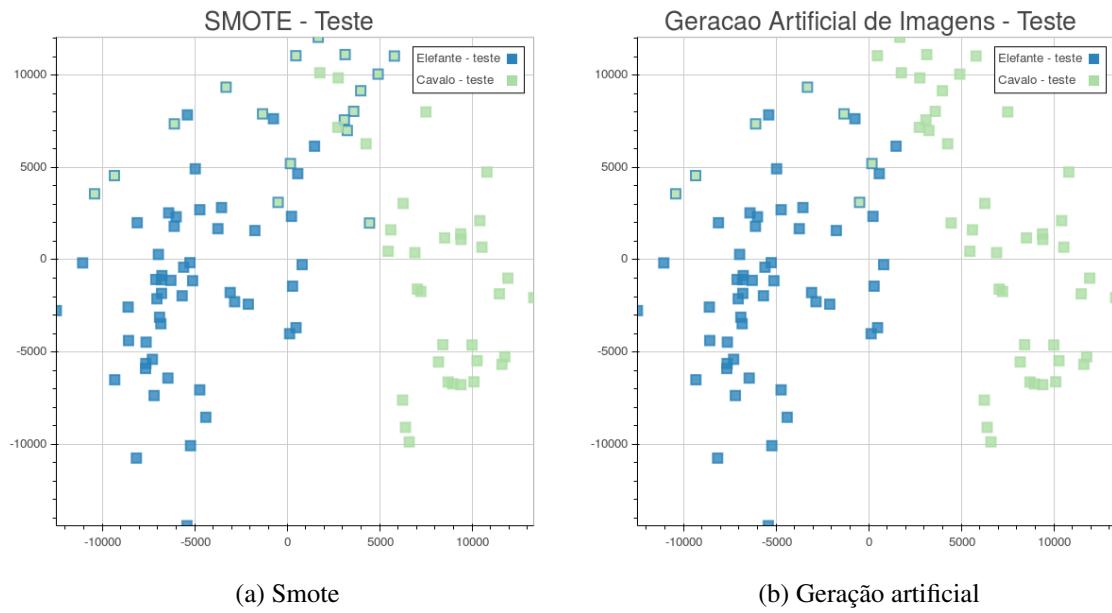


Figura 37 – Resultado do teste da classificação com 1-NN após o treinamento realizado com as bases rebalanceadas. A cor no interior dos marcadores quadrados representa a classe real dos exemplos e a borda representa a classe predita pelo classificador. *Fonte: Elaborado pela autora.*

De uma forma geral, pode-se dizer que a geração de imagens melhorou a definição da classe minoritária e foi o método que mais se assemelhou à distribuição dos dados originais. Além disso, um dos problemas do SMOTE pode ser verificado nessas projeções: **ao realizar a interpolação dos vetores de características originais, exemplos podem ser criados em regiões do espaço que fazem parte da outra classe.** Ficou claro também que o método SMOTE não possui capacidade de extrapolar a sua região, como pode ser observado no grupo de exemplos gerados à direita do espaço de características. O SMOTE gerou novos elementos próximos a uma linha reta, enquanto a geração de imagens proporcionou uma abrangência maior em volta desse espaço, com maior dispersão.

Na Figura 38 é possível visualizar a região de decisão, observando suas modificações frente aos métodos. Pode ser observado que em ambas técnicas a região da classe minoritária apresenta-se melhor representada. Além disso, é possível verificar que o SMOTE ocasionou uma certa “invasão” do espaço de características da classe majoritária.



Figura 38 – Região de decisão com K-NN ($K = 1$). Pode ser observado que em ambas técnicas a região da classe minoritária apresenta-se melhor representada. Além disso, é possível verificar que o SMOTE ocasionou uma certa “invasão” do espaço de características da classe majoritária.

Fonte: Elaborado pela autora.

Em todas as figuras anteriores relacionadas a essa visualização, os exemplos foram projetados no plano criado pelas suas componentes principais com maior autovalores da base original balanceada. Se após a geração de novos exemplos essas componentes forem recalculadas (Figura 39), pode-se notar que a geração de imagens artificiais proporciona a criação de um subespaço que melhor discretiza as classes, quando comparado com SMOTE ou com a base desbalanceada.

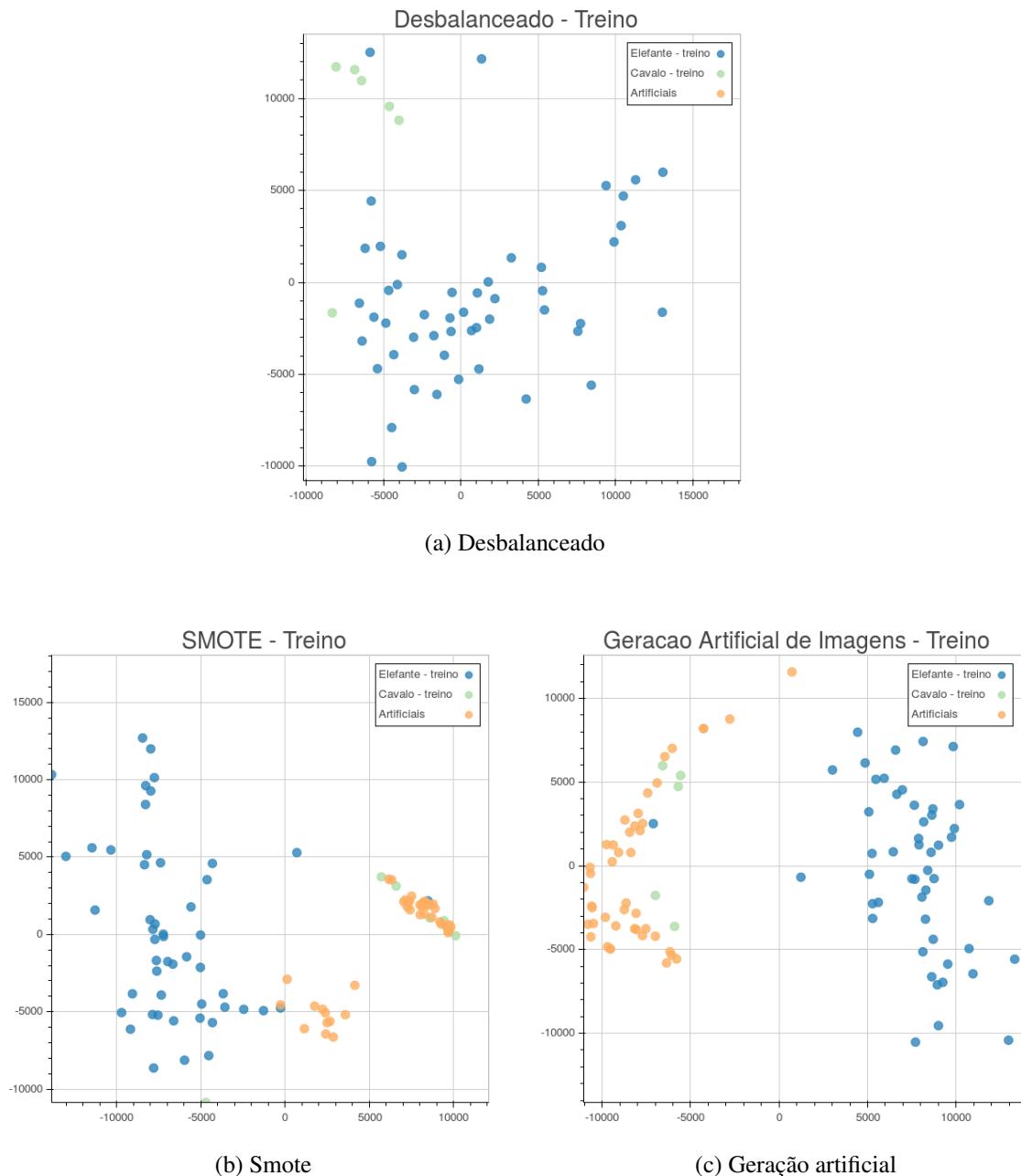


Figura 39 – Melhores subespaços encontrados após a geração de novos exemplos para o SMOTE e para a geração artificial de imagens, e após a remoção de imagens para a projeção dos dados desbalanceados. Pode-se notar que a geração de imagens artificiais proporciona a criação de um subespaço que melhor discretiza as classes, quando comparado com SMOTE ou com a base desbalanceada. *Fonte: Elaborado pela autora.*

Como relatado no início desse experimento, o extrator de características utilizado foi o *BIC*. Fundamentalmente ele captura informações de intensidade de cor das imagens. Na Figura 40 as próprias imagens foram utilizadas como marcadores na projeção do melhor subespaço após a geração artificial com o método de *mistura*. É nítido o impacto da etapa de extração de características na separação das classes e também no método de geração de imagens antes de tal extração.

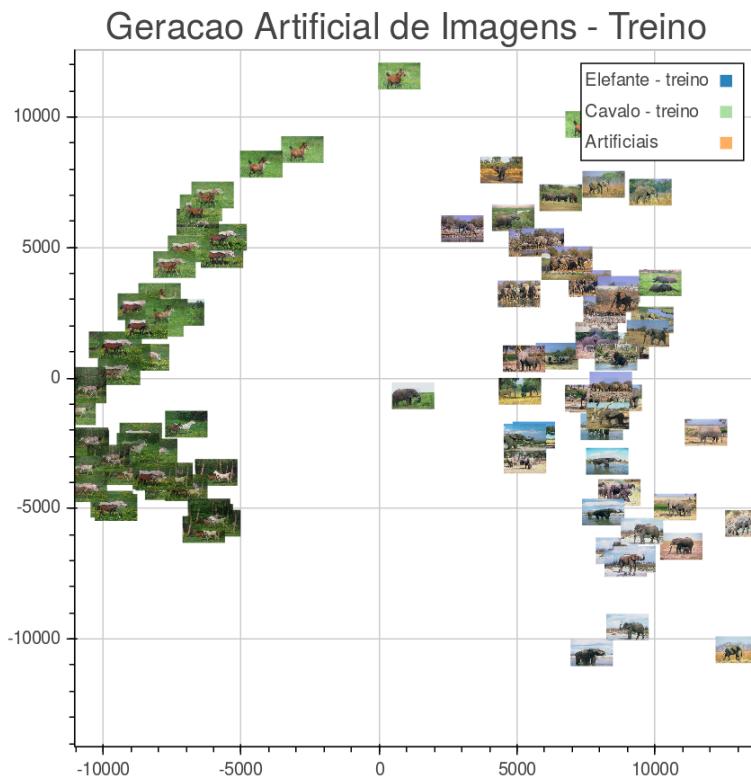


Figura 40 – Visualização do impacto do método de extração de características na separação entre classes.

Possível verificar que o BIC utiliza as intensidades como principal representação de uma imagem.

Fonte: Elaborado pela autora.

Resultados: melhor combinação dos métodos de extração de características e conversão para escala de cinza

Para análise estatística, todas as combinações de conversão para escala de cinza e métodos de extração de características foram utilizados. A combinação que obteve o melhor *f-score* para as classes *Elefante* e *Cavalo* foi utilizando *Gleam* e *ACC*. O *boxplot* apresentado na Figura 41 retrata a média dos *f-scores* das 40 configurações deste experimento. O método *mistura*, exemplificado na Figura 42, obteve o melhor *f-score*. A Tabela 1 mostra os valores de tal métrica com valores decimais para o cálculo dos testes estatísticos.

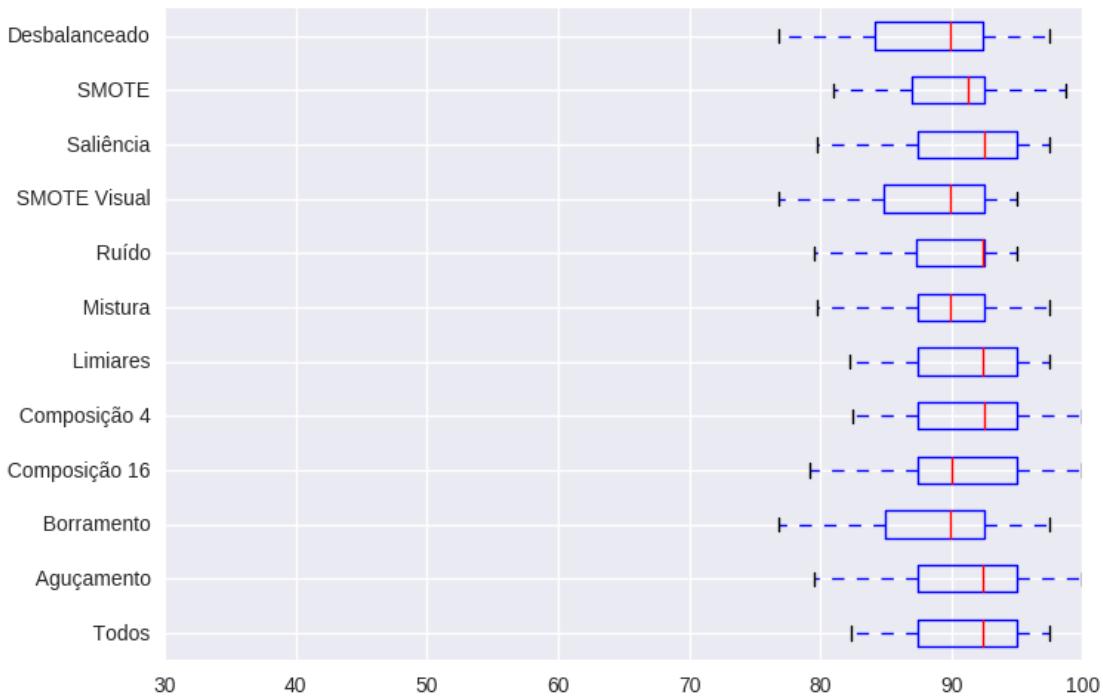


Figura 41 – Conversão em escala de cinza com Gleam e ACC como método de extração de características.

Fonte: Elaborado pela autora.



(a) Original

(b) Original

(c) Mistura

Figura 42 – Fonte: Elaborado pela autora.

Resultados: maior variância obtida com a combinação dos métodos de extração de características e conversão para escala de cinza

Considerando a análise da melhor combinação dos métodos de representação da imagem, foi verificado também a performance dos rebalanceamentos em um cenário mais complicado: o de maior variância dos *f-scores* para as 40 configurações da validação. A Figura 43 mostra o *boxplot* referente aos resultados da Tabela 2. O melhor método de rebalanceamento para tal cenário foi de geração artificial de imagens aplicando *ruído* nas imagens originais e as utilizando como treinamento (exemplificado na Figura 44).

Tabela 1 – Resultados de *f1-score* para as classes *Cavalo* e *Elefante*, utilizando *Gleam* como método para conversão em escala de cinza e *ACC* para extração de características.

Gleam & ACC	Média	Desvio Padrão
Todos	91.090913	4.559066
Aguçamento	91.002678	4.907016
Borramento	89.394500	5.103498
Composição 16	90.934305	4.399334
Composição 4	91.773528	4.909852
Limiares	90.893133	5.285833
Mistura	90.177055	4.409787
Ruído	89.337770	5.169757
SMOTE Visual	88.616535	5.567976
Saliência	91.282655	4.230281
SMOTE	90.173808	4.566863
Desbalanceado	88.258567	5.538461

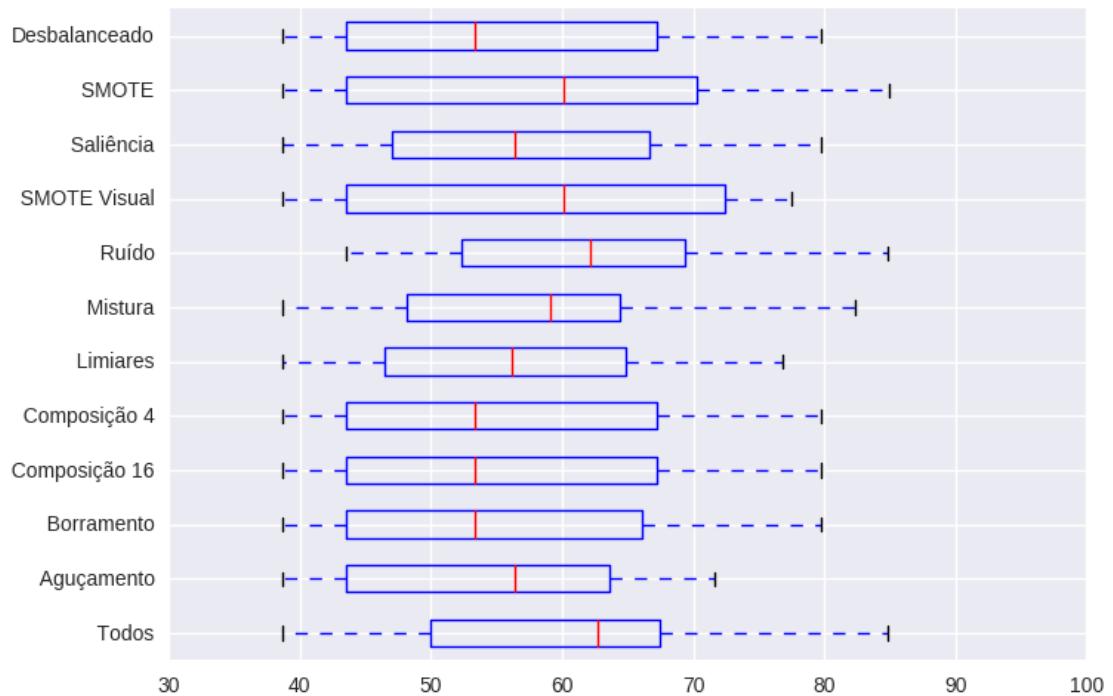


Figura 43 – Conversão em escala de cinza com MSB e HOG como método de extração de características.

Fonte: Elaborado pela autora.

Tabela 2 – Resultados de *f1-score* para as classes *Cavalo* e *Elefante*, utilizando MSB como método para conversão em escala de cinza e *HOG* para extração de características.

MSB & HOG	Média	Desvio Padrão
Todos	60.000127	12.063967
Aguçamento	54.809555	10.610213
Borramento	55.588173	13.275734
Composição 16	55.667145	13.341421
Composição 4	55.652205	13.323408
Limiares	55.652268	11.547820
Mistura	57.826535	10.882912
Ruído	62.174910	10.746760
SMOTE Visual	58.920085	14.765860
Saliência	56.322367	12.169296
SMOTE	58.342450	13.768688
Desbalanceado	55.667145	13.341421



Figura 44 – Fonte: Elaborado pela autora.

Discussão

Tukey HSD Post-hoc Test... Desbalanceado vs SMOTE: $p=0.6144$ Desbalanceado vs Geração artificial: $p=0.0606$ SMOTE vs Geração artificial: $p=0.3703$

6.2.2 *Experimento 2: duas classes bem sobrepostas*

O experimento anterior considerou classes distintas, por isso classes de difícil diferenciação também foram testadas.

Protocolo

1. **Classes de imagens originais:** as classes *Praia* e *Montanha* foram escolhidas por serem as classes que possuem maior dificuldade de diferenciação da base Corel,

havendo alta taxa de sobreposição de intensidades de cores e texturas, conforme testes realizados.



Figura 45 – Imagens representativas das classes *Praia* e *Montanha* da base de imagens Corel.
Fonte: Elaborado pela autora.

2. **Desbalanceamento:** as duas classes contém 100 imagens cada, portanto são balanceadas. Para o experimento, foram utilizadas as 40 configurações de $k = 5$ folds.
3. **Método para geração artificial:** todas as gerações foram testadas, as que melhor se sobressaíram foram: saliência, aguçamento e utilizar todas as gerações (de forma randômica uniforme). A Figura 46 exemplifica uma geração artificial deste experimento, utilizando o método de *saliência*. Interessante notar que essa imagem faz sentido visualmente.



Figura 46 – Geração artificial utilizando o método de *saliência* em duas imagens da classe *Praia* da base de imagens Corel. Fonte: Elaborado pela autora.

4. **Quantização:** todos os métodos de conversão em escala de cinza foram testados. O que resultou em melhor *f-score* foi o *Luma*.
5. **Extração de características:** todos os métodos para extração foram testados, mas o melhor foi o CCV.
6. **Classificação:** o classificador utilizado foi o KNN com $K = 1$.

Resultados

A combinação de métodos que resultou em um melhor *f-score* para esse contexto foi a utilização de *Luma* e *CCV*. Como pode ser visto na Tabela 3, diversos métodos foram melhores que o SMOTE, e a maioria melhor do que a base desbalanceada. O método de saliência, mistura e composição obtiveram os melhores resultados.

Tabela 3 – Resultados de *f1-score* para as classes *Praia* e *Montanha*, utilizando *Luma* como método para conversão em escala de cinza e *CCV* para extração de características.

Luma & CCV	Média	Desvio Padrão
Todos	66.015325	5.621643
Aguçamento	66.684300	5.619944
Borramento	62.186430	6.509084
Composição 16	63.225965	7.920787
Composição 4	63.824235	5.621168
Limiares	64.453515	6.769440
Mistura	59.506260	6.472903
Ruído	64.202075	7.231610
SMOTE Visual	59.512530	7.737273
Saliência	66.260870	5.732209
SMOTE	65.531135	4.714502
Desbalanceado	59.640090	8.675836

Discussão

De acordo com o teste HSD de Tukey realizado, foi encontrado $p = 0.0003$ na comparação da base desbalanceada com a base rebalanceada com o método SMOTE e $p = 0.0000$ com a geração artificial. Isso indica que ambos os métodos obtiveram relevância estatística quando comparado ao original. Porém, se comparado o SMOTE com a geração artificial, $p = 0.7122$. Esse resultado mostra que não há significância entre o SMOTE e a geração artificial.

6.2.3 Experimento 3: multiclasses

Os dois experimentos anteriores analisaram o rebalanceamento de apenas duas classes. Este experimento apresenta a geração artificial de imagens aplicada a três bases multiclasses.

6.2.3.1 Base de imagens Corel

Protocolo

O seguinte protocolo foi seguido para a obtenção dos resultados:

1. **Classes de imagens originais:** esse experimento foi realizado com a base de imagens Corel-1000¹, composta por fotografias que representam 10 classes variadas:

¹ Disponível em <http://wang.ist.psu.edu/docs/related/>

tribos africanas, praia, construções, ônibus, dinossauros, elefantes, flores, cavalos, montanhas e tipos de comidas. Para fins de exemplificação, são apresentadas amostras das imagens que representam essas classes na Figura 47.



Figura 47 – Base de imagens Corel-1000. Fonte: (PONTI; NAZARÉ; THUMÉ, 2016).

2. **Desbalanceamento:** 200 configurações (10 classes) de folds para que cada classe fosse desbalanceada.
3. **Método para geração artificial:** o melhor foi a mistura.



Figura 48

4. **Quantização:** todos os métodos foram testados.
5. **Extração de características:** todos os métodos foram testados.
6. **Classificação:** classificador KNN com $K = 1$.

Resultados

Discussão Tukey HSD Post-hoc Test... Desbalanceado vs SMOTE: Diff=1.0066, 95Desbalanceado vs Geração artificial: Diff=1.0044, 95SMOTE vs Geração artificial: Diff=-0.0022, 95

6.2.3.2 Base de imagens Caltech

Protocolo

O seguinte protocolo foi seguido para a obtenção dos resultados:

Tabela 4 – Resultados de *f1-score* para as 10 classes da Corel, utilizando *Gleam* como método para conversão em escala de cinza e *LBP* para extração de características

LBP Gleam	Média	Desvio Padrão
Todos	61.216388	2.205391
Aguçamento	61.098384	2.275732
Borramento	60.369376	2.254895
Composição 16	60.630235	2.212156
Composição 4	60.568624	2.254904
Limiares	61.296003	2.101686
Mistura	61.366671	2.225635
Ruído	60.825884	2.358098
SMOTE Visual	60.886122	2.321783
Saliência	61.050988	2.271443
SMOTE	61.368896	2.148675
Desbalanceado	60.362256	2.290263

1. **Classes de imagens originais:** foi utilizada a base Caltech101-600². Desta base, foi utilizado um conjunto de seis classes balanceadas: aviões, bonsais, candelabros, tartarugas, motocicletas e relógios. Imagens que representam essas classes são apresentadas na Figura 49.

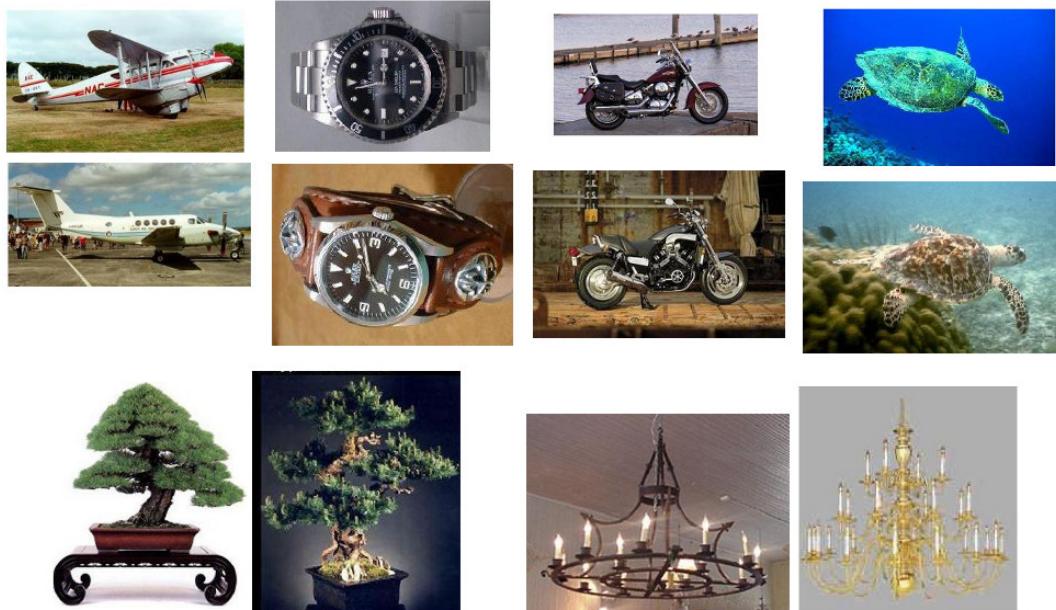


Figura 49 – Base de imagens Caltech101. Fonte: (*PONTI; NAZARÉ; THUMÉ, 2016*).

2. **Desbalanceamento:** 120 configurações (6 classes) de folds para que cada classe fosse desbalanceada.
3. **Método para geração artificial:** o melhor resultado de geração foi a utilização de todas as gerações.

² Disponível em <http://www.vision.caltech.edu/Image_Datasets/Caltech101/Caltech101.html>

4. **Quantização:** todos os métodos foram testados.
5. **Extração de características:** todos os métodos foram testados.
6. **Classificação:** classificador KNN com $K = 1$.

Resultados

Tabela 5

HOG Intensity	Média	Desvio Padrão
Todos	77.591493	3.387543
Aguçamento	76.982412	3.482750
Borramento	75.736587	3.812333
Composição 16	75.742438	3.823391
Composição 4	75.787022	3.794589
Limiares	76.785628	3.652596
Mistura	77.186702	3.382386
Ruído	77.344959	3.664212
SMOTE Visual	75.486170	4.405685
Saliência	76.587268	3.600158
SMOTE	77.755417	3.529355
Desbalanceado	75.732382	3.833682

Discussão Tukey HSD Post-hoc Test... Desbalanceado vs SMOTE: Diff=2.0230, 95Desbalanceado vs Geração artificial: Diff=1.8591, 95SMOTE vs Geração artificial: Diff=-0.1639, 95

6.2.3.3 Base de imagens Tropical

Protocolo

O seguinte protocolo foi seguido para a obtenção dos resultados:

1. **Classes de imagens originais:** composta por imagens de vegetais e frutas tropicais. Posuem fundo similar mas muitas mudanças na iluminação, no número de objetos e na escala. Amostras das imagens dessa base são apresentadas na Figura 47.



Figura 50 – Base de imagens *Produce*. Fonte: ([PONTI; NAZARÉ; THUMÉ, 2016](#)).

2. **Desbalanceamento:** 280 configurações (14 classes) de folds para que cada classe fosse desbalanceada.
3. **Método para geração artificial:** o melhor foi a mistura.
4. **Quantização:** todos os métodos foram testados.
5. **Extração de características:** todos os métodos foram testados.
6. **Classificação:** classificador KNN com $K = 1$.

Resultados

Tabela 6

LBP Luma	Média	Desvio Padrão
Todos	91.682606	1.985052
Aguçamento	91.463371	2.039631
Borramento	91.493838	2.022884
Composição 16	91.476496	2.037559
Composição 4	91.478369	2.021889
Limiares	91.843197	1.934367
Mistura	91.985465	1.949951
Ruído	91.489904	2.028988
SMOTE Visual	91.473853	2.031678
Saliência	91.772214	2.006734
SMOTE	91.869133	1.952464
Desbalanceado	91.489904	2.028988

Discussão Tukey HSD Post-hoc Test... Desbalanceado vs SMOTE: Diff=0.3792, 95Desbalanceado vs Geração artificial: Diff=0.4956, 95SMOTE vs Geração artificial: Diff=0.1163, 95

6.2.4 Experimento 4: classes naturalmente desbalanceadas

Os experimentos anteriores foram realizados em bases já平衡adas, com o desbalanceamento sendo provocado. Este experimento utiliza duas classes de imagens naturalmente desbalanceadas.

6.2.5 Classes Eiffel e ??

Protocolo

O seguinte protocolo foi seguido para a obtenção dos resultados:

1. Classes de imagens originais:



(a) Torre Eiffel



(b) ???

Figura 51

2. **Desbalanceamento:** natural da base. Uma classe contém X imagens e a outra X.
3. **Método para geração artificial:** todas as gerações foram testadas, as melhores estão relatadas a seguir, na seção de resultados.
4. **Quantização:** todos os métodos foram testados.
5. **Extração de características:** todos os métodos para extração foram testados.
6. **Classificação:** KNN com $K = 1$.

Resultados

Discussão

Tabela 7

HOG MSB	Média	Desvio Padrão
Todos	88.616130	1.952745
Aguçamento	98.345625	1.755180
Borramento	97.173480	2.760269
Composição 16	97.206953	2.712589
Composição 4	97.301088	2.381761
Limiares	98.628050	1.142830
Mistura	99.112148	0.837440
Ruído	91.499965	1.762218
SMOTE Visual	82.963755	2.678785
Saliência	98.246915	1.526565
SMOTE	98.471765	0.788747
Desbalanceado	97.173480	2.760269

Tukey HSD Post-hoc Test... Desbalanceado vs SMOTE: Diff=1.2983, 95Desbalanceado vs Geração artificial: Diff=1.9387, 95SMOTE vs Geração artificial: Diff=0.6404, 95

6.2.6 Classes TrafalgarSquare + MadeleineChurch + Pantheon

Protocolo

1. Classes de imagens originais:

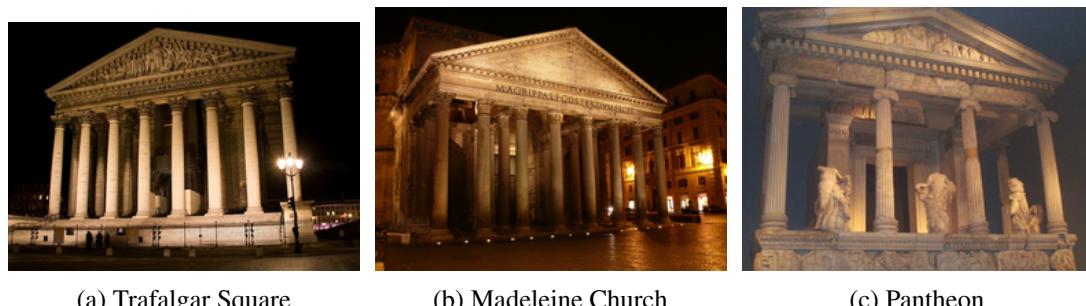


Figura 52

2. **Desbalanceamento:** natural da base. Uma classe contém X imagens e a outra X.
3. **Método para geração artificial:** todas as gerações foram testadas, as melhores estão relatadas a seguir, na seção de resultados.
4. **Quantização:** todos os métodos foram testados.
5. **Extração de características:** todos os métodos para extração foram testados.
6. **Classificação:** KNN com $K = 1$.

Resultados

Tabela 8

HOG Gleam	Média	Desvio Padrão
Todos	57.285167	6.383771
Aguçamento	69.726448	8.069939
Borramento	70.621480	8.314352
Composição 16	70.478478	8.366100
Composição 4	70.837125	7.811876
Limiares	67.965067	5.699239
Mistura	65.644708	6.112751
Ruído	60.777810	8.257640
SMOTE Visual	53.912270	7.907406
Saliência	67.584110	6.236710
SMOTE	62.322870	5.726037
Desbalanceado	70.621480	8.314352

Discussão Tukey HSD Post-hoc Test... Desbalanceado vs SMOTE: Diff=-8.2986, 95Desbalanceado vs Geração artificial: Diff=0.2156, 95SMOTE vs Geração artificial: Diff=8.5143, 95

6.2.7 Experimento 5: classes com muitas imagens

Por fim, este experimento foi realizado com duas classes contendo uma grande quantidade de imagens.

6.2.7.1 Classes bem distintas

Protocolo

1. **Classes de imagens originais:** são duas classes com 5000 imagens cada. Essas imagens possuem dimensão 32x32 pixels, o que dificulta a representatividade da extração de características.



(a) Cervo (b) Navio

Figura 53

2. **Desbalanceamento:**

3. **Método para geração artificial:**

4. **Quantização:**

5. **Extração de características:**

6. Classificação:

Resultados

Tabela 9 – Resultados de *f1-score* para as classes *Tubarão* e *Peixe*, utilizando *Gleam* como método para conversão em escala de cinza e *HOG* para extração de características

HOG Gleam	Média	Desvio Padrão
Todos	88.939785	1.035462
Aguçamento	89.473075	0.961293
Borramento	88.150530	1.006920
Composição 16	88.086065	0.987147
Composição 4	88.360675	0.949842
Limiares	89.356875	0.942907
Mistura	89.445505	0.939809
Ruído	86.762190	1.165064
SMOTE Visual	88.395965	1.081594
Saliência	88.136675	0.988034
SMOTE	63.183905	2.355925
Desbalanceado	88.121310	0.985599

Discussão

Tukey HSD Post-hoc Test... Desbalanceado vs SMOTE: Diff=-24.9374, 95Desbalanceado vs Geração artificial: Diff=1.3518, 95SMOTE vs Geração artificial: Diff=26.2892, 95

6.2.7.2 Classes similares: *Tubarão* e *Peixe*

Protocolo

1. Classes de imagens originais:



Figura 54

2. Desbalanceamento:

3. Método para geração artificial:

4. Quantização:
5. Extração de características:
6. Classificação:

Resultados

Tabela 10

LBP Luma	Média	Desvio Padrão
Todos	77.128293	2.064232
Aguçamento	76.862198	1.786898
Borramento	73.919025	1.942236
Composição 16	75.435960	2.254193
Composição 4	74.359165	1.974563
Limiares	78.330465	1.768789
Mistura	77.381940	2.588103
Ruído	74.094233	1.743535
SMOTE Visual	74.569545	1.648100
Saliência	76.934077	2.114528
SMOTE	78.066890	2.107176
Desbalanceado	73.378227	2.110355

Discussão

Tukey HSD Post-hoc Test... Desbalanceado vs SMOTE: Diff=4.6887, 95Desbalanceado vs Geração artificial: Diff=4.9522, 95SMOTE vs Geração artificial: Diff=0.2636, 95

6.3 Considerações Finais

Este estudo apresentou evidências experimentais de que, em problemas de duas classes, pode haver ganho estatístico do *f-score* ao gerar imagens, quando comparado à geração de exemplos artificiais no espaço de atributos (ou seja, depois que as características já foram extraídas das imagens). Além disso, na maioria dos experimentos, a geração artificial obteve significância estatística relevante quando comparada a base desbalanceada. Com os experimentos realizados foi possível notar que a geração de imagens artificiais pode gerar novas informações para a classificação das imagens. O que indica que um estudo aprofundado de cada contexto pode relatar quais operações podem ser aplicadas nas imagens originais de forma a auxiliar o cenário de bases desbalanceadas.



CONCLUSÕES

Os resultados encontrados apontam para uma alternativa – ou adição – a seleção de características, ao usar os métodos de quantização de imagens. Dado o número de cores limitado na imagem original, a quantidade de possíveis características a serem extraídas é reduzido, especialmente as de cor. A extração de características de textura também é facilitada, considerando que normalmente computa utilizando uma memória proporcional o número de intensidades.

Ficou constatado que um vetor original de D dimensões pode ser reduzido a $d \approx D/4$ modificando apenas o parâmetro de quantização e produzindo bons resultados. Outra possibilidade é utilizar esses métodos como um primeiro passo de redução e então utilizar o LPP para obter apenas 100 características que melhor representam os dados, atingindo acurácia maiores ou similares.

É importante ressaltar que realizar a quantização de imagens não requer treinamento e já faz parte de uma tarefa do pipeline de reconhecimento. Por esta razão, seu uso não aumenta o custo computacional do sistema, e ainda simplifica os passos subsequentes. Isso reduz a dimensão do vetor de características para os vetores de cor e o tempo de computação para os descritores de textura. Outra observação importante é que a quantização é usada especialmente para dados visuais, então não é um método geral de redução de dimensionalidade.

Com os experimentos realizados foi possível notar que a geração de imagens artificiais pode gerar novas informações para a classificação das imagens. Assim a geração de elementos no espaço visual provou contribuir com o balanceamento entre classes (em se tratando de problemas de classes desbalanceadas), melhorando a acurácia de algoritmos de classificação, quando comparada à geração de exemplos artificiais no espaço de atributos (i.e. SMOTE). Para validar a ideia da geração artificial de imagens, as características das novas imagens – extraídas com o método BIC – e os exemplos resultantes da interpolação de vetores originais foram projetados no plano das imagens originais antes do desbalanceamento. Dessa forma foi possível visualizar que a geração de imagens artificiais proposta foi capaz de ocupar uma região do espaço

mais abrangente do que o SMOTE. Este último, comprovadamente, possui o ponto negativo de não extrapolar os limites da classe minoritária. Ainda, está suscetível à criação de novos exemplos em regiões da classe majoritária, o que também prejudica a classificação.

7.1 Publicações

Foi publicado um artigo na revista *Neurocomputing* (Figura 55), referente aos resultados de quantização desta pesquisa. O artigo referente à geração de imagens artificiais para o rebalanceamento de classes está em preparo.

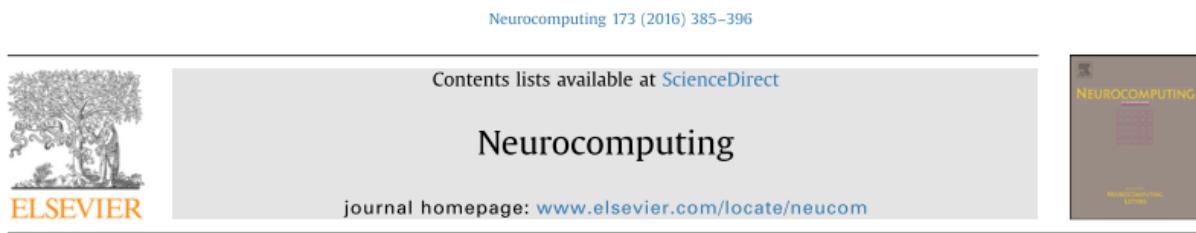


Image quantization as a dimensionality reduction procedure in color and texture feature extraction



Moacir Ponti*, Tiago S. Nazaré, Gabriela S. Thumé

Instituto de Ciências Matemáticas e de Computação Universidade de São Paulo São Carlos, 13566-590 SP Brazil

ARTICLE INFO

Article history:

Received 2 July 2014

Received in revised form

9 April 2015

Accepted 16 April 2015

Available online 1 September 2015

Keywords:

Image quantization

LPP

Compact features extraction

ABSTRACT

The image-based visual recognition pipeline includes a step that converts color images into images with a single channel, obtaining a color-quantized image that can be processed by feature extraction methods. In this paper we explore this step in order to produce compact features that can be used in retrieval and classification systems. We show that different quantization methods produce very different results in terms of accuracy. While compared with more complex methods, this procedure allows the feature extraction in order to achieve a significant dimensionality reduction, while preserving or improving system accuracy. The results indicate that quantization simplify images before feature extraction and dimensionality reduction, producing more compact vectors and reducing system complexity.

© 2015 Elsevier B.V. All rights reserved.

Figura 55 – Artigo publicado na *Neurocomputing*, referente a quantização de imagens. Fonte <<http://www.sciencedirect.com/science/article/pii/S0925231215012771>>.

7.2 Trabalhos Futuros

Ao usar imagens com reduzido número de cores (quantizadas), os métodos de extração de características baseados em orientação (HoG, SIFT), *bag of visual words* e *Fisher vectors*, seriam provavelmente mais esparços.

trabalhos futuros da quantização

Como extensão dos experimentos reportados pode ser feita a análise dos espaços encontrados para os diferentes métodos de geração artificial de imagens. Além disso, o impacto de

tais métodos em diferentes extratores de características pode sugerir quais são as características latentes percebidas com cada extrator.

Atualmente, o estado da arte de extração e classificação de imagens corresponde ao uso de redes neurais de convolução, conhecidas por CNN ([SCHMIDHUBER, 2014](#)). Essas redes são compostas por camadas de neurônios que têm por objetivo aprender quais são as melhores características que diferenciam as classes de imagens. O aprendizado, nesse caso, corresponde ao ajuste dos parâmetros para reduzir a diferença entre a saída esperada – classe verdadeira – e a produzida. Dessa forma, tais redes aprendem quais são as características latentes nas imagens de entrada. Uma possível continuação a esta pesquisa é analisar as características aprendidas por uma CNN. Essa rede permite encontrar as características mais relevantes da base de imagens, que os extratores de características canônicos não capturam. Isso porque ela possui uma hierarquia de camadas, desde a imagem original até uma etapa de classificação, com o objetivo de aprender qual o melhor processamento para as imagens de modo a melhor discriminá-las. Podem também indicar possíveis operações para auxiliar na geração de imagens artificiais.

Além de analisar o processamento realizado por uma rede de convolução para a classificação das imagens, uma RBM (máquinas de Boltzmann restritas) também pode ser treinada para análise da sua memória associativa (matriz de características aprendida). Uma rede neural RBM treina um modelo a partir dos vetores de entrada ([FISCHER; IGEL, 2014](#)). As imagens artificialmente geradas foram adicionadas no conjunto de treino sem verificação da sua relevância, o que pode ter prejudicado a classificação. A representação das imagens de entrada, aprendida pela etapa de treinamento da RBM, pode ser utilizada para definir quais imagens são relevantes para o aprendizado ou não. Além disso, pode servir como escolha para qual imagem original utilizar, ao invés do método aleatório utilizado nos resultados preliminares.

adicionar figuras de visualização do espaço correspondente a adição de cada tipo diferente de imagem gerada?

REFERÊNCIAS

- ABDI, H.; WILLIAMS, L. J. Principal Component Analysis. **Wiley Interdisciplinary Reviews: Computational Statistics**, v. 2, n. 4, p. 433–459, 2010. ISSN 19395108. Disponível em: <<http://dx.doi.org/10.1002/wics.101>>. Citado na página 21.
- AHONEN, T.; HADID, A.; PIETIKÄINEN, M. Face description with local binary patterns: application to face recognition. **IEEE transactions on pattern analysis and machine intelligence**, v. 28, n. 12, p. 2037–2041, dec 2006. ISSN 0162-8828. Disponível em: <<http://www.ncbi.nlm.nih.gov/pubmed/17108377>>. Citado na página 9.
- BATISTA, G. E.; PRATI, R. C.; MONARD, M. C. A study of the behavior of several methods for balancing machine learning training data. **ACM Sigkdd Explorations Newsletter**, v. 6, n. 1, p. 20–29, 2004. Disponível em: <<http://dl.acm.org/citation.cfm?id=1007735>>. Citado 4 vezes nas páginas 17, 18, 19 e 55.
- BOIMAN, O.; SHECHTMAN, E.; IRANI, M. In defense of Nearest-Neighbor based image classification. **IEEE Conference on Computer Vision and Pattern Recognition**, n. i, p. 1–8, 2008. Disponível em: <<http://ieeexplore.ieee.org/lpdocs/epic03/wrapper.htm?arnumber=4587598>>. Citado na página 20.
- BORGES, V. R. P.; OLIVEIRA, M. de; FERREIRA, T. G.; VIEIRA, A. A. H.; OLIVEIRA, M. C. F. de. Feature Extraction and Interactive Visualization to Assist Green Algae Taxonomic Classification. In: **XXVI SIBGRAPI - Conference on graphics, patterns and images**. Arequipa, Peru: [s.n.], 2013. p. 4. Disponível em: <<http://www.ucsp.edu.pe/sibgrapi2013/eproceedings/wip/115151.pdf>>. Citado 2 vezes nas páginas 9 e 14.
- CASTRO, C. L.; BRAGA, A. P. Aprendizado supervisionado com conjuntos de dados desbalanceados. **Sba Controle & Automação**, v. 22, n. 5, p. 441 – 446, 2011. Citado na página 17.
- CHAWLA, N. V.; HALL, L. O.; BOWYER, K. W. SMOTE: Synthetic Minority Over-sampling Technique. **Journal of Artificial Intelligence Research**, v. 16, p. 321–357, 2002. Disponível em: <http://link.springer.com/chapter/10.1007/3-540-45428-4{_}5<http://arxiv.org/abs/1106.1>>. Citado 2 vezes nas páginas 2 e 18.
- DALAL, N.; TRIGGS, B. Histograms of Oriented Gradients for Human Detection. In: **2005 IEEE Computer Society Conference on Computer Vision and Pattern Recognition (CVPR'05)**. IEEE, 2005. v. 1, p. 886–893. ISBN 0-7695-2372-2. ISSN 1063-6919. Disponível em: <<http://ieeexplore.ieee.org/lpdocs/epic03/wrapper.htm?arnumber=1467360>>. Citado na página 16.
- FISCHER, A.; IGEL, C. Training restricted Boltzmann machines: An introduction. **Pattern Recognition**, v. 47, n. 1, p. 25–39, jan 2014. ISSN 00313203. Citado na página 83.
- GARCIA, E. A. Learning from Imbalanced Data. **IEEE Transactions on Knowledge and Data Engineering**, v. 21, n. 9, p. 1263–1284, sep 2009. ISSN 1041-4347. Disponível em:

<<http://ieeexplore.ieee.org/lpdocs/epic03/wrapper.htm?arnumber=5128907>>. Citado na página 56.

GONZALEZ, R. C.; WOODS, R. E. **Digital Image Processing**. 3. ed. [S.l.]: Prentice-Hall, 2007. ISBN 013168728X. Citado 8 vezes nas páginas 8, 10, 11, 12, 14, 15, 29 e 33.

GROSS, R.; BRAJOVIC, V. An image preprocessing algorithm for illumination invariant face recognition. **Audio and Video-Based Biometric Person Authentication**, p. 10–18, 2003. Citado na página 11.

HAN, H.; WANG, W.-Y.; MAO, B.-H. Borderline-SMOTE: A new over-sampling method in imbalanced data sets learning. **Advances in intelligent computing**, Alvey Vision Club, v. 17, n. 12, p. 878–887, 2005. Citado na página 19.

HARALICK, R. M.; SHANMUGAM, K.; DINSTEIN, I. Textural Features for Image Classification. **IEEE Transactions on Systems, Man, and Cybernetics**, v. 3, n. 6, p. 610–621, nov 1973. ISSN 0018-9472. Disponível em: <<http://ieeexplore.ieee.org/lpdocs/epic03/wrapper.htm?arnumber=4309314>>. Citado na página 16.

HARRIS, C.; STEPHENS, M. A combined corner and edge detector. In: **Proceedings of the Alvey Vision Conference**. Alvey Vision Club, 1998. p. 147—152. Disponível em: <<http://www.bmva.org/bmvc/1988/avc-88-023.html>>. Citado na página 15.

HE, X.; NIYOGI, P. Locality preserving projections. In: **Neural information processing systems**. [S.l.: s.n.], 2004. v. 16, p. 153–160. ISBN 0262201526. Citado na página 22.

HUANG, J.; KUMAR, S. R.; MITRA, M.; ZHU, W.-J.; ZABIH, R. Image indexing using color correlograms. In: **Computer Society Conference on Computer Vision and Pattern Recognition**. IEEE, 1997. p. 762–768. ISBN 0-8186-7822-4. ISSN 1063-6919. Disponível em: <<http://ieeexplore.ieee.org/articleDetails.jsp?arnumber=609412>>. Citado na página 15.

JAPKOWICZ, N.; STEPHEN, S. The class imbalance problem : A systematic study. **Intelligent data analysis**, IOS Press, v. 6, n. 5, p. 429–449, 2002. Citado na página 19.

KANAN, C.; COTTRELL, G. W. Color-to-grayscale: does the method matter in image recognition? **PloS one**, v. 7, n. 1, p. e29740, jan 2012. ISSN 1932-6203. Disponível em: <<http://www.ncbi.nlm.nih.gov/pmc/articles/PMC3254613/>&tool=pmcentrez&rendertype=ab>. Citado na página 13.

KUNCHEVA, L. **Combining pattern classifiers: methods and algorithms**. [S.l.]: John Wiley & Sons, 2004. Citado na página 2.

LOWE, D. G. Distinctive image features from scale-invariant keypoints. **International Journal of Computer Vision**, v. 60, n. 2, p. 91–110, 2004. Disponível em: <<http://link.springer.com/article/10.1023/B:VISI.0000029664.99615.94>>. Citado na página 15.

OJALA, T.; PIETIKAINEN, M.; MAENPAA, T. Multiresolution gray-scale and rotation invariant texture classification with local binary patterns. **IEEE Transactions on Pattern Analysis and Machine Intelligence**, v. 24, n. 7, p. 971–987, jul 2002. ISSN 0162-8828. Disponível em: <<http://ieeexplore.ieee.org/lpdocs/epic03/wrapper.htm?arnumber=1017623>>. Citado na página 17.

- PASS, G.; ZABIH, R.; MILLER, J. Comparing images using color coherence vectors. In: **Proceedings of the fourth ACM international conference on Multimedia**. New York, USA: ACM Press, 1996. p. 65–73. ISBN 0897918711. Disponível em: <<http://dl.acm.org/citation.cfm?id=244130.244148>>. Citado na página 16.
- PAULOVICH, F. V.; OLIVEIRA, M. C. F.; MINGHIM, R. The Projection Explorer: A Flexible Tool for Projection-based Multidimensional Visualization. In: **XX Brazilian Symposium on Computer Graphics and Image Processing (SIBGRAPI 2007)**. IEEE, 2007. p. 27–36. ISBN 0-7695-2996-8. ISSN 1530-1834. Disponível em: <<http://ieeexplore.ieee.org/lpdocs/epic03/wrapper.htm?arnumber=4368165>>. Citado na página 21.
- PENATTI, O. A.; VALLE, E.; TORRES, R. d. S. Comparative study of global color and texture descriptors for web image retrieval. **Journal of Visual Communication and Image Representation**, v. 23, n. 2, p. 359–380, feb 2012. ISSN 10473203. Disponível em: <<http://www.sciencedirect.com/science/article/pii/S1047320311001465>>. Citado na página 25.
- PONTI, M.; ESCOBAR, L. Compact color features with bitwise quantization and reduced resolution for mobile processing. In: **Global Conference on Signal and Information Processing**. Austin, TX, Estados Unidos: [s.n.], 2013. p. 751–754. Disponível em: <<http://link.springer.com/article/10.1007/s11760-011-0216-x>>. Citado na página 13.
- PONTI, M.; MASCARENHAS, N.; FERREIRA, P.; SUAZO, C. Three-dimensional noisy image restoration using filtered extrapolation and deconvolution. **Signal, Image and Video Processing**, v. 7, n. 1, p. 1–10, feb 2011. ISSN 1863-1703. Disponível em: <<http://link.springer.com/10.1007/s11760-011-0216-x>>. Citado na página 8.
- PONTI, M.; NAZARÉ, T. S.; THUMÉ, G. S. Image quantization as a dimensionality reduction procedure in color and texture feature extraction. **Neurocomputing**, v. 173, p. 385–396, jan 2016. ISSN 09252312. Disponível em: <<http://www.sciencedirect.com/science/article/pii/S0925231215012771>>. Citado 12 vezes nas páginas xviii, 27, 28, 45, 47, 48, 49, 50, 51, 71, 72 e 74.
- PONTI, M. P. Microscope Volume Segmentation Improved through Non-Linear Restoration. **International Journal of Natural Computing Research**, IGI Global, v. 1, n. 4, p. 37–46, jan 2010. ISSN 1947-928X. Disponível em: <<http://www.igi-global.com/article/microscope-segmentation-improved-through-non/52614>> http://services.igi-global.com/resolvedoi/resolve.aspx?doi=10.4018/jncr.2010100104. Citado na página 8.
- ROCHA, A.; HAUAGGE, D. C.; WAINER, J.; GOLDENSTEIN, S. Automatic fruit and vegetable classification from images. **Computers and Electronics in Agriculture**, v. 70, n. 1, p. 96–104, jan 2010. ISSN 01681699. Disponível em: <<http://www.sciencedirect.com/science/article/pii/S016816990900180X>>. Citado na página 44.
- SCHMIDHUBER, J. Deep learning in neural networks: An overview. **Neural Networks**, p. 88, oct 2014. ISSN 08936080. Disponível em: <<http://arxiv.org/abs/1404.7828>>. Citado na página 83.
- SMITH, S. M.; BRADY, J. M. SUSAN—a new approach to low level image processing. **International journal of computer vision**, v. 23, n. 1, p. 45–78, 1997. Disponível em: <<http://link.springer.com/article/10.1023/A:1007963824710>>. Citado na página 15.

STEHLING, R. O.; NASCIMENTO, M. A.; FALCÃO, A. X. A compact and efficient image retrieval approach based on border/interior pixel classification. In: **Proceedings of the eleventh international conference on Information and knowledge management**. New York, USA: ACM Press, 2002. p. 102–109. ISBN 1581134924. Disponível em: <<http://dl.acm.org/citation.cfm?id=584792.584812>>. Citado na página 15.

TOMASI, C.; MANDUCHI, R. Bilateral filtering for gray and color images. In: **Sixth International Conference on Computer Vision (IEEE Cat. No.98CH36271)**. Narosa Publishing House, 1998. p. 839–846. ISBN 81-7319-221-9. Disponível em: <<http://ieeexplore.ieee.org/lpdocs/epic03/wrapper.htm?arnumber=710815>>. Citado 2 vezes nas páginas 30 e 32.

WANG, X.; HAN, T. X.; YAN, S. An HOG-LBP human detector with partial occlusion handling. **IEEE 12th International Conference on Computer Vision**, IEEE, 2009. Citado na página 15.

_____. _____. In: **2009 IEEE 12th International Conference on Computer Vision**. IEEE, 2009. p. 32–39. ISBN 978-1-4244-4420-5. ISSN 1550-5499. Disponível em: <<http://ieeexplore.ieee.org/lpdocs/epic03/wrapper.htm?arnumber=5459207>>. Citado na página 25.

XU, Y.; ZHANG, Z.; LU, G.; YANG, J. Approximately symmetrical face images for image preprocessing in face recognition and sparse representation based classification. **Pattern Recognition**, jan 2016. ISSN 00313203. Disponível em: <<http://www.sciencedirect.com/science/article/pii/S0031320316000121>>. Citado na página 10.

ZHUO, L.; CHENG, B.; ZHANG, J. A comparative study of dimensionality reduction methods for large-scale image retrieval. **Neurocomputing**, Elsevier, v. 141, p. 202–210, oct 2014. ISSN 09252312. Disponível em: <<http://linkinghub.elsevier.com/retrieve/pii/S0925231214004238>>. Citado na página 22.